



# Universidade Católica Portuguesa Centro Regional de Braga

## A Dupla Lua Indicadores de Validação Junto de Filhos de Famílias Divorciadas

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade Católica Portuguesa para  
obtenção do grau de mestre em **Psicologia  
da Família**.

**Bruno Eduardo de Macedo Lima**



FACULDADE DE FILOSOFIA  
NOVEMBRO DE 2013



# **Universidade Católica Portuguesa**

## **Centro Regional de Braga**

### **A Dupla Lua**

### **Indicadores de Validação**

### **Junto de Filhos de Famílias Divorciadas**

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade Católica Portuguesa para  
obtenção do grau de mestre em **Psicologia  
da Família**.

**Bruno Eduardo de Macedo Lima**

Sob a Orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora  
**Armanda Paula Cunha Gonçalves**



FACULDADE DE FILOSOFIA  
NOVEMBRO DE 2013



*Adolescentes com opiniões positivas sobre o divórcio dos pais e níveis mais elevados de resistência e comunicação na família foram considerados resilientes (...) Os autores identificaram crianças como resilientes quando relatavam ter ambientes mais estáveis na família, relacionamentos mais carinhosos com seus pais e uma disciplina familiar consistente e mais adequada à idade (DeHaan, Hawley & Deal, 2013)*

## **Agradecimentos**

Gostaria de deixar umas palavras de apreço pelas pessoas que me acompanharam até aqui.

Devo agradecer à Doutora Armanda pelo tempo e dedicação, pelo esforço e motivação que em cada encontro deixou patente. Foi a minha mentora por muito tempo e deixa a sua marca de compromisso, superação e continuidade para uma formação que não tem fim.

A todos os professores da Licenciatura e do Mestrado, que nunca tivemos a oportunidade de agradecer, fica aqui um espaço a eles dedicado, pelo empenho em enaltecer o curso de Psicologia na Faculdade. Todos eles de formas diferentes deixam a sua influência.

À Doutora Fabrizia Raguso deixo o meu grande apreço pela inovação, pela influência de outra(s) cultura(s), outros horizontes, pela sua dedicação em nos fazer questionar, nos tornar mais curiosos e nos apresentar outras maneiras de pensar. Foram três anos reveladores com a Psicologia da Família, que deixam a vontade de indagar cada vez mais profundamente sobre a disciplina no intuito de melhor ajudar o próximo.

Dedico o estudo aos participantes em quem penso todos os dias, que gostaria de visitar e acompanhar, porque são eles a verdadeira fonte de conhecimento.

Aos meus familiares mais próximos e mais queridos, pais, irmãos e família Oliveira, estão sempre no meu coração e pensamento.

À Rafaela, pelo amor incondicional, pela ajuda preciosa e motivação em que basta um sorriso para me encher de vitalidade, fico-te imensamente agradecido.

## **Resumo**

Este estudo surge no âmbito da continuação da aferição do instrumento italiano A Dupla Lua (Greco, 2004) para o contexto português, iniciado por Costa (2013) e Moreno (2013). Os objetivos prenderam-se com a avaliação das propriedades psicométricas da validade de constructo através da validade convergente e validade discriminante e a utilidade clínica junto de uma amostra de 20 participantes, nove rapazes e 11 raparigas filhos de famílias divorciadas com idades entre os 6 e os 16 anos. Para a avaliação da validade convergente utilizamos o Teste do Desenho da Família (TDF) de Corman (2003) e para a validade discriminante aplicamos a CBCL na versão de Achenbach (1991). Os resultados apontam-nos para uma convergência razoável entre os constructos da Dupla Lua e os domínios seleccionados do TDF num valor igual ou superior a metade da amostra (10). Por sua vez, os resultados da validade discriminante indicam que não existe relação entre os constructos. A Dupla Lua demonstrou ser sensível na avaliação dos constructos que se propõe avaliar, permitindo uma representação fina dos limites e pertença familiares, o que lhe confere utilidade no âmbito clínico português de avaliação de fronteiras, pertenças e conflitos familiares.

**Palavras-chave:** Dupla Lua, aferição, validade de constructo, validade convergente, validade discriminante, utilidade clínica.

## **Abstract**

This study continues the validation process of the Italian instrument The Double Moon (Greco, 2004) to the Portuguese context, started by Costa (2013) and Moreno (2013). The objectives were related to the assessment of the psychometric properties of construct validity through convergent validity and discriminant validity and clinical utility made with a sample of 20 participants, nine boys and 11 girls from divorced families aged from 6 to 16 years. For the assessment of the convergent validity, we used the Family Drawing Test of Corman (2003) and for the discriminant validity we applied the CBCL version of Achenbach (1991). The results point us to a reasonable convergence between the constructs of the Double Moon and the selected domains of Family Drawing Test in an amount equal to or greater than half the sample (10). In turn, the results of discriminant validity indicated that there is no relationship between the constructs. The Double Moon proved to be sensitive in the assessment of the constructs that it intends to evaluate, allowing a fine representation of the family boundaries and belongings, which translates utility in the Portuguese clinical setting when assessing boundaries, belongings and family conflicts.

**Keywords:** Double Moon, validation process, construct validity, convergent validity, discriminant validity, clinical utility.

## Índice

1. Introdução .....	12
2. A Família em Mudança Constante.....	15
2.1. (In)Definição, Tipos e Funções da Família .....	16
2.2. Transformações da Família.....	22
2.3. Elementos de Convergência na Diferença .....	24
3. As Famílias Divorciadas.....	27
3.1. Fatores Impulsionares do Divórcio.....	29
3.2. Modelos Sobre o Divórcio.....	34
3.3. O Impacto do Divórcio nos Filhos.....	42
3.3.1. Estudos portugueses sobre o impacto do divórcio nas crianças. ....	49
4. A Avaliação Psicológica.....	53
4.1. Os Testes Projetivos na Avaliação Psicológica .....	54
5. Método.....	62
5.1. Desenho de Estudo.....	63
5.2. Participantes.....	64
5.3. Instrumentos.....	65
5.3.1. Dupla Lua. ....	65
5.3.2. Teste do Desenho da Família.....	71
5.3.3. CBCL.....	74
5.3.4. Questionário sociodemográfico. ....	76
5.4. Procedimentos de Recolha e Análise de Dados.....	77
6. Resultados.....	80
6.1. Resultados da CBCL.....	80
6.2. Resultados do TDF .....	84
6.3. Resultados da Dupla Lua .....	88
6.4. Integração de Resultados .....	102
7. Discussão de Resultados.....	106
8. Conclusão.....	109
9. Apêndices.....	111
10. Referências Bibliográficas.....	163

## **Lista de Apêndices**

Apêndice A - Folha do Desenho da Dupla Lua .....	112
Apêndice B - Instruções de Aplicação Para Crianças/Jovens .....	113
Apêndice C - Grelha de Análise da Dupla Lua .....	114
Apêndice D - Grelha Qualitativa do Teste Do Desenho da Família .....	122
Apêndice E - Questionário Sociodemográfico .....	127
Apêndice F - Carta de Explicação do Estudo e do Consentimento Informado .....	129
Apêndice G - Formulário de Consentimento.....	130
Apêndice H - Perfil de Problemas de Todos os Participantes .....	131
Apêndice I - Quadro de Resultados do TDF .....	132
Apêndice J - Desenhos e Análises da Dupla Lua por Participante.....	140

## Índice de Quadros e Figuras

### Figuras

Figura 3.1. Total de Divórcios por Ano e Duração Média do Casamento (INE, 2013) .	28
Figura 5.1. Exemplos de Modalidades Gráficas (Greco, 2004) .....	70
Figura 6.1. Resultados Médios das Subescalas no Perfil de Problemas.....	81
Figura 6.2. Perfil de Problemas de J.....	82
Figura 6.3. Grupo que não Apresenta Problemas.....	82
Figura 6.4. Grupo com Problemas nas Subescalas de Internalização .....	83
Figura 6.5. Grupo com Problemas em Diversas Subescalas .....	84
Figura 6.6. Exemplo de Um Bom Nível de Diferenciação.....	85
Figura 6.7. Exemplo de Separação Entre Participante e Elementos da Família.....	86
Figura 6.8. Exemplos de Proximidade Entre Elementos Familiares .....	86
Figura 6.9. Exemplo de Boa Definição de Fronteiras Geracionais .....	87
Figura 6.10. Exemplo de Dificuldade na Definição de Fronteiras Geracionais .....	87
Figura 6.11. Exemplo de Definição Ambígua de Fronteiras Geracionais.....	88
Figura 6.12. Exemplo de Boa Definição de Fronteiras Familiares .....	88
Figura 6.13. Representação das Fronteiras Individuais.....	89
Figura 6.14. Representação das Fronteiras Geracionais.....	91
Figura 6.15. Representação das Fronteiras Familiares .....	92
Figura 6.16. Exemplos das Novas Modalidades Gráficas Emergidas Neste Estudo ....	93
Figura 6.17. Modalidades Gráficas Integravas .....	95
Figura 6.18. MGNI de Uma Família para Cada Pessoa. ....	96
Figura 6.19. MGNI de Isolamento do Sujeito. ....	97
Figura 6.20. MGNI de Uma Família Para Cada Pessoa e Isolamento do Sujeito .....	97
Figura 6.21. MGNI de Inclusão de Elementos Extrafamiliares. ....	98
Figura 6.22. MGNI A Favor da Mãe. ....	98
Figura 6.23. MGNI de Posicionamento A Favor da Mãe e de Exclusão do Pai. ....	99
Figura 6.24. MGNI de Exclusão do Pai.....	100
Figura 6.25. MGNI de Exclusão do Pai e de Uma Família para Cada Pessoa .....	100
Figura 6.26. MGNI de Exclusão do Pai, Uma Família para Cada Pessoa e Isolamento do Sujeito.....	101
Figura 9.1. Folha do Desenho da Dupla Lua.....	112
Figura 9.2 – Pontuações por Subescala .....	131

Figura 9.3. Dupla Lua de A.F. ....	140
Figura 9.4. Dupla Lua de A. ....	141
Figura 9.5. Dupla Lua de P. ....	142
Figura 9.6. Dupla Lua de J. ....	143
Figura 9.7. Dupla Lua de S. ....	145
Figura 9.8. Dupla Lua de V. ....	146
Figura 9.9. Dupla Lua de L. ....	147
Figura 9.10. Dupla Lua de M. ....	148
Figura 9.11. Dupla Lua de I. ....	149
Figura 9.12. Dupla Lua de Ma. ....	150
Figura 9.13. Dupla Lua de An. ....	151
Figura 9.14. Dupla Lua de Cr. ....	152
Figura 9.15. Dupla Lua de F. ....	153
Figura 9.16. Dupla Lua de C. ....	154
Figura 9.17. Dupla Lua de R. ....	155
Figura 9.18. Dupla Lua de E. ....	156
Figura 9.19. Dupla Lua de T. ....	158
Figura 9.20. Dupla Lua de Ri. ....	159
Figura 9.21. Dupla Lua de R.P. ....	160
Figura 9.22. Dupla Lua de Fr. ....	161

## **Quadros**

Quadro 5.1 Tipos de Modalidades Gráficas ....	69
Quadro 6.1 Resultados Relativos ao Tipo de Fronteiras ....	92
Quadro 6.2 Modalidades Gráficas Encontradas ....	101
Quadro 6.3 Número de Convergências das Fronteiras ....	104
Quadro 6.4 Correspondência dos Resultados das Subescalas com as Fronteiras.....	105
Quadro 9.1 Resultados TDF ....	132
Quadro 9.2 Análise da Dupla Lua de A.F. ....	140
Quadro 9.3 Análise da Dupla Lua de A. ....	141
Quadro 9.4 Análise da Dupla Lua de P. ....	142
Quadro 9.5 Análise da Dupla Lua de J. ....	143
Quadro 9.6 Análise da Dupla Lua de S. ....	145
Quadro 9.7 Análise da Dupla Lua de V. ....	146

Quadro 9.8 Análise da Dupla Lua de L. ....	147
Quadro 9.9 Análise da Dupla Lua de M. ....	148
Quadro 9.10 Análise da Dupla Lua de I. ....	149
Quadro 9.11 Análise da Dupla Lua de Ma. ....	150
Quadro 9.12 Análise da Dupla Lua de An. ....	151
Quadro 9.13 Análise da Dupla Lua de Cr. ....	152
Quadro 9.14 Análise da Dupla Lua de F. ....	153
Quadro 9.15 Análise da Dupla Lua de C. ....	154
Quadro 9.16 Análise da Dupla Lua de R. ....	155
Quadro 9.17 Análise da Dupla Lua de E. ....	156
Quadro 9.18 Análise da Dupla Lua de T. ....	158
Quadro 9.19 Análise da Dupla Lua de Ri. ....	159
Quadro 9.20 Análise da Dupla Lua de R.P. ....	160
Quadro 9.21 Análise da Dupla Lua de Fr. ....	161

## **1. Introdução**

A proposta do nosso trabalho surge como mais um passo no processo de validação de um instrumento de avaliação psicológica para o contexto português. Existe um escasso número e variedade de provas que se encontram devidamente validadas para a população portuguesa e perante esta necessidade, resolvemos prosseguir com um trabalho iniciado por dois colegas no âmbito da dissertação de Mestrado em Psicologia da Família no ano letivo de 2010/2011.

O instrumento alvo do processo de validação chama-se a Dupla Lua (Ondina Greco, 2004), e trata-se de um instrumento construtivo e projetivo que testa os limites e as pertenças familiares. Esta tipologia de instrumentos é ainda mais escassa no nosso contexto. A função da Dupla Lua (Greco, 2004) é aclarar os possíveis conflitos de pertença e de lealdade em tipos de famílias consideradas complexas devido à estrutura que a compõe, como no caso das famílias divorciadas, recompostas, adotantes, de acolhimento, ou afetadas na sua estrutura derivado da morte de um dos elementos, sendo o denominador comum entre elas, a presença de dois ou mais polos de conflito.

O processo de aferição teria começado no ano de 2010, durante o qual foram realizadas diversas etapas do processo como a tradução das instruções do instrumento e da grelha de análise e a retrotradução que foi entregue à autora italiana de forma a analisar se o sentido original teria sido mantido. Foi também realizada uma reflexão falada para analisar o instrumento posteriormente, tendo consistido na leitura das instruções e conseqüente reflexão sobre a compreensão generalizada do grupo, composto por 10 pessoas portuguesas de idades e níveis socio culturais diferentes (Costa, 2013; Moreno, 2013).

O objetivo que está subjacente à continuidade do processo de aferição é o de proceder à validação de constructo do instrumento, que implica o teste da validade convergente e discriminante. Devemos auxiliarmo-nos de outros instrumentos que, no primeiro caso possam ter constructos de base semelhantes e estabelecerem relação com os constructos da Dupla Lua, e no caso da validade discriminante, auxiliarmo-nos de um instrumento que não seja espectável ter uma relação clara com os constructos da Dupla Lua. Para a avaliação da validade convergente selecionamos o Teste do Desenho da Família (TDF) de Corman (2003), um teste projetivo à semelhança da Dupla Lua, que por sua vez foi construído com o intuito de indagar sobre a personalidade da criança. A

ponte que iremos traçar entre ambos os instrumentos, prende-se com a convergência dos resultados em relação às fronteiras individuais, geracionais e familiares da Dupla Lua, sendo necessário para isso selecionar as dimensões adequadas da grelha de análise do TDF para fazer corresponder a esta análise. Para o teste da validade discriminante selecionamos o *Child Behavior Checklist (CBCL)* na versão original de Achenbach (1991), tratando-se de um questionário que tem como objetivo avaliar o funcionamento adaptativo e mal adaptativo em crianças e jovens com idades entre os 6 e os 18 anos. Este questionário foi recentemente aferido para a população portuguesa, mas numa altura posterior à nossa aplicação. Espera-se com a aplicação deste instrumento que os seus resultados não tenham relação com os da Dupla Lua. A população-alvo selecionada foram os filhos de famílias divorciadas com idades entre os 6 e 16 anos, numa amostra de 20, critério decidido pela equipa internacional que se encontra a validar um protocolo quantitativo.

Antes de chegarmos à parte empírica do nosso estudo, existe a premência de explanar um pouco sobre o que a literatura nos diz sobre as tipologias de família, como esta evoluiu, como a poderemos definir se é que é possível, e quais os elementos que encontramos em comum nas diferentes tipologias e formas de família. Esta temática será abordada no ponto seguinte, formando uma base sólida para o ponto três onde iremos falar especificamente das famílias divorciadas.

As famílias divorciadas são uma das tipologias de família que são consideradas complexas na sua estrutura e foram os filhos de famílias divorciadas que escolhemos para participarem na nossa investigação. No ponto três vamos perceber melhor o que possa despoletar o divórcio, como este é explicado à luz de diferentes teorias e qual o impacto que ele surte nos filhos, recorrendo a estudos realizados no contexto nacional.

Tratando-se de um estudo de aferição de qualidades psicométricas de um instrumento, devemos abordar as funções da Avaliação Psicológica, pois é o nosso intuito contribuir para o enriquecimento desta no panorama português. Assim, no ponto quatro falaremos rapidamente do aparecimento da Avaliação Psicológica e da Psicometria como meio de sustentar uma adequada avaliação dos diferentes domínios da pessoa. Mais concretamente, sentimos a necessidade de nos focarmos sobre os testes projetivos, seu aparecimento, fundamento e a sua especificidade. No que consta da validação são instrumentos bastante controversos, sendo-lhes apontado a falta de rigor metodológico na validação, logo achamos necessário fazer um exercício cuidado de

adaptação das qualidades psicométricas tradicionalmente quantitativas, à natureza qualitativa destes testes.

O ponto cinco é dedicado ao método, detalhando os objetivos ambicionados para a investigação e como procedemos para os atingir, qual o desenho escolhido, qual a população selecionada, que instrumentos fizeram parte do estudo e de que maneira procedemos para obtermos os dados.

Segue-se o ponto seis com os resultados obtidos por instrumento, iniciando com os da CBCL, depois TDF e Dupla Lua, havendo espaço no final para uma integração dos resultados, apontando para as evidências da validade convergente e discriminante.

No ponto 7 discutimos os resultados obtidos e exploramos as coerências e incoerências que esperávamos e encontramos na literatura.

Por fim, na conclusão deixamos os principais aspetos que devemos ressaltar, bem como os limites associados à nossa investigação e futuros estudos que pudessem ser realizados.

## **2. A Família em Mudança Constante**

O interesse pela origem e estudo da família começou a revelar-se com maior incidência em meados do século XIX através da Sociologia. Surgiu neste século devido ao desafio que se lançava sobre os sociólogos, interpelados para prevenir a desintegração das sociedades devido ao crescimento exponencial que estavam a experienciar. A maior parte dos estudos realizados na Europa eram financiados e requeridos pelos governos tendo em vista a criação de políticas sociais e de família que se debruçassem sobre os problemas vigentes, tais como a pobreza ou o abuso de crianças (Cunha, 2005). O estudo da família foi também fortemente influenciado pela corrente evolucionista de Darwin, emergindo teorias e modelos propostos pelos sociólogos que previam a evolução da família desde a sua origem, passando por uma série de fases até chegarmos às concepções atuais (Fuster & Ochoa, 2000).

A atenção do tema da família na Psicologia surgiu mais tarde, o que levou alguns autores a considerar que este objeto de estudo tenha sido negligenciado durante muito tempo pelas vertentes da Psicologia em geral. O interesse e desenvolvimento do estudo da família derivou do trabalho de teóricos de diversas disciplinas. A partir dos anos 1930 deu-se um desvio gradual da atenção do estudo do campo intrapsíquico para o campo relacional, emergindo conceitos como o papel social e os primeiros esboços de práticas como terapia de grupo e psicodrama. Em 1937 Ackerman publicou o artigo “A Família como Unidade Social e Afetiva”, onde enfatiza a importância dos papéis desempenhados na família e o impacto que surtem no relacionamento dos seus membros. Em 1948, Fromm-Riechmann elaborou o conceito de mãe esquizofrénica, referindo-se a um modelo causal linear que explicava que os filhos esquizofrénicos eram vítimas das mães agressivas ou distantes. Na década de 50 o estudo da família teve a preocupação de formar uma base para dar sentido ao trabalho realizado junto da população diagnosticada com a patologia de esquizofrenia e que não recebia os tratamentos convencionais (Zuma, 1997). Gregory Bateson, antropólogo, foi um dos protagonistas desta década, ao desenvolver trabalhos na área da comunicação como “Communication: The Social Matrix of Psychiatry” em 1951, e mais tarde, em 1956 em colaboração com Donald Jackson, Jay Haley e John Weakland compilaram a obra “Towards a Theory of Schizophrenia”. Nessa obra, o grupo de trabalho de Palo Alto liderado por Bateson desenvolveu a Teoria de Duplo Vínculo que se refere a um

paradoxo de comunicação levado a cabo por mensagens que são transmitidas de forma contraditória e que podem desenvolver sintomas esquizofrênicos (Bateson, Jackson, Haley & Weakland, 1956). Outras teorias como a Teoria Geral dos Sistemas de Bertalanffy, a Cibernética, a Biologia com Humberto Maturana foram outras influências que se adicionavam e convergiam na preocupação do ser humano como ser relacional, mudando o foco individual da investigação e intervenção psicológica vigente, para uma dimensão familiar e suas interações entre os membros (Vogel, 2011).

A partir dos anos 80 começaram a desenvolver-se teorias específicas acerca das relações familiares e do matrimónio, superando a conceção que maioritariamente até então vigorava da família como cenário ou pano de fundo no qual acontecia o desenvolvimento individual (Fuster & Ochoa, 2000). Concretamente a emergente Psicologia Social tomou interesse sobre a matéria devido à consciencialização de que a família é um contexto natural de desenvolvimento humano, que pode fomentar o ajustamento psicossocial, que por sua vez se pode traduzir em funcionamento saudável. A família é também entendida como um contexto privilegiado em comparação com outros, como o trabalho, dinheiro ou amizades.

As mudanças que se faziam sentir neste período no seio da família também contribuíram para a emergência da família como objeto de estudo, entre elas o aumento da idade em que as pessoas se decidem casar, o aumento de famílias monoparentais, o aumento dos divórcios, aumento de uniões de facto, diminuição da taxa de natalidade, entre outros fatores. Assim, o interesse da Psicologia sobre o tema foi também influenciado pelos problemas que se davam e dos quais os relatos iam aumentando, como os casos de violência ou negligência familiar, em que a probabilidade de acontecerem é maior dentro da família do que noutro contexto, com exceção do contexto militar em tempos de guerra (Fuster & Ochoa, 2000).

## **2.1. (In)Definição, Tipos e Funções da Família**

O primeiro problema que surge no estudo da área de família é a sua própria definição. O que é uma família pode-nos parecer óbvio. O próprio termo família pode ser considerado polissémico por designar tanto os indivíduos ligados pelo sangue e pela aliança familiar, como designar a instituição que os rege (Segalen, 1999). Definir família pode ser concebido tendo em conta as diferenças culturais e de valores, bem como tendo em atenção os níveis de discurso, como o religioso, moral, legal, das

políticas sociais, tradições culturais, até à especificidade da história e tradição familiar de cada família e de cada indivíduo (Saraceno & Naldini, 2003).

Segundo o senso comum, considera-se que o cuidado e apoio mútuos, a educação e o cuidado dos filhos, a atividade sexual sejam funções e características essenciais da família nuclear ocidental. A família nuclear dá-se assim que nasce uma criança, fruto de um relacionamento oficializado de marido e esposa. Esta pequena unidade compreende a partilha da habitação e estrutura-se mediante vínculos de afeto, identidade comum e apoio mútuo (Fuster & Ochoa, 2000).

Ao examinarmos alguns dicionários sobre o termo família encontramos uma derivação num sentido mais primário que remonta ao tempo dos antigos Romanos, significando a reunião de escravos e criados que pertenciam ao mesmo indivíduo ou serviço público, elucidando-nos também sobre a noção de chefe de família (Lello & Lello, 1988). Segundo o “Dicionário da Língua Portuguesa” da Porto Editora (2013), família significa o conjunto de pessoas em relação de parentesco que vivem juntas, o agregado familiar; o grupo de pessoas formado pelos progenitores e seus descendentes, linhagem e estirpe; o conjunto de pessoas do mesmo sangue ou parentes por aliança; grupo de pessoas unidas pelo vínculo do casamento, afinidade ou adoção; grupo de pessoas com origem, ocupação ou outra característica em comum; raça.

Na legislação portuguesa e segundo a VII Revisão Institucional da Constituição da República Portuguesa (Assembleia da República, 2005) e o Código Civil (Assembleia da República, 2013), não encontramos referências concretas duma definição de família, mas sim quais os direitos e deveres delas e como se regulam. Entre estas características encontramos a referência à família como o elemento fundamental da sociedade no Capítulo II, art.º 67º, 1 (Assembleia da República, 2005), onde a maternidade e a paternidade constituem valores sociais eminentes, no art.º 68, 2 (Assembleia da República, 2005), existindo a responsabilidade dos pais perante a educação e manutenção dos filhos, no art.º 36, 5 (Assembleia da República, 2005). Existem também referências à proteção nas situações onde a configuração familiar prévia ao casamento já contava com filhos e à adoção, no art.º 36, 4 e 7, à procriação assistida no art.º 67, 2 alínea e) e à dissolução do casamento ou divórcio no art.º 36, 2, predizendo algumas das estruturas familiares existentes, como as adotivas, reconstituídas e monoparentais. No Código Civil (Assembleia da República, 2013) também não está patente o/os critério/os que possam definir a família, mas encontramos

referências à regularização de diversas relações e funções familiares e de diversas formas que a família possa adquirir. Como relações familiares, mencionam o casamento, a filiação, a perfilhação, a filiação adotiva, a regulamentação destas e de outras fases, como a regulamentação do divórcio e adoção. Sobre a perfilhação, filiação e adoção, encontramos também indicadores que nos possam sugerir a hierarquização de poder, e mais explicitamente alusão a funções e responsabilidade perante os menores no seu desenvolvimento e formação, saúde e bem-estar. Quanto às formas de família, é referida a família adotiva, regulada a família reconstituída, a família monoparental e a família de acolhimento (Assembleia da República, 2013).

Recuperando o pensamento de Lévi-Strauss (citado em Roudinesco, 2003), a família, sob configuração de uma união mais ou menos duradoura e socialmente aprovada de um homem e uma mulher com os seus filhos, é um fenómeno universal, encontrada em todos os tipos de sociedades. Esta sua teoria suportava-se nos achados da Antropologia, que desconfirmava a hipótese vigente de que a família na sua configuração moderna, era fruto de uma longa e lenta evolução. Outra das características da família por si apontadas seria a necessidade da existência prévia de duas outras famílias, que fornecessem o homem e a mulher para que através do casamento possam fazer nascer uma nova. Defende também que a diferença distintiva do ser humano em relação ao reino animal é a de que as famílias não seriam capazes de existir sem sociedade, sem que outras famílias reconheçam outros laços além dos de consanguinidade como possibilidade para atingir a filiação, através da aliança. Segundo estas considerações, a família pode ser considerada duplamente universal, uma vez que associa um facto cultural construído pela sociedade, como aquele do casamento que regulamenta as relações entre homens e mulheres, e um facto da natureza, circunscrito nas leis da reprodução biológica (Roudinesco, 2003). O autor considera também a vasta diversidade na organização familiar, relacionada diretamente com um leque de culturas bastante amplo, mas aponta que as transformações da família ao longo do tempo e o olhar para a compreensão e estudo da família, assentam em duas grandes ordens, a biológica com a diferença de género e a simbólica com a proibição do incesto (Lévi-Strauss, citado em Roudinesco, 2003)

Numa linha de pensamento semelhante, Murdock (1949) define a família como sendo um grupo social caracterizado pela residência, economia, cooperação e reprodução comum. Esta inclui adultos de ambos os géneros em que pelo menos dois deles mantêm

um relacionamento sexual aprovado socialmente, uma ou mais crianças fruto da relação ou adotadas pelo casal. As funções da família dividem-se em quatro dimensões, a sexual, a de reprodução, a de socialização e a económica. A dimensão sexual refere-se à providência por parte da família de um ambiente regulador dos desejos sexuais. A dimensão de reprodução remete-se para um fator essencial da sobrevivência da sociedade humana. A socialização constituiu o leque de normas e valores da sociedade que se transmitem à prole. Por fim, a dimensão económica remete-se à providência de abrigo e de divisão do trabalho. O autor vê a necessidade de distinguir família de casamento, referindo-se o último aos costumes complexos centrados na relação entre dois adultos envolvidos sexualmente dentro da família. Através de uma investigação junto de 250 sociedades humanas representativas, emergiram três tipos de organização familiar distintos. O primeiro, que caracterizou como sendo o mais básico denominado de família nuclear, consiste no homem e mulher casados e os seus filhos, podendo outras pessoas residir com eles. Estas famílias podem ainda combinar-se e formar grupos maiores, em que o princípio que as distingue reside na forma como elas se afiliam. Uma das formas que podem adquirir são as famílias extensas, que compreendem duas ou mais famílias nucleares, estruturadas sobre o princípio de relações de geração pais-filhos. A outra tipologia de famílias é a poligâmica, composta por duas ou mais famílias nucleares estruturadas sobre vários matrimónios onde existe um elemento casado em comum, sendo então o princípio que as une, as relações marido-mulher. Pelos seus achados, concluiu que a família nuclear é um grupo social universal, seja ela como a forma de família prevalente ou unidade básica de sistemas familiares mais complexos, ela existe como um grupo distinto e fortemente funcional em todas as sociedades conhecidas (Murdock, 1949).

As críticas a esta teoria fizeram-se sentir, incidindo sobretudo no aspeto da universalidade da família nuclear. Para Gough (1971), a família define-se como um casal ou outro grupo de parentes adultos que coopera economicamente e na educação dos filhos, em que todos ou na maioria, partilham uma habitação comum. Definição algo semelhante à de Murdock, mas a autora não aponta aqui a diferença de género ou o matrimónio como forma de regular a união que futuramente através da filiação resulta na família. Através desta conceção, delimita cinco tipos de famílias, as extensas, podendo contar com três gerações de irmãos e irmãs casadas, as *grandfamilies*, descendentes apenas de um casal de avós, as *matrilineage households* em que os irmãos

e irmãs partilham a casa com os filhos das irmãs, e em que os homens raramente visitam as suas mulheres noutra casa, as famílias poligâmicas, onde um homem pode ter várias esposas ou as mulheres podem ter vários maridos dependendo das culturas e por fim as famílias nucleares. Como regras universais elenca (a) a proibição do incesto e casamento de parentes próximos, (b) a divisão de trabalho baseado no género, com variações na rigidez mas nunca ausente em nenhuma sociedade humana, (c) o casamento como uma união socialmente reconhecível e duradoura mas não necessariamente como um relacionamento entre um homem e uma mulher com a duração de uma vida e por fim, (d) o facto de o homem ter, na sua generalidade, uma autoridade e estatuto superior em relação à mulher sobre a família, apesar de as mulheres de mais idade terem influência e alguma autoridade sobre os homens mais novos. Existem ainda sociedades matriarcais, e este, será o argumento chave que questiona a universalidade da família nuclear, onde as mulheres exercem o poder e a autoridade e os homens vivem inclusivamente separados das suas esposas e filhos, como as sociedades de Nyar na Índia do Sul, a tribo de Hopi, uma reserva situada no estado de Arizona nos Estados Unidos da América, Ashanti no Gana ou Minangkabau, situada na Sumatra (Gough, 1971).

Numa linha de pensamento distinta, encontramos (Zonabend, 1988), que faz uma crítica às teorias anteriormente explanadas e outras que sigam o forte sentido biologicista em que enquadram a família, os seus membros, e as suas funções. Para a autora, as razões biológicas por si só não são suficientes para explicar a família, nem a paternidade ou a maternidade se reduzem a papéis meramente biológicos. Estes papéis são determinados socialmente, assim como o amor materno ou paterno. Mais ainda, independentemente de como uma sociedade decide assinalar a construção de uma família, seja por intermédio do casamento ou outra forma, as diversas modalidades não surgem do meio natural, mas sim de convenção social.

Para Cigoli e Scabini (2000), a família é a única organização que que liga e regula as diferenças originárias e fundamentais do ser humano, sendo elas a de género, de geração e de estirpes, relativas à árvore genealógica de cada progenitor, podendo traçar até aqui, um paralelismo com a teoria de Levi-Strauss. A família é chamada a humanizar quem vive nela e quem a partir dela nasce, regendo-se através de laços entre géneros e gerações que nutrem as qualidades ética e afetiva, típicas do ser humano. As qualidades éticas dizem respeito à justiça e lealdade e as qualidades afetivas são de

confiança e esperança, devendo funcionar com equilíbrio entre elas. A família é assim, por excelência, o lugar da mais profunda responsabilidade para com o outro, seja-o a criança, o homem ou a mulher, tendo como objetivo último a generatividade familiar e generatividade social. Esta generatividade implica o curar das relações, num sentido ético-afetivo, implica uma vitalidade interna capaz de regenerar os laços, estreitando e renovando sucessivamente o pacto conjugal, investindo-o de respeito, afeto e paixão renovados, dando vida a um corpo generativo. Este pacto conjugal é entendido como que uma convenção, uma partilha entre esposos da construção da realidade, de um sistema de crenças compartilhado que regula o comportamento e a ética, e uma constante consciência da realidade e planificação do futuro em comum, tendo por base a consensualidade, a consciência e o empenho para respeitar o próprio pacto e a delimitação de um objetivo. Os filhos são assim considerados como um projeto, uma nova geração perante a história familiar e social, capital humano primário sem o qual as sociedades humanas não vivem nem progredem. A generatividade social segue os mesmos princípios, sendo o objeto da cura o Outro, elemento não familiar, mas pertencente a uma sociedade solidária, podendo-nos referir como uma ação de expansão do código familiar (Scabini, 2006).

Perante diferentes e algumas divergentes ideias e teorias sobre a família, suas tipologias e definições, existem autores que, para facilitar o discurso, interpelam que se referira a *famílias* quando se fala de *família*, defendendo poder assim colmatar um possível emergir de um caráter à primeira vista obstrutor por se comumente associar apenas à representação tradicional, ao mesmo tempo que se abre espaço para outras formas emergirem (Berger & Berger citados em Fuster & Ochoa, 2000). Assim:

“Pensar nestes termos, supõe aceitar no mesmo espaço semântico e moral as famílias adotivas, as famílias monoparentais, as famílias homossexuais, as famílias coabitantes, as famílias reconstituídas, etc., sempre e quando haja filhos, obviamente. Se não, falamos de matrimónio, acordos de conveniência ou simplesmente de parcerias” (Fuster & Ochoa, 2000, p.37).

Desta forma, a proposta compreende alimentar e suportar uma nova aceitação da diversidade e refutar a atribuição da superioridade moral a uma forma de família sobre a outra (Fuster & Ochoa, 2000).

## 2.2. Transformações da Família

Tanto no passado como no presente, a família apresenta-se com configurações mutáveis e instáveis, que se fazem e desfazem em função de acontecimentos individuais e familiares e também graças ao efeito de mudanças sociais, económicas e culturais (Fuster & Ochoa, 2000). Por estarem intimamente ligadas às sociedades humanas onde estão inseridas, arriscamos afirmar que é impossível elaborar um fio unitário da família e das suas transformações ao longo dos tempos (Saraceno & Naldini, 2003), sendo-nos possível observar na outra ponta do mundo pessoas totalmente diferentes de nós, com formas de família tão válidas quanto aquelas a que estamos acostumados. Como exemplo disso, os grandes eventos históricos como as Guerras Mundiais e a industrialização, tiveram diferentes impactos em diferentes zonas do mundo. Um denominador comum destas alterações exógenas é uma influência mútua, um intercâmbio em forma de movimento circular pois as mudanças externas obrigam à transformação da vivência e experiência da família que por sua vez irá influenciar uma transformação da sociedade (Segalen, 1999).

Interessa-nos também compreender quais foram as mudanças mais significativas que ocorreram no seio da família, para que também possamos compreender melhor o fenómeno do divórcio, um dos temas centrais do nosso trabalho. Falamos então da evolução da família, um *continuum* onde podemos destacar três grandes períodos. Na primeira fase encontramos a família tradicional, onde o seu principal objetivo seria a transmissão do património da geração mais anciã para a mais recente. Os casamentos na sua generalidade, aconteciam em idades precoces e eram orquestrados pelos pais, sem que a componente afetiva entre os membros tivesse peso nessa decisão. Na sua composição familiar, a sexualidade é sinónimo de procriação, o casamento tem caráter de eternidade e apenas se poderia dar o divórcio no caso de traição por parte da mulher (Roudinesco, 2003). A família, para além de assegurar a continuidade das gerações, funcionava como uma empresa, produtiva, financeira e política dependendo das classes (Saraceno & Naldini, 2003).

A segunda fase denominada de família moderna surge no final do séc. XVIII, ocorrendo mudanças socioeconómicas e históricas profundas. Deu-se a absolvição da monarquia e aconteceu a revolução industrial, transformando a sociedade agrária vigente para uma industrializada e de maior consumo. Emerge a divisão do trabalho entre os esposos e o Estado passa a ser a entidade responsável pela educação dos filhos

(podemos assim ver o tal movimento circular: industrialização – necessidade de ambos os esposos laborarem – Estado assume o papel da educação; mudança social – transformação da dinâmica familiar – reformulação do Estado como “causalidade”). O casamento acontece agora na reciprocidade de sentimentos e desejos, impulsionado também pela Revolução Francesa, mas o homem continua a ser aquele que exerce a autoridade e a mulher a submissa. As famílias muito extensas começaram a reduzir-se à família nuclear, diluindo-se o benefício da transmissão dos valores das gerações mais antigas e o cuidado dos filhos pequenos, quando a estrutura familiar se verificava ser mais alargada (Roudinesco, 2003). Nesta fase surgem duas figuras complementares, o operário e a dona de casa. Estas figuras nasceram pela transformação da unidade familiar produtiva agrícola ou artesã existente até então, numa unidade de economia assalariada, sendo o ponto convergente entre ambas a economia comum. Com esta transformação, veio uma nova divisão do trabalho que ao contrário da divisão do trabalho na produção, nem todos conseguem aceder. Assim, o trabalho assalariado privilegiava os homens e os jovens de ambos os géneros, enquanto as mulheres se foram inteirando sucessivamente com as tarefas domésticas e os idosos da agricultura. Ocorreram alterações no ciclo de vida masculino e feminino, como ajuste às novas realidades: a mulher, devido à maternidade, era colocada de parte dos locais mais modernos de laboração e em contrapartida, o homem passaria cada vez mais tempo fora de casa. Houve também uma transição demográfica, motivada pela industrialização, possibilitando aos casais de contrair o casamento e vida a dois mais cedo, ancorado na economia em comum, aumentando também a taxa da natalidade. A migração e as urbanizações são também outro dos indicadores da transição demográfica. Houve também uma diminuição na taxa da mortalidade, devido à melhoria de cuidados de higiene e de saúde (Saraceno & Naldini, 2003).

A partir de 1960 dão-se novas alterações na família, levando-nos a uma terceira fase de transformação, apelidada de família pós-moderna ou contemporânea. Esta nova tipologia de família, caracteriza-se por uniões de duração relativa entre dois indivíduos em busca de relações íntimas ou de realização sexual e realização individual. Emerge assim a esfera do privado, refletindo-se em transformações significativas nas configurações familiares e relações intergeracionais e sexuais. Houve também uma recompreensão das etapas de vida, funções e tarefas em cada uma delas, incidindo principalmente no envelhecimento devido ao aumento da esperança média de vida e no

género. A autoridade encontra-se dividida, tornando-se confusa à medida que os números de divórcios, separações e recomposições vão aumentando, evidenciando a perda do domínio paterno, sendo agora o papel de transmissor do património de sangue e do nome partilhado com a esposa (Roudinesco, 2003). Em alguns casos e locais começa-se a perceber um movimento de retorno às famílias extensas, fruto da instabilidade e envelhecimento da população, como um fenómeno de recoabitação. Há um aumento das famílias monoparentais e o aparecimento das famílias unipessoais, caracterizadas pelo envelhecimento acentuado da população resultando no facto de habitarem sozinhas, ou do maior número de pessoas em idade jovem ou média habitarem sós.

### **2.3. Elementos de Convergência na Diferença**

A tarefa de delimitar o conceito de família ou o concretizar intui-se como uma tarefa realmente difícil, senão até impossível, devido a uma complexidade relativa às visões teóricas de cada autor, mas também porque existe uma imensa diversificação de formas de família, culturas e influências históricas. Talvez mais do que procurar encontrar uma única definição de família a qual poderia cair num reducionismo aniquilador da vasta diversidade, interessa-nos compreender as fontes de variação entre elas. Os autores Rapoport e Rapoport (1982) elencaram cinco tipos, as de organização interna, de cultura, de classe social, de período histórico e de ciclo vital. A diversidade relativa à organização interna prende-se com os diferentes padrões de trabalho, o doméstico e o fora de casa, um remunerado e outro não, onde podemos encontrar também algumas mudanças nas tendências de distribuição deste, mais recentemente. Por exemplo, nas famílias reconstituídas podemos observar maior democratização na atribuição e realização do trabalho doméstico, bem como em casais mais novos. A diversidade da cultura compreende as variações de condutas, crenças, práticas, como interação com determinadas características específicas culturais, políticas, religiosas e étnicas. As diferenças patentes nas classes sociais referem-se aos diferentes níveis de capacitação de recursos materiais e sociais, influenciando desde o relacionamento de casal ou o dos pais com seus filhos, até à socialização e educação das crianças. Os diferentes períodos históricos são também uma fonte de diferença na experiência e vivências dos elementos da família. Por fim, a fase do ciclo vital em que cada família se

encontra, vai determinar as suas prioridades e reorganizações de estrutura, contribuindo também como fator de diferenciação entre famílias.

Interessa-nos também debruçar sobre o tema do ciclo vital da família, porque nos dará informação relevante sobre como as famílias se organizam no tempo elaborando cada uma das fases e como se dá o desenvolvimento do grupo de indivíduos em interação organizado por normas sociais (Fuster & Ochoa, 2000). A abordagem desenvolvimental reúne teorias elaboradas a partir do interesse de diversos autores em investigar as mudanças que ocorrem na família, postulando que elas atravessam ao longo do seu ciclo vital, uma sequência de estágios previsíveis, eventos normativos e espectáveis, mas por outro lado ocorrem também outros eventos menos previsíveis, tais como divórcios, mortes, recasamentos, entre outros, apelidados de eventos não normativos (Carter & McGolrick, 1995). O ciclo vital da família incorpora as dimensões histórica e temporal, bem como o caráter histórico e o contexto social desempenham um papel importante no desenvolvimento da família, implicando assim que a transição entre estágios não dependa apenas de processos individuais e familiares, mas também de normas sociais e condições ecológicas favoráveis. O conceito de crise é também de suma importância quando falamos de mudança, pois este é o indicador de que a família está perante a necessidade de transformação e se desenvolver, acarretando uma alteração significativa dos papéis e organização familiar por intermédio de tarefas específicas a cada estágio de desenvolvimento (Fuster & Ochoa, 2000). Concretamente, no modelo que iremos expor, a crise é entendida como a perturbação do equilíbrio numa família em prol do seu desenvolvimento e dos seus membros, que exige reorganizações de primeira e segunda ordem intimamente ligadas, sendo elas de estrutura familiar e de execução de papéis respetivamente (Carter & McGolrick, 1995).

Preferimos não retratar a evolução do ciclo de vida de forma a não nos alargarmos em demasia, escolhendo expor a teoria do ciclo de vida familiar de Carter e McGolrick (1995). Cada estágio congrega tarefas desenvolvimentais com vista na transição, bem como necessariamente reajustes na estrutura e papéis da família. As autoras consideram a família como um sistema, composto de diversos subsistemas entre os quais os elementos familiares permeiam, exercendo diversos papéis e funções, logo existe influência mútua. As autoras sugerem seis estágios, a saída de casa do jovem adulto, a formação do novo casal, famílias com crianças pequenas, famílias com

adolescentes, lançar os filhos e seguir em frente, e por fim, as famílias no estágio tardio de vida.

Na saída de casa do jovem adulto, ao processo emocional de transição é a de aceitar a responsabilidade emocional e financeira sobre si, requerendo reajustes na família de segunda ordem, nomeadamente a diferenciação em relação à família de origem, o desenvolvimento de relações íntimas com outros adultos e o estabelecimento de trabalho e poder financeiro independente. A formação do casal exige o compromisso para com o novo sistema, sendo necessária a formação do sistema conjugal e o realinhamento dos relacionamentos com as famílias extensas e amigos para que se possa incluir o parceiro. No estágio das famílias com crianças pequenas impõe-se aceitar novos membros no sistema, sendo necessário o ajuste do sistema conjugal para abrir espaço para as crianças, dar apoio à criança e assegurar os compromissos financeiros e domésticos e realinhar os relacionamentos com a família extensa de forma a incluir os papéis parentais e de avós.

Nas famílias com adolescentes, é pedido à família que aumente a flexibilidade dos seus limites, permitindo uma maior liberdade aos jovens e a exposição das fragilidades dos avós. As tarefas ligadas a este estágio são a mudança no relacionamento de pais-filhos para permitir o adolescente se mover para fora do sistema, o foco no sistema conjugal agora de meia-idade e nos assuntos relacionados com a carreira e iniciar-se nos cuidados da geração mais velha. O estágio do lançamento dos filhos e seguir em frente apela à aceitação das múltiplas entradas e saídas do sistema familiar. É necessária uma renegociação do sistema conjugal como díade, o desenvolvimento de relações de adulto para adulto com os filhos adultos, o realinhamento de relacionamentos para incluir os parceiros dos filhos e os netos, e lidar com as incapacidades e a morte dos pais/avós. As famílias no estágio tardio de vida requerem que se aceite a mudança nos papéis geracionais. O estágio requer a manutenção do funcionamento mesmo quando exista o declínio fisiológico, apoiar o papel mais central da geração do meio, abrir espaço no sistema para a sabedoria e experiência dos mais velhos, apoiando-os sem superfuncionar por eles e por fim lidar com a morte do/a esposo/a, irmãos ou amigos e com a proximidade da própria morte (Carter & McGolrick, 1995).

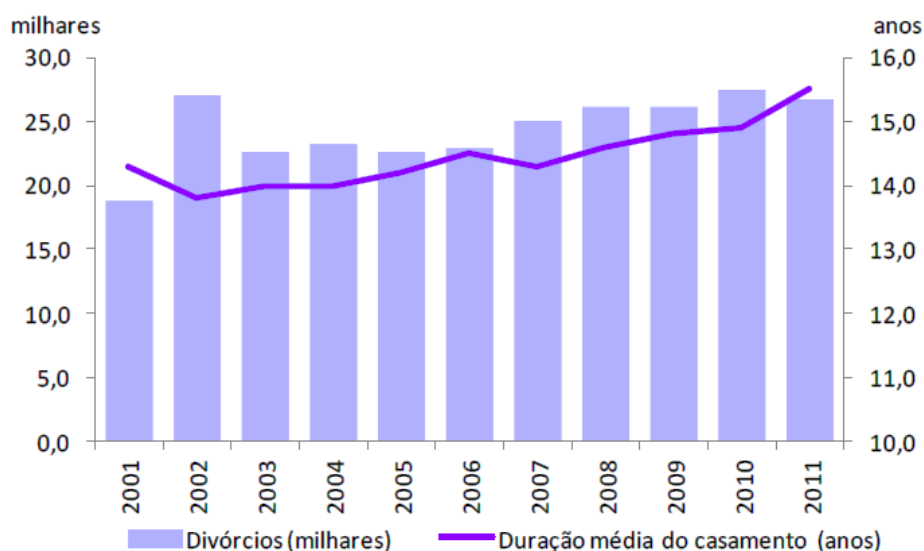
### **3. As Famílias Divorciadas**

Da nossa explanação sobre a família podemos inferir alguns aspetos que possam correlacionar-se com o acontecimento do divórcio, ou fornecer uma base que o torne possível. Os divórcios têm aumentado exponencialmente nos últimos 30 anos nas sociedades ocidentais, acompanhando um leque de várias transformações sociais e familiares. A revolução industrial foi um passo decisivo para a libertação do indivíduo e da sua realização pessoal, num conjunto de forças, causas e acontecimentos que impulsionou a família a evoluir nesse sentido, a adaptar-se e reorganizar-se numa pluralidade de modelos (Ribeiro, 1991).

Ao falarmos de divórcio pensamos que seja também importante prestar atenção ao casamento, outro indicador das relações conjugais e de como elas são experienciadas. Recorremos à fonte dos dados estatísticos elaborados pelos Censos de 2011 (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2011) para agregarmos mais dados com o intuito de percebermos melhor este quadro temático. Assim, os dados apontam-nos para uma diminuição da taxa de nupcialidade em 2011, tendo este sido considerado o ano com a taxa mais baixa em relação aos 100 anos precedentes. Em 2001, deram-se 58390 casamentos e em 2011 36035, representando uma descida drástica. Destes casamentos, 35711 foram entre pessoas de géneros opostos e 324 uniões de pessoas do mesmo género, 221 entre homens e 103 entre mulheres. Dos casamentos entre pessoas de géneros opostos, mais de 14 mil foram celebrados através do rito católico, cerca de 21 mil civilmente e 109 segundo outros rituais religiosos. É importante também frisar que 27,5% do número total de casamentos representam segundos casamentos ou de ordem superior. Outro dado relevante diz respeito à idade do casamento, que segundo as estatísticas tem vindo a aumentar, situando-se nos 34,6 anos para os homens e 32 para as mulheres, representando um acréscimo de cinco e quatro anos respetivamente, em relação a 2001. Estes números lançam-nos questões interessantes, se aliarmos o conceito da esfera privada e realização individual, ambas características da família pós moderna, que nos ajudam também a perceber as taxas em crescendo dos divórcios (INE, 2013).

Na Figura 3.1 podemos visualizar o número de divórcios ocorridos cronologicamente entre 2001 e 2011 e a duração média do casamento à data do divórcio.

**Figura 3.1.** Total de Divórcios por Ano e Duração Média do Casamento (INE, 2013)



Observando o gráfico destaca-se à primeira vista uma acentuada subida do número de divórcios referente ao ano de 2002, podendo ser em parte explicada pelas alterações legislativas no que respeita ao divórcio por mútuo acordo. Esse mesmo ano destaca-se também pela duração mais breve do casamento. Entre os anos de 2003 a 2006 há um decréscimo nestas taxas, mas sem chegar aos valores de 2001 por exemplo, ou dos anos que não chegavam às duas dezenas de milhar. Em 2007 dá-se um novo crescimento do número de divórcios e nova quebra na duração média dos casamentos. No ano de 2010 foi promulgada a lei 9/2010 de 31 de Maio que permite a união de pessoas do mesmo género, tendo o efeito das dissoluções decorrentes destas uniões sido incluídas nos dados do ano seguinte. Repare-se que existe um aumento do número de divórcios desse mesmo ano e no ano seguinte um abrandamento, que poderá não se associar diretamente ao número de casamentos contraídos em 2011, porque foi menor que em 2010 e porque a duração média do casamento continuou a aumentar (INE, 2013).

Ainda de acordo com os resultados definitivos dos Censos de 2011, a fatia da população portuguesa que se encontra divorciada diz respeito a 6%, num universo de 47% de população casada, 40% solteira e 7% em situação de viuvez. Em relação às estruturas familiares portuguesas contata-se um aumento na tipologia de famílias clássicas, de famílias unipessoais, monoparentais, famílias reconstituídas, famílias institucionais a viver em estabelecimentos de apoio social e uma diminuição de núcleos

familiares com filhos (INE, 2012). De seguida procuraremos encontrar indícios para a fundamentação da separação entre conjugues.

### **3.1. Fatores Impulsionares do Divórcio**

Apesar dos esforços dos investigadores no sentido de organizar um conhecimento aprofundado sobre o divórcio, as razões para este se dar não são facilmente explicáveis, pois não derivam de um único fator, nem se o pode prever no dia em que o casal formaliza a união conjugal. A sua existência dá-se por intermédio de uma interação entre uma multiplicidade de causas e de diferentes níveis que podem, em última análise, provocar o fim do laço. Com o intuito de encontrar um fio condutor em toda esta complexidade, encontramos duas autoras que apontam fatores preponderantes no auxílio da compreensão do divórcio. São eles fatores socioculturais, demográficos, os individuais e relacionais. Os fatores socioculturais dizem respeito às mudanças que foram acontecendo na perceção e conceção do casamento e divorcio, influenciados por características históricas e sociais (Clarke-Stewart & Brentano, 2006). O casamento que outrora era considerado uma instituição a preservar a qualquer custo, passou a ser uma relação que se mantém enquanto for compensadora para o casal. Gradualmente foi-se verificando uma mudança de valores, passando a dar-se mais peso às relações interpessoais do que à dimensão institucional do casamento, fazendo cair os valores tradicionais (Torres, 1996). Com as diversas transformações que se foram dando ao longo dos anos, abriu-se um leque de novas possibilidades em que o indivíduo pode buscar a sua felicidade através dum bem-estar individual e, assente neste pilar, construir a felicidade conjugal e familiar (Torres, 1996). A tendência para o individualismo parece ter tido mais influência sobre os direitos das pessoas e da família, descurando um pouco os seus deveres. Aliando ao individualismo a ideia de gratificação, concretamente as de ordem sexual e psicológica referentes à relação conjugal, as pessoas são encorajadas a se sentirem felizes e realizadas, transformando o cariz de responsabilidade mútua do casamento, num de perseguição da felicidade e de realização e companheirismo (Ambert, 2009).

Estes reajustes contribuíram também para um avanço dos direitos e liberdades individuais, apoiados pelo Estado com uma intervenção progressiva dirigida particularmente à proteção das crianças, dos idosos e as das mulheres, sempre numa ótica individual e não familiar. A legislação sofreu também alterações para que deixasse

de condenar as pessoas que tinham vontade de se divorciar, passando o divórcio a ser aceite e normalizado (Torres, 1996; Clarke-Stewart & Brentano, 2006). As mudanças na família transformaram-na na sua estrutura e funções, adquirindo muitas formas e delegando papéis a diversas instituições. A educação, a religião, a economia e as atividades recreativas tornaram-se em áreas de atuação de instituições fora de casa, acontecendo em escolas, locais de culto, empregos fora de casa na sua maioria e planificação de atividades sem que seja necessária a participação da família. Cabe à família a socialização e o cuidado das crianças, mas ainda assim o Estado estará pronto a intervir caso a família não se sinta capaz, bem como existem programas e atividades extracurriculares, influências dos pares e dos média que fazem este papel se diluir um pouco, podendo ser quase tangencial à família (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

Outra característica sociocultural foi a mudança na economia e na força de trabalho, que em comparação ao modelo tradicional, criou espaço para a mulher no mercado de trabalho, surtindo dois efeitos. Por um lado, existe uma maior sustentabilidade da família, devido à economia comum, possibilitando a família com mais recursos financeiros, ao mesmo tempo que atribuía a cada um dos conjugues uma certa independência financeira, já que cada um usufruía dos ganhos fruto do seu labor. Assim, na eventualidade da intenção de divórcio, o poder financeiro deixou de ser um obstáculo já que este aspeto não vincula o casal (Torres, 1996), tendo a família deixado a sua configuração de família produtiva dependente de todas as figuras constituintes e seus papéis, e passou a funcionar como economia comum (Saraceno & Naldini, 2003). Da outra parte, devido a um maior empenho por parte dos conjugues nos seus ofícios fora do contexto familiar, começou a haver menos tempo para as tarefas domésticas, que eram tradicionalmente atribuídas à mulher. Atualmente constata-se uma maior discórdia entre casais mais jovens do que em casais mais velhos quando nos referimos à partilha do trabalho doméstico, mesmo sendo os últimos quem menos contribuem para que isso se dê. Podemos dizer que as exigências para com a divisão deste trabalho se intensificaram, bem como as expectativas das esposas para com o contributo dos seus esposos no trabalho doméstico, constatando-se ao mesmo tempo um aumento da participação dos homens neste campo (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

As características de idade, raça e religião são fatores demográficos que nos podem ajudar a compreender a probabilidade de um casamento terminar em divórcio. Os casamentos que acontecem entre pessoas mais novas têm a si associado um risco

maior de culminar em divórcio, podendo ser explicado por diversas razões, sendo uma o facto dos jovens ainda se estarem a desenvolver e haver a possibilidade de mudarem de forma imprevista, o facto de haver grande probabilidade de não terem concluído toda a sua formação académica e profissional e por existir maior probabilidade de estarem à espera de uma criança (Clarke-Stewart & Brentano, 2006). Sobre o último aspeto, o risco relaciona-se com um saltar para uma identidade e papéis parentais sem que antes tenham formado uma identidade de casal, sem tempo de criar uma ligação profunda da qual possa emergir o pacto conjugal e sucessivas renovações e até o projeto parental com todas as expectativas, idealizações, consciencialização do comprometimento com ele e tudo que acarreta (Cigoli & Scabini, 2000). Há também a possibilidade de as pessoas novas se unirem por razões não ligadas ao celebrar uma união e laço entre duas pessoas, tais como as de fugir de um ambiente familiar disfuncional e prejudicial, ou por imaturidade emocional que não lhes permita compreender as implicações sociais, emocionais e materiais a longo termo do casamento. Outros fatores como o maior nível de educação, empregabilidade e maior suporte económico, constituem fatores protetores do casamento (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

Reportando-nos ao contexto norte-americano, as diferenças das taxas de divórcio e as idades em que estes ocorrem, variam consoante a raça e etnicidade. A incidência de divórcios na população americana decai em maior percentagem junto dos afro-americanos e em idades mais jovens do que o resto da população, sendo que, metade dos casais ao celebrar o décimo aniversário da união conjugal, já dissolveu o casamento. Estas percentagens são mais baixas em relação aos casais euro-americanos, onde apenas um terço dos casamentos se terá dissolvido no mesmo período. As características da comunidade também relativizam o sucesso ou insucesso do casamento. Pessoas que vivam em bairros onde exista muita pobreza têm mais propensão para se divorciar, porque são locais vulneráveis a certos fatores de risco como abuso de substâncias, violência física e psicológica, entre outros, e reduz as oportunidades positivas, como as de trabalho comunitário em prol da integração de uma família na sociedade. Há uma influência mútua entre pobreza e divórcio, podendo um levar ao outro. Nos contextos onde exista uma alta taxa de potenciais parceiros disponíveis, as taxas de divórcio são também altas. Também em contextos onde haja muitas mulheres que nunca casaram e no centro das cidades, as taxas de divórcio são mais acentuadas (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

O aspecto religioso tem também peso na consideração do divórcio, sendo que atualmente considera-se estar largamente à margem da instituição casamento, conferindo-lhe a característica de dessacralizado. Para muitos, o casamento passou a ser uma escolha individual ao invés de ser um pacto perante Deus, contribuindo também para a sua condição temporária (Ambert, 2009). A religião constitui uma das barreiras ao divórcio, que, apesar de ser permitido em algumas das vertentes, em nenhuma é encorajado. A Religião Católica Romana proíbe o divórcio, e muito embora a sua influência sobre a família esteja em declínio, surte efeito na decisão do divórcio onde as pessoas que seguem esta religião têm menor probabilidade de se divorciar em relação a pessoas que sigam outras religiões ou que sejam ateus, embora que em vários casos não signifique a existência ou maior grau de satisfação ou felicidade (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

Os fatores individuais e relacionais são também fatores chave na compreensão dos riscos associados ao divórcio. Desde ambientes familiares problemáticos, personalidades difíceis, abuso de substâncias, entre outros, são condicionantes que podem alimentar a rutura. Os ambientes problemáticos podem ser geradores de complicações desenvolvimentais desde a infância, onde a criança vê barrada a aprendizagem de competências relacionais como a confiança e comprometimento, tendo efeito direto nas relações que estabelecem, percebendo-se como um risco de rutura de relações afetivas de futuro alimentadas logo desde tenra idade. Os conflitos na idade adulta com os pais também são fatores de risco, já que se deixa de contar com um apoio social fundamental que é o da geração precedente. Da mesma forma, também os casais cujos pais se tenham divorciado vêm a probabilidade de se divorciar ser aumentada, fruto de concepções inseguras sobre a duração dos casamentos. Existem também certas experiências pessoais que podem constatar um fator de risco para o divórcio, tais como o abuso sexual em criança ou violação, ambos mais incidentes nas mulheres, que podem causar um aumento de vigilância e vulnerabilidade na presença de insultos e ofensas a si dirigidas (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

Outro dos fatores individuais e relacionais prende-se com as interações de risco do casal, aquelas que possam prejudicar a vida conjugal. As mulheres especialmente focam-se nos problemas conjugais tais como os ciúmes, o mau humor, a raiva, hábitos irritantes, gastos supérfluos, o uso de drogas e consumo de álcool, o tempo com os amigos, problemas sexuais, a falta de apoio na carreira e infidelidade, sendo este último

partilhado pelos homens a par da referência à falta do cariz social do casamento e que se sentem sozinhos. A infidelidade tem o estatuto da causa mais comum e mais consistente na dissolução do casamento, constituindo também o elemento facilitador da decisão de se divorciar ou separar perante a coexistência de outros problemas. A infidelidade e a sua componente profundamente humilhante e dolorosa, para além de levantar a hipótese de se contrair o divórcio, pode levar à depressão e ansiedade profundas, que futuramente destruiriam o casamento (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

A comunicação é outro fator individual e relacional importante, que pode fomentar uma base para que se dê o divórcio. O maior número de divórcios acontece precisamente devido aos conflitos entre esposos, tendo uns, melhor e maior capacidade de lidar com eles do que outros. Podemos perceber esta dualidade do conflito e da expressão de raiva que, podem ao mesmo tempo, ser devastadoras através de uma escalada, ou ser um elemento que fortaleça a relação ao longo do tempo. Elementos como o criticismo, o desprezo, a postura defensiva e a atitude hostil, são altamente prejudiciais da relação entre o casal, podendo a mistura deles na argumentação do conflito levar à sua escalada e cimentar assim a vontade de colocar o termine à relação.

No mesmo patamar, os traços de personalidade individuais correspondem a uma característica relevante na correlação com a propensão para o divórcio. O neuroticismo, a hostilidade, a incapacidade de controlar os impulsos, principalmente no homem, a falta de consciência, a perseverança limitada, e a propensão para a agressão e irritação constituem alguns desses traços. Também a competitividade e hipercompetitividade são outros fatores, impelindo as pessoas na busca de ter sempre razão, reduzindo significativamente a sensibilidade de criar empatia e compreender a visão do outro (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

O *stress* e as experiências stressantes também impulsionam a ocorrência do divórcio. Pais de crianças severamente doentes com problemas congénitos de coração, cegueira ou paralisia cerebral e homens desempregados por exemplo, formam grupos de risco para contrair o divórcio. Estes eventos ou condições relevam as necessidades individuais ao mesmo tempo que reduzem a capacidade de se ir ao encontro das necessidades da família. A exposição a elementos de *stress* e exaustão prolongada podem levar ao conflito, e devido à redução dos recursos psicológicos individuais, os conflitos podem escalar ao ponto de atribuição de culpa e isolamento dos elementos da

relação, assim como estratégias ineficazes ou inadequadas de lidar com estes problemas podem exacerbar estes resultados (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

Em jeito de sumário, podemos elencar 10 fatores de risco para a ocorrência do divórcio: (1) casar com idade inferior a 25 anos, (2) ter rendimentos baixos, (3) casar com pessoas de outras raças, (4) ter sido alvo de abuso sexual ou violação, (5) não ter uma ligação religiosa, (6) ter crianças aquando o casamento ou ter crianças não desejadas, (7) ter pais divorciados, (8) ter menos do que o grau de educação relativo ao secundário, (9) ser desempregado e por fim (10) ter um fraco poder de comunicação, ser rabugento, impenetrável ou singlar pela escalada de conflito. Uma das formas de prevenir o divórcio e estabilizar o casamento pode ser o de se reconhecer as fontes de *stress* e lidar com elas através de estratégias de resolução de problemas ativas que os minimizem, previnam e resolvam, e praticando estratégias de adaptação e de comunicação eficazes (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

### **3.2. Modelos Sobre o Divórcio**

Para compreender melhor a complexidade inerente ao processo de divórcio, recorreremos a diversas teorias e modelos que nos podem ajudar a compreender sobre as suas causas e consequências. O tema das consequências será estendido ao tópico seguinte, sendo posteriormente dada especial atenção às consequências refletidas nos filhos, derivadas da separação dos pais.

A Teoria Social da Troca foca-se essencialmente na fase que antecede o divórcio, na qual as pessoas avaliam a sua relação em termos de custo e benefício. As recompensas incluem o amor, suporte, companheirismo, segurança emocional, estatuto social e contactos importantes, relações sexuais, bem como propriedade, recursos financeiros e assistência nas tarefas diárias. Os custos associam-se ao trabalho e responsabilidades extra, hábitos incomodativos ou limites nas escolhas pessoais e liberdades. A teoria assume que as pessoas se comportam de forma a maximizar o benefício e diminuir os custos, ainda que esta dinâmica possa não ser explícita ou racional. A qualidade da relação depende então da satisfação que cada um obtém através das recompensas e o custo associados, sendo a relação tanto mais positiva quanto o melhor balanço entre ambos. Assim, o divórcio começa a desenhar-se quando os recursos do companheiro e as recompensas do relacionamento em comparação com alternativas fora do casamento atingem um peso maior, tal como um sentido de

liberdade, mais independência ou potencial realização pessoal, ou até novo interesse amoroso. A estabilidade do casamento é também depende do nível de resultados que cada um acredita que merece. A Teoria da Troca faz contraste com as noções românticas de amor, casamento ou família, mas ao mesmo tempo fornece um bom enquadramento para se analisar o risco do casal enveredar pelo divórcio (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

Outra teoria que se possa ajudar à compreensão do divórcio é a Teoria da Vinculação. Bowlby definiu a vinculação como uma ligação próxima emocional entre a criança e a principal figura de cuidados, que usualmente é a mãe, tendo mais tarde Ainsworth classificado o tipo de vinculação entre segura e insegura, esta última com dois tipos, insegura evitante e insegura ambivalente. O tipo de vinculação segura capacita os bebés de explorar o mundo envolvente tendo por base a sua mãe. A mãe tem também a capacidade de confortar facilmente o seu bebé e este não se sente demasiadamente perturbado com pequenas ausências da mãe. No tipo de vinculação evitante o bebé tem pouca interação com a mãe e depois da separação breve ele evita o contacto com ela. Já no tipo de vinculação ambivalente o bebé tem movimentos opostos, ou seja, tem grande afeição à mãe num momento e no outro afasta-a. Os dois autores postulam que dos estilos diferentes de vinculação emergem modelos mentais de funcionamento diferentes, que são estáveis no tempo e influenciam os relacionamentos futuros, sendo naturalmente o tipo de vinculação segura, aquela que fornecerá uma importante base para os relacionamentos emocionais seguros do futuro (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

Com o estudo posterior da vinculação nos adultos, colocando em referência os aspetos que diferem da vinculação das crianças como o relacionamento recíproco romântico do adulto com a componente sexual, o objeto e objetivo de vinculação mudam, passando a vinculação a ser caracterizada pela forte laço emocional entre duas pessoas que as compelem a ter uma postura que mantenha esse relacionamento, através de comportamentos de busca e oferta de conforto e atividade sexual. Ainda assim existem pontos convergentes entre as duas teorias, fazendo sentido pensar-se no paralelismo entre tipos de vinculação segura e insegura. Assim, as pessoas podem encontrar no parceiro a base de segurança e conforto, sentindo-se valorizados e merecedores da preocupação do outro, do suporte e da afetividade, ao mesmo tempo que descrevem o par como sendo de confiança, acessível e bem-intencionado. Os

indivíduos seguros desenvolvem com facilidade a proximidade, sentem-se confortáveis em depender do outro e ter o outro como dependente de si, e raramente se preocupam com a rejeição ou o abandono. Procuram ativamente a intimidade e o suporte nos relacionamentos mais próximos e têm altos níveis de autonomia e intimidade. Os relacionamentos são caracterizados por características frequentemente positivas como afeto, confiança, comprometimento e satisfação (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

Em contraste, os indivíduos inseguro-evitantes desvalorizam a importância das ligações entre pessoas, talvez por terem sido rejeitados no passado. Os adultos evitantes sentem-se desconfortáveis em confiar e depender de outras pessoas e tendem a ser céticos nos relacionamentos, mantendo a distância e evitando a intimidade. Descrevem usualmente as pessoas significativas como não sendo de confiança ou demasiadamente exigentes no comprometimento. Os adultos inseguro-ambivalentes evidenciam hipersensibilidade às pequenas mudanças no relacionamento tendo por base experiências anteriores de ligações inconsistentes às quais reagem com uma frequência elevada de comportamentos de procura de ligação íntima, ou com uma rejeição e revolta para com o parceiro. Estes adultos sentem-se incompreendidos, com medo de serem abandonados e que o parceiro não se aproxime tanto quanto gostariam, descrevendo-o como independente e não comprometido. Embora a vinculação insegura represente um fator de risco para o desenvolvimento saudável, também ajuda o adulto a tolerar a perda de um relacionamento e a sentir-se confortável sem a pessoa significativa por um longo período de tempo (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

A correlação da vinculação e dos seus tipos com o divórcio indica que a de tipo inseguro faz aumentar a probabilidade de acontecer a separação, assim como os diferentes estilos de vinculação ajudam a compreender os processos de adaptação e integração da separação dos casais. A teoria da vinculação é também importante para se compreender as reações das crianças face ao divórcio. Quando uma figura de vinculação como um dos progenitores desaparece do quotidiano de uma criança, é normal ela experienciar dor e saudade, sendo necessário os pais minimizarem este sofrimento através dum acréscimo de contactos com ambos os progenitores (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

Segundo o Modelo Desenvolvimental de Carter e McGoldrick (1995), o divórcio cria uma rutura no processo do ciclo de vida familiar, não podendo ser considerado como um evento isolado mas sim uma cadeia de eventos que tomam lugar e se alongam

durante o tempo. O divórcio contempla assim uma série de fases divididas em dois grupos temporais, antes e depois do divórcio, que, à semelhança do ciclo vital da família requerem reorganizações estruturais e de papéis para serem bem-sucedidas. As fases antes do divórcio contemplam a decisão, o planeamento da separação do sistema, a separação e o divórcio. Na decisão, há a necessidade da consciencialização e aceitação da incapacidade de resolver as tensões conjugais de forma suficiente que possibilite a continuação do relacionamento, impondo-se ao mesmo tempo a aceitação da parte relativa a cada um no insucesso do casamento. O planeamento da separação do sistema requer que se encontre soluções viáveis de reestruturação e organização para as partes constituintes, atingido através de um trabalho cooperativo sobre os problemas de custódia dos filhos, visitas e aspetos financeiros, e através do diálogo e preparação da família extensa para o divórcio.

Na fase da separação, será necessário haver responsabilidade e vontade de cooperar no relacionamento coparental e esforço financeiro conjunto para o suporte dos filhos e trabalhar na elaboração da vinculação ao esposo/a. As tarefas desenvolvimentais dizem respeito ao luto pela família intacta, à reestruturação dos relacionamentos conjugal e pais-filhos e dos compromissos financeiros, adaptar-se a viver separado, realinhar as relações com a família extensa, mantendo também as relações com a família extensa do conjugue. Por fim, na fase do divórcio, temos o processo emocional de elaboração da dor, raiva, culpa e outros sentimentos proeminentes associados a esta fase. As mudanças de segunda ordem desta fase são as de desfazer as fantasias de possível relação através do luto da família intacta, a recuperação das esperanças, sonhos e expectativas referentes ao casamento e a continuação dos laços com ambas as famílias extensas (Carter & McGolrick, 1995).

Seguido este momento temporal que contempla as quatro anteriores fases, dá-se o pós-divórcio com duas fases assentes numa condição comum, a de se ser progenitor solteiro, e numa diferença que diz respeito à guarda atribuída ou não dos filhos ou residência principal onde estes residam. Para o progenitor solteiro com residência primária ou custódia dos filhos, o processo emocional implicado refere-se à vontade da manutenção e responsabilidade financeira e de partilha/cooperação no papel parental com o/a ex-esposo/a, e apoiar e incentivar o contacto com o ex-conjugue e a sua família alargada. As tarefas são também distintas, sendo necessário haver uma flexibilização no planeamento de visitas com o ex-cônjuge e a sua família, redefinir recursos financeiros

próprios e as próprias redes sociais. Por outro lado, referente ao progenitor que habita sem os filhos, impõe-se a vontade de manter a sua função parental em sintonia com o ex-conjuge e apoiar a relação de custódia ou contacto mais prolongado do ex-esposo(a) com as crianças. As tarefas prendem-se com a procura de efetivar esta partilha do papel parental e relacionamento com os filhos, manter a participação e responsabilidade financeira perante os filhos e ex-conjuge, e reconstruir a sua rede social.

No Modelo Estrutural (Minuchin, 1982) a família é considerada como o sistema primário de socialização na qual estão inseridos vários subsistemas, como o conjugal, o parental, filial, todos organizados com um ou mais indivíduos com diferentes níveis de poder, confinando à hierarquização, e tipos de padrão transacionais relativos ao ciclo vital. O bom funcionamento do sistema familiar implica um balanço adaptativo das características anteriores a cada subsistema, sendo este regulado pela qualidade do limite ou fronteira entre subsistemas. O tipo de demarcação possibilita a identificação de um determinado subsistema, capacitando os elementos de se posicionarem e desempenhar os papéis adequados, de facilmente transitar para outro subsistema e fazer uma novo ajuste de papel e funções. As fronteiras podem ser de três tipos, claras, difusas e rígidas, sendo as claras as que permitem a adequada identificação de subsistemas, papéis e funções a desempenhar, qualificando a família como funcional. Os outros dois tipos rendem à família uma qualidade de disfuncional, sendo as fronteiras difusas razão de confusão ou incapacidade de perceber quando acaba um subsistema e começa outro, culminando numa incerteza sobre qual a atuação que se deva ter nos diferentes subsistemas, implicando uma distância emocional demarcada entre os familiares, fundando a tipologia de família desligada. As fronteiras rígidas não permitem o reconhecimento dos diversos subsistemas e fomenta a fusão entre os membros, tornando a família aglutinada, como uma massa única. Em suma, a função das fronteiras é de proteger a diferenciação do sistema (Minuchin, 1982). Qualquer uma das tipologias disfuncionais de família e de fronteiras comprometem as relações familiares, podendo cimentar e levar ao divórcio.

Existem dinâmicas específicas que podem prejudicar o bom funcionamento da família tais como algumas tipologias de triângulos relacionais e inversões hierárquicas, que se podem associar um ao outro, coagindo numa disfuncionalidade relacional não correspondente ao esperado. Por exemplo, um dos progenitores pode criar um tipo de relação com o filho de forma a odiar ou/e prejudicar o outro progenitor, ou exigir do

filho uma participação em certas tarefas que compete ao progenitor “ausente”, ou ainda procurar colmatar com o filho certos âmbitos que não são característicos da relação pais-filhos. No caso do recasamento, pode haver também uma atitude relacional de um filho biológico de não abrir espaço a um novo companheiro ou poder ser o alvo da responsabilização por parte dos pais do divórcio (Minuchin, 1982)

Com o divórcio, acontece uma mudança enorme na composição da família que requer um ajustamento estrutural. Este ajustamento deve tornar claras as fronteiras entre os subsistemas conjugal e parental, constatando a separação dos esposos, ao mesmo tempo que permite estabelecer o contacto entre os progenitores e com os filhos. Será esta distinção entre subsistemas que permitirá o desenvolvimento dos membros familiares, permitindo aos filhos de gozar de contactos e transmissões de diversos níveis de ambos os progenitores e suas famílias de origem, bem como abrindo espaço para a entrada no sistema familiar de uma terceira pessoa que possibilite a satisfação do plano conjugal por parte dos pais, ao mesmo tempo que regula também a entrada da nova família alargada na dinâmica familiar (Nichols & Schwartz, 2004).

No Modelo Relacional Simbólico, os autores Cigoli e Scabini (2000) falam-nos que todas as transições trazem consigo desorganização e sofrimento, colocando em jogo toda a rede de relações em que o indivíduo (casal neste caso) está inserido. A crise que provoca a separação e que por ela é provocada, alonga-se para lá do momento em que se dá a rutura, sendo que é necessário referir-nos a um processo de transição. A tarefa desenvolvimental primária associada a este evento no Modelo Relacional Simbólico prende-se com o enfrentar o fim do pacto conjugal, do projeto em comum, como forma de salvaguardar os diferentes laços que ligam os diversos familiares, desde a família nuclear à extensa, mas também como forma de salvaguardar as ligações no contexto social. Esta tarefa deve ser levada a cabo pelas diferentes gerações, e os autores dão ênfase que este enfrentar do fim do pacto não é levar os rancores e as desilusões do termine da relação, mas sim, do que foi cumprido, de reconhecer os aspetos positivos alcançados e manter a confiança no valor das novas ligações e em si mesmos como dignos de os ter. Os autores defendem que não se trata duma conservação do laço, mas de um trabalho psíquico de reconstrução e revisão das vivências da relação de casal, porque o anulamento deste laço pode trazer consequências destruidoras. Requer que cada um dos conjugues faça uma retrospectiva da sua história generativa desde que nascem, à identificação dos desejos e expectativas que conduziram à escolha do seu

parceiro, até ao momento da rutura, através de um movimento de assimilação e de distanciamento.

Como tarefas geracionais, os pais devem manter a colaboração com o ex-cônjuge no intuito de garantir o exercício da função parental e permitir aos filhos o acesso à história de ambas as famílias de origem para que possam construir a sua própria história e identidade fundada nas suas raízes. Aos filhos cabe-lhes manter o intercâmbio com a família alargada, mantendo uma importante rede de suporte. Enquanto ex-cônjuges, estes devem trabalhar sobre o fim do pacto e o elaborar, bem como se empenhar na gestão do conflito conjugal, redefinindo as fronteiras conjugais e familiares, que ajuda indiretamente, à conciliação dos dois polos de conflito por parte dos filhos, possibilitando a integração dos mesmos na sua visão da família (Cigoli & Scabini, 2000).

Introduzindo uma variante mais psicodinâmica, os autores Ribeiro, Sampaio e Amaral (1991), consideram que o divórcio pode ser motivado por diversos fatores, incompatibilidades variadas, motivos exteriores ao casamento, motivações inconscientes, sendo que estas causas podem ser difíceis de identificar, para terapeutas e casal, devido às múltiplas conjugações possíveis, que assentam sobretudo num longo e lento processo de não comunicação. Esta ênfase, preconiza que os quadros de referência da infância, levam a interpretar as ações e comportamentos do outro com um desvio quase que sistemático, levando a uma incapacidade de comunicar. Sem a comunicação, a pessoa volta-se para si mesma e para as suas frustrações, chegando até a aceitar que a preda de comunicação é certa. Se acontecer, ela vai ingressar num processo onde está disposta a destruir o objeto ou o projeto em comum com o outro, ao mesmo tempo que ambos se vão mostrar tão capazes quanto o outro, dando lugar a “uma escalada, mesmo que esta leve a uma guerra sem quartel” (Ribeiro, Sampaio & Amaral, 1991).

Numa ótica referente ao estudo das consequências, a Perspetiva do Divórcio-Stress-Ajustamento de Amato (2000) assenta no princípio de que o divórcio se constitui por um conjunto de processos e não um evento único. Para compreender a complexidade destes processos existe uma matriz de fatores mediadores ou stressores e fatores moderadores que possibilitam encaminhar os elementos familiares rumo à adaptação e ajustamento. Os fatores mediadores são os que causam tensão, sendo a sua incidência diferente nos pais e filhos. Os fatores moderadores são aqueles que podem

constituir fatores protetores para a integração positiva da separação e que possam levar ao ajustamento.

Os fatores mediadores relativos aos pais podem ser a responsabilidade parental única ou perda da custódia dos filhos, perda do suporte emocional, conflito contínuo com o ex-esposo, declínio económico e outros fatores de stress provenientes do divórcio. Os fatores mediadores relativos aos filhos podem ser o declínio no suporte e controlo parental, a perda de contacto com um dos progenitores, o contínuo conflito entre os pais, o declínio financeiro e outros eventos stressores relacionados com o divórcio. Os fatores moderadores incluem os recursos individuais de autoeficácia, estratégias de *coping* e aptidões sociais e os recursos interpessoais que prefiguram o suporte social. Fazem também parte de fatores moderadores os recursos estruturais ligados a diferentes papéis como a empregabilidade ou serviço comunitário, a definição e significado do divórcio que pode variar e ser visto como uma oportunidade para o desenvolvimento pessoal e as características demográficas de género, idade, raça, etnicidade e cultura que podem moderar os efeitos do divórcio. A relação entre os fatores mediadores e moderadores vai influenciar a medida em que se dará o ajustamento.

O ajustamento está dependente de diferentes variáveis como a severidade e duração de problemas de saúde física e/ou mental, o funcionamento nos novos papéis e pela identidade e estilo de vida desvinculados daquela da relação conjugal anterior. Assim, ajustamento pode ocorrer em duas modalidades diferentes, a curto prazo representando um modelo de crise e a longo curso, prefigurando um modelo de tensão crónica. O modelo de crise assume que o divórcio representa uma alteração à qual a maior parte dos indivíduos se ajustará com o tempo, sendo o período de tempo determinado pelos recursos pessoais. O modelo de tensão crónica diz respeito à conceção de que estar divorciado envolve tensões persistentes como dificuldades económicas, solidão, monoparentalidade e as responsabilidades que lhe estão associadas. Como estes problemas não desaparecem, o mal-estar associado ao divórcio perpetua-se, sendo muito difícil regressarem ao mesmo estado de bem-estar anterior ao casamento (Amato, 2000).

Outra teoria que foca o momento pós-divórcio é a Teoria do Risco e Resiliência, que tem sido cada vez mais abordada por investigadores na área da temática para enquadrar e compreender as consequências a longo prazo do divórcio no

desenvolvimento dos filhos, a capacidade de lidarem com a separação e de perceber os fatores familiares e extrafamiliares que possam estar associados ao bem-estar em diferentes estruturas familiares. O risco nesta teoria refere-se à presença de dificuldades, desafios ou circunstâncias adversas, enquanto a resiliência aponta para a adaptação positiva perante esses riscos. O divórcio lança o foco para possíveis riscos de rejeição social, negligência parental, discussões entre os pais, confusão ou caos do ambiente familiar e para a capacidade dos elementos se adaptarem a tais circunstâncias, em especial atenção para as crianças. Os investigadores demonstraram que algumas crianças que sofreram este tipo de adversidades demonstraram um desenvolvimento sem problemas significativos, enquanto outras tiveram insucesso. Na procura pelos fatores que rendem o sucesso da resiliência dos filhos os investigadores descobriram que a resiliência não depende do indivíduo por si só mas também se encontra relacionada com fatores de suporte do seu ambiente circundante. Os filhos mais resilientes têm a si associadas qualidades individuais fortes tais como a inteligência, autoestima, competências sociais e temperamento mais fácil, ao mesmo tempo que se encontram protegidos por relacionamentos de suporte com a sua família, professores e amigos, bem como dispõem de recursos económicos e serviços de ajuda comunitários. Estes fatores funcionam como proteção dos efeitos potencialmente prejudiciais do divórcio e dos problemas que lhe possam estar associados (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

### **3.3. O Impacto do Divórcio nos Filhos**

Os efeitos do divórcio fazem-se sentir em medidas diferentes para crianças e adultos. Face às exigências da nossa investigação daremos mais ênfase às consequências sentidas pelos filhos, tendo em mente que o divórcio afeta todo o sistema familiar. Numa ótica desenvolvimental, quando os pais se separam, as crianças e adolescentes, necessitam de enfrentar a crise com que se deparam, que possui múltiplas implicações. Ocorrem mudanças íntimas, quer ao nível da família de origem, quer ao nível da família alargada, mudanças na rede social e na estrutura interna de vida de todos envolvidos. Essas mudanças fazem-se acompanhar por um conjunto complexo de sentimentos, sendo o mais comum o medo do abandono caracterizado pela imprevisibilidade, falta de comunicação e informação a este respeito. Aliás, a não comunicação à criança acerca da separação pode-a colocar num processo de imensa solidão, devido à mudança repentina (Ramires, 2004).

As primeiras pesquisas sobre o divórcio nas décadas de 1950, 60 e 70, eram baseadas num modelo de déficit e guiadas por duas suposições, a de que a estrutura familiar com dois progenitores é necessária para a socialização bem-sucedida tendo a ausência do pai<sup>1</sup> sérias consequências especialmente para os rapazes e que o divórcio se trata de um evento traumático com efeitos severos e duradouros no ajustamento e adaptabilidade das crianças. Estes estudos tinham uma estrutura comparativa e envolviam dois sistemas diferentes, o das crianças de famílias divorciadas, e não divorciadas. Este foco na diferença vinha de encontro à confirmação das expectativas de déficit no ajustamento de crianças de famílias divorciadas (Ramires, 2004).

Se compararmos os filhos de pais divorciados aos das famílias intactas reparamos que os primeiros evidenciam mais problemas emocionais, comportamentais, de saúde e académicos, embora as diferenças não sejam muito acentuadas nem necessariamente permanentes, até porque os efeitos não são iguais em todos os casos. Recorrendo a meta-análises realizadas com base nas investigações feitas junto dos filhos de famílias divorciadas, encontramos um foco na dimensão do bem-estar que se releva como o assunto mais estudado. As diferenças apontam para menor aproveitamento escolar, autoestima, menos relações com outros jovens e menor popularidade, mais comportamentos desadequados, depressão e ansiedade. Ainda assim, encontram-se também diferenças a nível da saúde física, tendo os pais feito maior referência a sintomas físicos dos seus filhos quando comparados com filhos de famílias intactas (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

Existem outras diferenças, mais subtis que não aparecem nos testes mais comuns. Estas diferenças reportam-se aos custos emocionais de embaraço, medo de abandono, luto pela perda, esperança irracional da reconciliação, preocupação do bem-estar dos pais, ansiedade gerada pela divisão de lealdades e incerteza acerca dos relacionamentos românticos. Nos primeiros anos após o divórcio, todas as crianças sentem-se tristes e quase todas se sentem zangadas com o acontecimento, sentimentos que não desperecem facilmente. De facto, entre jovens resilientes que passaram pela separação dos pais, existem relatos sobre sentimentos, experiências e crenças angustiantes, levando a maioria a crer que se não se tivesse dado o divórcio, seriam outras pessoas (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

---

<sup>1</sup> Ausência do pai porque no caso de separação era a mãe que ficava com o/os filho/os na quase totalidade dos casos.

A crítica a este tipo de investigações prende-se com os aspetos metodológicos escolhidos pelos investigadores onde, ao invés de enveredarem pela diferença em relação às crianças de famílias intactas, poderiam dar mais ênfase aos fatores mediadores que despoletam os problemas e desvios no desenvolvimento e aos fatores moderadores significativos que possam explicar o que possa fomentar um bom desenvolvimento e adaptação (Amato, 2000; Ramires, 2004).

Recentemente, as pesquisas interessam-se também por explorar condições de vulnerabilidade e resiliência, entendendo o divórcio como um processo que obriga a inúmeros ajustes devido à crise despoletada pela separação. Entre estes ajustes encontram-se as enumeras configurações familiares que possam resultar da separação e o surgimento de novos relacionamentos dos pais, o garantir a continuidade do relacionamento entre as famílias alargadas do outro progenitor e o estabelecimento de novas relações com as novas famílias, o nascimento de meios-irmãos, entre outros. Existem elementos comuns a diversos estudos e teóricos que dizem respeito ao trabalho que os pais devam ter no reajuste dos seus papéis implicando que participem ativamente nas decisões, educação e apoio dos filhos através de ações partilhadas e debatidas com ambos os pais e tendo também em vista a manutenção dos contactos com o ex-companheiro e contactos com a família alargada deste. Com isto pretendem que os filhos tenham a hipótese de conhecer a história das suas famílias, que lhe sejam transmitidos valores, que os diferentes membros participem na construção da sua identidade e que sirvam de suporte para um desenvolvimento saudável (Minuchin, 1982; Carter & McGoldrick, 1995; Cigoli & Scabini, 2000; Ramires, 2004).

A agregação de mais sistemas familiares, como acontece nas famílias recompostas, podem aumentar o sistema de suporte de uma criança, por toda uma nova família alargada referente ao novo parceiro/a do progenitor/a. De facto, esta rede de suporte pode ser um elemento fundamental para os filhos recuperarem do divórcio e pode ter tantos benefícios quanto uma família tradicional. Através de uma família estável e forte, os filhos têm também hipótese de assimilar novos valores, limites e construir laços. Ainda assim esta tipologia de família tem nos Estados Unidos uma probabilidade de dissolver o casamento de 60% nos primeiros dois anos de casamento. Esta probabilidade associa-se a um nível mais acentuado de *stress* proveniente das imensas mudanças e tarefas que os membros familiares estão sujeitos. Neste caso o efeito nos filhos é nefasto, transmitindo a ideia de que o casamento não é permanente,

que uma casa nunca poderá ser estável e que não se pode confiar nas pessoas que se ama. Por outro lado, se a qualidade do recasamento fosse desastrosa a separação poderia ser vista como uma oportunidade de começar de novo, ao mesmo tempo que fortaleceria o vínculo entre o progenitor e os seus filhos biológicos (Simón, 2011).

Os autores Leung e Robson (1990) acreditam que a resposta emocional ao divórcio encontra-se relacionada com a idade e a fase desenvolvimental em que a criança ou jovem se encontra. O ajustamento infantil parece estar diretamente relacionado com a qualidade e quantidade do contacto e ao vínculo estabelecido com as figuras parentais, seja aquela com quem vive ou não. Está também ligado ao ajuste psicológico da figura parental que detém a guarda sobre a capacidade e o cuidado em gerir o conflito entre os pais e ao nível socioeconómico em que se encontram. De facto existem estudos que corroboram que a qualidade do relacionamento entre os bebés e sua mãe pode ser afetado pelo divórcio, podendo a causa ser os problemas emocionais que a própria mãe possa estar a passar. As crianças, ao contrário dos adultos que podem beneficiar com a saída de uma situação de conflito resultante de um ambiente familiar disfuncional pela cedência de uma nova liberdade para escolher outra carreira, parceiro/a, etc, sofrem sempre na transição do divórcio (Ramires, 2004; Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

Até aos três anos de idade, as crianças podem responder com irritabilidade, choro, medo, birras, comportamento agressivo e regressão do estágio de desenvolvimento. Pode acontecer também que se dê uma regressão no desenvolvimento geralmente incidindo sobre as competências recentemente adquiridas, por exemplo em que uma criança que já seja capaz de usar a casa de banho poderá voltar à perda de controlo da bexiga ou do intestino (Leung & Robson, 1990). Começam a ser frequentes as birras e queixas, e exibem medo de separação quando tinham a capacidade de se separarem dos seus pais facilmente. Podem passar a isolar-se com os seus medos e ansiedades, quando eram crianças sociáveis. Os pais relatam que os seus filhos passam a exhibir problemas de comportamento, dificuldades de concentração, tornam-se mais dependentes e mal adaptadas. É típico também de esta idade haver uma confusão associada à falta de informação adequada e precisa sobre o divórcio. A percepção que as crianças formam sobre a separação é por vezes demasiadamente assustadora e confusa porque é composta de informação que elas próprias vão reunindo das suas vivências, aliadas a trechos de conversas que ouvem e por vezes participam e ainda pelo que vão

ouvindo na televisão, resultando numa fantasia do divórcio como momento de batalha entre os pais e morte da família, e de advogados como agentes malévolos que assustam as crianças e lhes roubam os pais (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

As crianças em idade pré-escolar não são capazes de compreender o significado de separação ou divórcio e perguntam antes porque é que o pai está a sair de casa e porque é que a mãe está a chorar. Instala-se uma confusão devido a incapacidade de compreender a existência de relação sem a presença física dessa pessoa, já que para elas o amor significa estar com essa pessoa. As crianças ficam assustadas quando um dos progenitores sai de casa por medo de ficarem sozinhas e de ser abandonadas. Nesta idade, as crianças podem sentir-se responsáveis pela separação dos pais, podendo coexistir com o se auto culpar, fantasias de reconciliação (Leung & Robson, 1990; Clarke-Stewart & Brentano, 2006). Estas crianças representam o grupo onde possa existir maior impacto da separação, estando mais vulneráveis a sentimentos de perda e rejeição, ao mesmo tempo que exibem também a reação mais intensa quando se trata de um recasamento e ter de lidar com um padrasto ou madrasta (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

As crianças na idade escolar entre os seis e onze anos, conseguem compreender melhor as palavras separação e divórcio, mas apresentam o mesmo nível de choque e preocupação das crianças mais novas. Entender melhor o significado dos termos, não quer dizer que os aceitem melhor e apesar de as suas emoções serem tipicamente subestimadas pelas mães, as crianças não deixam de se sentir perturbadas, ansiosas e indefesas apenas por serem pequenas (Clarke-Stewart & Brentano, 2006). As crianças mais pequenas, entre os seis e os oito anos de idade, tendem a tornar-se deprimidas e demonstrar abertamente o comportamento de sofrimento, principalmente porque têm medo de ser substituídas e porque sentem uma enorme preocupação e saudade do pai que partiu (Leung & Robson, 1990; Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

Com um pouco mais de idade, entre os nove e os onze anos, a tendência em expressar a dor e a tristeza é menor, tendo como reação mais característica a raiva. A raiva surge da culpa que atribuem aos pais pelo divórcio ora pelo sofrimento que causam um ao outro, ora pelas disputas que travam. Elas tendem a sentir-se injustiçadas pelo progenitor que considerou o divórcio e com raiva do progenitor que detém a custódia por permitir a saída do outro. Por outro lado, algumas crianças passam por momentos angustiantes, devido ao conflito de lealdades em relação aos pais (Leung &

Robson, 1990; Clarke-Stewart & Brentano, 2006). As crianças podem ainda tornar-se excessivamente dependentes de um dos progenitores, podendo acabar por rejeitar o outro por completo. Em caso de recasamento do progenitor detentor da custódia, o sentimento de raiva originalmente dirigido ao outro progenitor tomará como foco o novo companheiro, padrasto ou madrasta (Leung & Robson, 1990).

Nestas crianças existe também uma tendência de *ruminarem* acerca do divórcio sem que seja um ato voluntário, dando por si a pensar no divórcio várias vezes. Além disso, as crianças nesta faixa etária podem sofrer de sintomas psicossomáticos de *stress* tais como cefaleias, náuseas, problemas relacionados com o sono e dificuldade em se concentrar. Combinando estas características, podemos compreender que as crianças apresentem problemas escolares associados ao desempenho como nas áreas da leitura, ortografia e cálculo, o que implica notas mais baixas, mas também noutras áreas, como a da frequência escolar e a menor capacidade em se relacionarem socialmente, o que aumenta a probabilidade de serem sinalizados pelos serviços de psicologia e educação especial. Os professores, na comparação com filhos de famílias intactas, apontam que os filhos de famílias divorciadas são mais agressivos, desobedientes e com pouco auto controlo. Os pais relatam também problemas de comportamento como explosões de raiva, roubos, agressão física, mentiras e menor competências sociais e académicas (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

Na adolescência emerge uma maior consciência dos problemas que possam atingir a família bem como uma melhor compreensão das razões de se dar o divórcio, ainda que não se associe necessariamente menos sofrimento ao evento. As reações dos adolescentes tendem a ser de ansiedade e angústia irrealistas, isto porque a própria fase de desenvolvimento coloca questões de autonomia e autoestima que fazem emergir um egocentrismo voltado para as próprias necessidades. Nesta fase, sentem que o mundo está de olhos postos neles e por isso com o divórcio preocupam-se com o possível embaraço e vergonha, raramente entendendo a perspetiva dos pais. Dando-se a separação, existe também a probabilidade de ser atribuída ao adolescente uma responsabilidade acrescida pela casa, a sua manutenção e cuidado dos seus irmãos, ou algum tipo de trabalho que possa ser remunerado, transmitindo a sensação de ter de crescer mais depressa por causa do divórcio. É comum esta visão de falso amadurecimento, corroborada também com o papel assumido do progenitor que não habita em casa, onde um rapaz se torna o homem da casa e uma rapariga a confidente do

pai. Assumindo este papel, os adolescentes passam a ser o suporte dos pais em quem eles depositam os seus sentimentos de frustração e angústia. Por não estarem preparados para tal papel, esta dinâmica pode resultar em depressão, ao invés das defesas de confusão e raiva dos estágios anteriores que permitiam alguma segurança para si (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

Nos adolescentes mais velhos, entre os 15 e os 18 anos, as emoções relativas ao divórcio não são tão marcantes quanto nas idades anteriores, até porque os seus *egos* estão mais maduros, porque se encontram envolvidos nas suas próprias atividades e são mais independente dos pais. Ainda assim podem demonstrar reações como um sentimento de abandono, ansiedade ou depressão, podem surgir problemas relacionados com o sono e com perturbações alimentares, podem incorrer no uso de substâncias e álcool ou aumentar a sua intensidade, bem como podem estabelece-se problemas nos relacionamentos interpessoais.

Neste período da fase do desenvolvimento da adolescência, o foco estaria no trabalho sobre questões relativas à sua identidade, como forma de perspetivar um caminho para a maturidade. O divórcio, principalmente se acontecer de forma inesperada, pode interferir no trabalho de desenvolvimento da identidade, indeterminando-o. Esta indeterminação surtirá o seu impacto em diferentes áreas de vida, como na escola, aumentando para o dobro a probabilidade de desistência escolar e descida de aproveitamento, nas suas relações interpessoais, devido a problemas de comportamento podendo chegar até a verificar-se comportamento antissocial e delinquente e no domínio sexual, aumentando para o dobro a probabilidade das raparigas terem relações sexuais e para quatro vezes mais os rapazes. Estas atitudes podem ser também de caráter interno e não só externo como os anteriores, verificando-se usualmente a ansiedade, depressão, isolamento, baixa autoestima, sentimento de desespero e sem esperança, podendo chegar à ideação suicida embora em número mais reduzido (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

Mesmo quando os filhos são já jovens adultos e não coabitam com os seus pais, eles sentem-se afetados pelo divórcio. Eles ficam tristes e preocupados com o bem-estar dos pais, essencialmente da mãe, por pensar que esta se sentirá mais lesada do que o pai. Mesmo alguns anos depois do divórcio, há tendência dos filhos continuarem a funcionar como cuidadores dos pais. Esta postura pode levar ao surgimento de sintomas de problemas do foro mental tais como depressão, para os quais se deva procurar auxílio

profissional. Nos jovens adultos cujos pais se divorciam, aumentam as probabilidades de contraírem uma depressão mesmo após alguns anos da separação e também a probabilidade de se separar (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

O divórcio é um evento crítico que exerce tensão sobre a família e os seus elementos provocando tensão sobre eles. Acarreta mudanças profundas no sistema familiar e o ajustamento e adaptação à nova situação prevê-se sempre com um grau de dificuldade mais ou menos acentuado. O ajustamento pode ser ainda mais difícil na presença de conflito entre o ex-casal, essencialmente para os filhos e em qualquer das fases do divórcio, pré, durante e pós. Na fase após o divórcio, o conflito interparental constitui um dos mais importantes preditores da variação no ajustamento dos filhos (Amato, 2000; Sani, 2006). As decisões sobre a escola, atividades extracurriculares, de saúde, entre outras, podem mais certamente tornar-se numa medição de forças entre os progenitores, num autêntico campo de batalha. Os encontros entre ex-parceiros podem resultar numa escalada de culpabilização do outro. A situação de conflito fundamenta as bases para se desenvolver o alienamento parental, onde um dos progenitores atribui a culpa ao outro da situação em que se encontra, devido ao seu comportamento, dinâmicas e resolução de situações problemáticas, transmitindo esta imagem para os filhos, que por sua vez se identificam com esta projeção e passam também eles a odiar os pais, sem uma razão consciente mas quase como um prolongamento de todos os sentimentos negativos nutridos pelo progenitor. O objetivo é criar uma cisão entre os pais e que a criança sirva de arma para a facilitar, como vértice de um triângulo perverso, aliada, ainda que inconscientemente ao progenitor agressor (Sani, 2006).

### **3.3.1. Estudos portugueses sobre o impacto do divórcio nas crianças.**

No que concerne a estudos realizados em Portugal e junto da população portuguesa, podemos agrupá-los em três módulos, representativos das fases pré, durante e pós divórcio, sendo que a maioria se concentra na fase após a separação dos pais. Nesta fase, os estudos incidem essencialmente sobre o impacto do divórcio, comparando as famílias intactas com as divorciadas. São ainda caracterizados pelos modelos particulares dos quais os autores são especialistas, desde a exploração do impacto na família à luz da vinculação, do ciclo de vida familiar, do desenvolvimento pessoal, entre outras especificidades. No que diz respeito às outras duas fases, os estudos são muito escassos e existe grande dificuldade em os encontrar.

Na fase do pré-divórcio, referimos o estudo “O Divórcio como Dinâmica Intergeracional: Estudo Teórico-Prático numa Amostra de Casados e Divorciados” (Azevedo, 2011). Trata-se de um estudo quantitativo transversal realizado junto de 120 participantes estratificados por estado civil e estado civil dos pais, sendo 77 casados e 43 divorciados, com o objetivo de avaliar o contributo da vinculação como fator de risco psicobiológico para o divórcio numa perspetiva intergeracional. Os fatores de transmissão geracional que abordam dizem respeito às consequências económicas e sociais decorrentes da separação dos pais e uma dimensão ecológica e pessoal de traços propensos ao divórcio. O estudo segue uma visão sistémica do desenvolvimento socio-emocional do indivíduo para perceber as características das uniões conjugais e os fatores que possam influenciar ou potenciar o divórcio.

As conclusões a que chegaram indicam que os participantes filhos de divorciados revelam as tendências sugeridas pela perspetiva sociológica da transmissão geracional do divórcio, pois casam mais cedo e iniciam mais cedo a vida profissional. Outra conclusão aponta para a presença do conflito como variável constante nas situações de divórcio e como aquela que é mais preditora deste desfecho. Uma terceira conclusão aponta para a associação da vinculação adulta insegura ao divórcio, sendo que a experiência do divórcio implica uma maior incidência da ansiedade na vinculação adulta. Outra conclusão refere que o divórcio parental tem pouca influência nas atribuições que os filhos fazem sobre o fenómeno do divórcio, parecendo esta depender mais de ter-se de facto passado ou não pela experiência em primeira mão. Por último, o autor identificou alguns elementos preditores da rutura, colocando a salvaguarda que o seu estudo foi meramente exploratório, evidenciando o nível de conflito, o padrão ansioso e evitante de vinculação, a falta de amor e a idade do casamento, como elementos determinantes (Azevedo, 2011).

Sobre a fase do divórcio, trazemos o estudo “A Mãe e o Pai vão Separar-se: Falar com os Filhos sobre a Separação Conjugal” (Rego, 2008). O estudo foi realizado junto de filhos de pais divorciados, de ambos os géneros, com idades inferiores a 18 anos. Embora se reporte à comunicação dos pais aos filhos sobre a decisão de se separar, a experiência da separação dos pais poderia ter ocorrido até um máximo de dois anos. Os objetivos de investigação prenderam-se pela compreensão da natureza do processo de revelação aos filhos acerca da decisão da separação dos pais, explorar o papel de variáveis demográficas e outras variáveis relativas a aspetos de separação

como conflito conjugal interparental, responsabilidade pela ruptura e decisão de separação incluídas na mensagem da revelação de informação. Da explanação da autora, percebemos que independentemente da opção tomada pelos pais, na altura da separação, em comunicar aos filhos que decidiram divorciar-se, a qualidade da informação e como ela poderá ou não ser transmitida tem influência direta no ajustamento à separação conjugal. Assim:

“Tendo em conta que receber uma explicação adequada sobre a separação conjugal dos pais e ter oportunidade de expressar sentimentos e dúvidas parece ter um papel importante no ajustamento dos filhos à separação conjugal, pode esperar-se que os pais que tomaram essa opção se sintam mais satisfeitos com a mesma” (citado em Rego, 2008, p.30).

No entanto, dado que se trata de um evento bastante complexo que combina diferentes tensões e sentimentos negativos, é possível que os pais sintam dificuldade em gerir todas as questões e não consigam manter uma atitude colaborativa, mesmo nos assuntos relacionados com os seus filhos. Uma atitude de colaboração relativamente a esta decisão, até numa situação conflituosa, transmite aos filhos que os pais conseguem redefinir fronteiras relacionais, separando os antigos papéis conjugais dos papéis parentais presentes. Outro problema relativamente à comunicação da separação é a probabilidade de ao fazê-lo, se passar para os filhos uma informação de natureza negativa que poderá comprometer a sua adaptação, porque os pais encontram-se a experienciar a sua própria dor, confusão e incertezas podendo-os levar a conotar dessa forma o discurso. Existe também a tendência para ser apenas um dos progenitores a fazer esta comunicação, geralmente a mãe, ou cada um individualmente, o que pode gerar ainda mais confusão para os filhos. A autora indica ainda algumas variáveis que possam prever um melhor ajustamento dos filhos na comunicação da decisão do divórcio, como o local onde será comunicado que deve ser adequado e facilitador da reflexão e exposição dos sentimentos e pensamentos dos filhos, e o tempo, na medida em que se deva gerir da melhor forma o período de tempo para aceitarem gradualmente a decisão (Rego, 2008).

Relativamente à fase do pós-divórcio, deixamos a referência do estudo “Impacto do Divórcio Parental no Comportamento dos Filhos. Factores que Contribuem para uma Melhor Adaptação. Implicações Médico-Legais” (Martins, 2010). Foi utilizada uma

metodologia mista, comparando 13 filhos de famílias divorciadas com 14 filhos de famílias intactas a frequentar do sétimo ao nono ano, com o objetivo de explorar o impacto do divórcio nos filhos nas qualidades de internalização e externalização e possíveis implicações na justiça. Concluíram que os filhos de pais divorciados têm um risco mais acrescido de apresentarem níveis de desempenho escolar e laboral piores em comparação a filhos de famílias intactas. Nesta comparação, concluíram também que o comportamento delinquente, a associação com pessoas antissociais, o uso de álcool e substâncias são também características mais comuns nos filhos de famílias divorciadas (Martins, 2010).

#### 4. A Avaliação Psicológica

A avaliação psicológica começou por ser polémica, bastante questionada e criticada por se associar a uma rotulação das pessoas em função do tipo de doença da qual sofriam e também pelos métodos psicofísicos e pela pouca precisão científica dos seus resultados decorrentes das avaliações e consequentes intervenções (Anastasi & Urbina, 1997). O termo *assessment*, introduzido em 1948 de tradução direta para português “avaliação”, visava “expressar o conjunto de processos que as pessoas usam para formar impressões e imagens, tomar decisões e verificar hipóteses sobre as características das outras pessoas, no confronto delas com o seu meio ambiente” (Pasquali, 2009, p.11). Verificamos inevitavelmente uma dialética entre indivíduo e meio envolvente, sendo a avaliação tanto mais rica se comportar este aspeto do meio físico e social que circunda a pessoa. A pessoa constrói-se e funciona através de um conjunto de processos formais e informais que permitem-na de perceber como se regula a sociedade e como há de agir perante ela. Os processos informais dizem respeito à avaliação do meio ambiente e das pessoas que o rodeiam, criando ideias sobre como se relacionar e agir de forma a assegurar a manutenção do bem-estar e sobrevivência. Os aspetos formais dizem respeito a códigos de conduta convencionados pelas sociedades, cultura e determinado tempo histórico onde a pessoa está inserida, ligados aos valores pessoais e sociais, onde o que não for de encontro a estes é tomado/julgado como não normal ou menos funcional (Pasquali, 2009).

Para que fosse possível entender melhor como se organizam estes processos emergiu a Psicometria muito influenciada pelo trabalho de investigação realizado por Binet e Simon sobre os campos das aptidões humanas, mentais, físicas e psicofísicas e pelo estudo dos processos comportamentais e sensoriais do ser humano levado a cabo pelos investigadores empíricos Spearman e Galton, com uma forte componente quantificável e estatística. A componente estatística permitia corroborar as conclusões às quais se chegava após a realização dos testes, conduzindo por um lado à melhor compreensão do ser humano, ao mesmo tempo que permitia produzir conhecimento psiquiátrico que pudesse fornecer às pessoas um melhor tratamento, adequado aos problemas que apresentavam<sup>2</sup>. Por outro lado, numa outra linha de pensamento, havia

---

<sup>2</sup> Preocupação psicopedagógica e psiquiátrica na França de Esquirol, Seguin e Binet (Pasquali, 2009).

uma preocupação experimentalista, que tinha por objetivo a descoberta de uniformidades no comportamento humano, ao invés de evidenciar diferenças individuais, sendo estas consideradas como desvios ou erros<sup>3</sup> (Pasquali, 2009).

Foi com a Primeira Guerra Mundial que os testes psicológicos se começaram a usar com mais frequência, tendo sido desenvolvidos pelo exército americano uma série de baterias de testes para seleção de soldados, com uma nova modalidade de aplicação, a aplicação conjunta. Após a guerra, a indústria e as instituições (saúde, escolas, entre outras) iniciaram o uso dos testes que influenciaram os que hoje em dia temos disponíveis (Pasquali, 2009).

Da exploração do indivíduo e das suas dinâmicas, conseguimos perceber uma das funções da avaliação psicológica, a de o compreender na sua complexidade contextualizando-o com o seu meio, com as suas relações, com os seus problemas. Uma ferramenta essencial para podermos exercer a avaliação são então os testes psicológicos, não contemplando um fim em si próprios, mas um meio com objetivos definidos para se organizarem posteriormente os dados de forma a encontrar respostas às questões relativas aos problemas e à tomada de decisões (Groth-Marmat, 2003; Noronha & Vendramini, 2003). O papel do psicólogo não passa então por ser o *testólogo*, mas de integrar uma variedade de dados e diferentes áreas de conhecimento de forma a elaborar objetivos terapêuticos adequados às diferentes necessidades dos utentes (Groth-Marmat, 2003).

#### **4.1. Os Testes Projetivos na Avaliação Psicológica**

Existem dois tipos de instrumentos na avaliação psicológica que têm acesso à informação através de níveis diferentes, os testes projetivos e os objetivos. Mesmo que tratem de constructos similares, apreendem aspetos distintos de um mesmo estado motivacional, traço ou necessidade. As motivações que as pessoas reconhecem como características do seu funcionamento rotineiro, podem ser acessíveis pela forma objetiva. Já os instrumentos projetivos tendem a prever comportamentos espontâneos e subjetivos, movidos por necessidades internas, por vezes passíveis de se manifestarem noutros contextos (Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006). Desta forma é possível perceber a razão de obtermos resultados diferentes quando utilizamos uma abordagem diferente para avaliar o mesmo constructo. As autoras defendem que esta

---

<sup>3</sup> Preocupação experimentalista na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos da América (Pasquali, 2009).

baixa correlação de resultados não deve ser tida necessariamente como um problema de validade convergente<sup>4</sup>, mas que por vezes, é esta baixa correlação que sustenta a validade de ambos métodos e que será a utilidade clínica a dar o valor a determinado instrumento projetivo ou objetivo (Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006).

Williams Shakespeare apontava para as qualidades projetivas das nuvens, tendo sido usadas como estímulos mesmo antes de Rorschach utilizar as manchas de tinta. Assim, o que leva as pessoas a pensar que veem o que veem nas nuvens está relacionado com algo a seu respeito que a pessoa projeta no céu (Werlang, Fensterseifer & Lima, 2006). Frank, em 1939 (citado em Formiga & Mello, 2000) evoca o termo projetivo para designar o estudo da personalidade, baseando-se no teste de associação de palavras de Jung, teste de Manchas de tinta de Rorschach e o Teste de Aperceção Temática de Murray. O autor aborda nestes testes uma dinâmica holística da personalidade, onde a pessoa expressa numa atividade construtiva e interpretativa as fantasias interiores. Os estímulos apresentados desprovidos de estrutura são apresentados ao sujeito e as suas respostas serão sempre projetivas, reveladoras da sua maneira particular de ver certa situação, de sentir e interpretar. Os métodos projetivos propõem-se a compreender o sujeito, clarificando o que ele faz ou não faz, a forma como faz, quando e porquê, contemplando a sua unicidade e a sua dinâmica específica. Estas técnicas ajudam a captar o mundo simbólico que na maioria das vezes seria difícil, senão impossível, de ser expresso pela linguagem verbal.

Este tipo de teste oferece diferentes vantagens na sua aplicação. Por exemplo, poderá ser aplicado num dos encontros iniciais como fomentador da relação entre clínico e utente, ou como agente de quebrar o gelo (Anastasi & Urbina, 1997). É também um tipo de tarefa algo divertida, despida de conotações do que é correto e errado, deixando de lado questões como o embaraço ou algumas inseguranças. São também testes que podem ter utilidade acrescida junto de crianças, pessoas com dificuldades na fala, ou pessoas analfabetas, já que não compõem uma barreira linguística ou de expressão escrita nos últimos dois casos, e porque esta conotação de jogo se adequa à comunicação com crianças, porque no brincar as crianças podem representar simbolicamente as suas fantasias e ansiedades, conscientes e inconscientes

---

<sup>4</sup> Qualidade psicométrica que constitui parte da validade de constructo dos instrumentos: verifica-se quando os resultados obtidos com o instrumento de observação se correlacionam adequadamente com os resultados derivados de outros procedimentos de medida do mesmo conceito (Equipo EIF, 2008)

(Segal, 1975). Pela sua natureza projetiva e sendo a projeção um processo inconsciente, é também mais difícil que os resultados sejam manipulados ou que seja usado qualquer filtro pelos utentes, visto que os métodos projetivos representam procedimentos de testagem disfarçados (Anastasi & Urbina, 1997).

Um dos limites dos testes projetivos prende-se principalmente com o descrédito que lhes é atribuído por não cumprirem os mesmos critérios dos testes psicométricos tradicionais, o que lhes confere subjetividade na interpretação, ao invés de ter um dado quantitativo, mesurável e objetivo como referência. Além de vários testes serem objeto de estudos de validação, são também alvo de críticas quer pela metodologia empregue para o efeito, quer pelo carácter extremamente singular de alguns achados (Fonseca & Capitão, 2005). Ainda assim e apesar de se verificar um crescendo nos estudos efetuados para a melhoria da qualidade dos testes utilizados atualmente, há uma lacuna na inexistência de instrumentos desenvolvidos a partir de teorias contemporâneas para a avaliação da personalidade

Os autores Almeida, Diniz, Pais, e Guisande (2006)<sup>5</sup> apelam para um cuidado especial que se deva ter no uso dos instrumentos para que estes se traduzam realmente eficazes e precisos nas suas informações e no que realmente estão a avaliar. Segundo os autores, existe uma taxa bastante elevada de utilização de testes psicológicos que não estão devidamente validados e aferidos na população portuguesa, o que pode tornar os seus resultados distorcidos da realidade, tornando inútil a utilização do teste. Também no mesmo trabalho, foi referida a urgência da necessidade de se efetuarem mais estudos de aferição para Portugal das provas psicológicas, tendo delineado a área da personalidade como a mais necessitada, já que a situação foi considerada grave, seja ao nível da utilização de provas projetivas, seja no uso de questionários.

Esta necessidade de realizar estudos de aferição deve-se às qualidades psicométricas, que são a base para a validação dum instrumento. O conhecimento de dados sobre a fidelidade, validade e o estabelecimento de normas para testes utilizados em países de subculturas marcadamente diversificadas, confere ao instrumento a precisão e utilidade numa situação específica (Pasquali, 1999).

Os métodos de avaliação projetiva ou de autoexpressão, visam identificar fenómenos presentes nas produções do indivíduo, representando tanto os mecanismos

---

<sup>5</sup> Os autores debruçaram-se sobre alguns aspetos relacionados com a prática da avaliação psicológica pelos psicólogos portugueses, como por exemplo o tipo de instrumentos que os psicólogos nacionais usam e qual a experiência/formação na área da avaliação psicológica.

que regem o seu funcionamento psíquico e a organização da sua estrutura, quanto os conteúdos que abarcam as diversas etapas da vida revelando a dinâmica das construções que representam o universo psíquico individual. Os testes de natureza projetiva surgem associados à tradição psicodinâmica, partindo do pressuposto de que as pessoas expressam sentimentos e motivações em tudo o que realizam. Neste sentido, a premissa base das técnicas projetivas é de que o psiquismo nunca produz algo absolutamente novo uma vez que em tudo o que elabora e manifesta estão presentes as marcas de registos anteriores que, por associação, dão sentido ao que é percebido atualmente (Villemor-Amaral, 2008). Isto significa que nenhuma criação parte do zero, por esse motivo não pode ser desvinculada de registos mentais anteriores, nem das cargas emotivas ou conteúdos que preenchem a vida interna das pessoas (Fensterseifer, 2008).

Se por um lado os testes, escalas, inventários, entrevistas estruturadas ou semiestruturadas são eficientes para que se identifiquem sintomas que possibilitam classificações nosográficas, como as que vigoram no DSM-IV-TR (American Psychiatric Association, 2000), as avaliações com instrumentos de auto expressão visam alcançar algo mais do que aquilo que pode ser evidenciado pelo autorrelato ou pela identificação de determinados sintomas (Villemor-Amaral, 2008).

Os testes de natureza projetiva vão para além da identificação dos sintomas, que, embora tenham a sua utilidade como forma de conhecer o outro, devem também ser compreendidos como algo fora do cenário psíquico. Devemos ir além desta classificação se a pretensão for intervir e ajudar o outro a melhorar a sua qualidade de vida por meio do desenvolvimento mental e reforço de recursos pessoais para lidar com problemas. Neste caso é necessário ampliar a compreensão do indivíduo sobre si mesmo para ajudá-lo a integrar o que não pôde até então ser integrado, preencher lacunas ou discriminar representações e afetos que estejam justapostos de forma desfavorável à sua adaptação e às circunstâncias da sua história de vida (Villemor-Amaral, 2008). Podemos concluir que o uso dos testes projetivos é pertinente no contexto clínico, podendo a sua aplicabilidade estender-se a outros contextos.

Existem outras vantagens deste tipo de instrumentos como o fato de poder ser um desbloqueador, ou quebra-gelo num encontro inicial, já que esta tarefa costuma ser interessante e muitas vezes divertida, descentrando a atenção do utente de si mesmo, reduzindo o embaraço e o seu sistema de defesa, constituindo raramente uma ameaça. São também instrumentos onde há menos hipótese do utente fingir resultados, havendo

menor suscetibilidade dum enviesamento defensivo, que nos instrumentos de autorrelato, já que o utente normalmente fica absorvido pela tarefa (Anastasi & Urbina, 1997; Grassano, 1996; Westen, 1995)

Como qualquer instrumento psicológico, também a finalidade dos instrumentos projetivos é a de aferir, de modo preciso, informações tidas como fundamentais, tais como traços de personalidade, a forma como determinado indivíduo percebe um fenómeno concreto ou ainda padrões de comportamento, ou a perceção da estrutura familiar. Para que tais instrumentos possam ser considerados credíveis e assim os seus resultados entendidos como fiáveis e legítimos, importa que cumpram determinados critérios tanto na sua construção como na sua aplicação (Fensterseifer, Lima, Paranhos & Werlang, 2009).

Assim, de modo a assegurar a autenticidade e validade da representação do processo psicológico que se pretende medir ou compreender, foram definidos como requisitos mínimos e obrigatórios para todos os instrumentos de avaliação psicológica os preceitos de (a) especificação do constructo que o instrumento em causa tenciona avaliar, (b) a caracterização baseada na revisão da literatura e (c) evidências empíricas de validade, fiabilidade bem como das propriedades psicométricas dos itens (Fensterseifer et al, 2009). Fica claro que todo e qualquer instrumento de diagnóstico seja psicométrico ou projetivo, tem que ser sujeito à avaliação das suas qualidades psicométricas, antes de ser divulgado e utilizado. Porém, as técnicas projetivas acarretam dificuldades acrescidas uma vez que não se tratam de instrumentos ditos psicométricos convencionais, mas sim de instrumentos qualitativos. Esta característica pode ser vista como uma das suas limitações e origina várias críticas, vindo a contribuir para uma diminuição considerável do uso deste tipo de instrumentos (Macfarlane, Tuddenham, citados em Fensterseifer et al, 2009). De outra parte, há um reconhecimento da importância do recurso a este tipo de instrumentos e são vários os especialistas que evidenciam a emergência do investimento em estudos que tenham por base trabalhar a fidelidade dos critérios de avaliação e interpretação dos resultados provenientes da aplicação de instrumentos de natureza projetiva (Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006).

Respeitante à avaliação de pais e filhos na situação de divórcio, os estudos a que tivemos acesso sobre este domínio evidenciam a predominância do recurso a testes quantitativos para avaliar as dimensões relacionadas com o âmbito das investigações

que realizam. O recurso a esta tipologia de instrumentos tem também uma relação forte com o desenho e modelos cujos autores seguem, verificando-se nos desenhos quantitativos um maior recurso a escalas Likert e questionários de autopreenchimento e de autorrelato e nos desenhos qualitativos às entrevistas semiestruturadas. Os desenhos mistos servem-se dos instrumentos quantitativos e qualitativos referidos anteriormente.

No que consta de instrumentos projetivos direcionados exclusivamente para avaliar as dimensões do divórcio não encontramos qualquer referência. No entanto, em estudos cujo divórcio, as suas dimensões e o seu impacto foram estudados, encontramos o recurso a diversos instrumentos projetivos que auxiliam a sua compreensão. Entre eles encontramos o *Family Relations Button Sort*, um instrumento projetivo utilizado na Primeira Grande Guerra com o nome de *Button Game*. A referência provém de dois estudos de metodologia mista norte americanos da mesma universidade, um com as famílias divorciadas como objeto de estudo (Thiessen, 2002) e outro sobre as famílias recompostas (Coelho, 2005). A utilização do instrumento seria para compreender a visão da criança sobre a sua família e das suas dinâmicas em ambos os estudos. Embora o uso tenha como população alvo as crianças, também é passível de ser aplicado a adultos, casais e outros membros familiares, pela sua utilidade e eficiência na observação das dinâmicas familiares. Como o próprio nome indica, o instrumento consiste em 240 botões dos quais 48 se consideram ser como os botões alvo ou principais e os restantes são botões simples. Dividem-se em quatro cores, branco/pérola, dourado/latão, preto e primário. Os botões estão também categorizados com três níveis de abstração, simples, abstratos e concretos. Para a aplicação do instrumento, os botões são despejados num tabuleiro para que sejam mais visíveis e acessíveis para serem utilizados. É então pedido ao utente que escolha os botões que representam quem consideram ser seus familiares. Depois de escolherem todos os elementos, é pedido ao utente que explique as suas escolhas. Por fim, é pedido ao utente que organize os botões de acordo com a forma como os elementos da família se relacionam. É ainda possível pedir para reorganizarem de forma diferente, para compreender como a família se relaciona com cada um dos elementos.

Encontramos também outros instrumentos a que os investigadores recorreram nos seus estudos como as imagens de Rorschach para estudar níveis de agressão, hostilidade e ansiedade decorrentes do impacto da situação de divórcio dos pais, o Teste Appreciativo Familiar que tem por base a Teoria Geral dos Sistemas e por objetivo a

avaliação do processo de funcionamento e estrutura familiar, o *House-Tree-Person* para revelar possíveis conflitos de interesse gerais dos indivíduos e aspetos específicos do ambiente que ache problemáticos, podendo o produto final de várias aplicações no tempo, refletir mudanças globais no estado psicológico do indivíduo, entre outros instrumentos.

Fruto da nossa formação no Mestrado em Psicologia da Família, existem alguns instrumentos que possam ser interessantes para a recolha de informações acerca da família e dos membros familiares que se possam correlacionar com aspetos de risco ou mal-estar referentes ao divórcio. Por exemplo a Entrevista Clínica Generacional (Cigoli & Tamanza, 2009), que se aplica a casais, é dividida em três eixos onde podemos encontrar tarefas projetivas, além da entrevista em si. Os eixos são relativos ao ambiente de origem, relação de casal e transmissão geracional. Em cada uma destas três partes são apresentadas uma série de imagens em que é pedido ao casal que selecionem a imagem que possa tornar visível o tema de cada eixo, comentando-a e comentando a do parceiro. Referente ao eixo do ambiente de origem, é também pedido para que imaginem a família como um corpo e a desenhem utilizando imagens de um corpo humano ou parte dele, recorrendo a símbolos ou então em abstrato, com animais, vegetais, animado ou inanimado. Estas partes projetivas (assim como o resto da Entrevista) podem dar-nos alguns indicadores sobre eventuais problemas sentidos na relação de casal, onde o casal reflete sobre o projeto em comum, abrindo também espaço para manifestar os seus próprios desejos, fantasias e pensamentos. Pode também servir de imediata intervenção onde cada elemento do casal, por poder explorar dimensões que não foram exploradas fora do contexto terapêutico provoque uma abertura para o diálogo de novas reflexões sobre o pacto conjugal e sua renovação. Este instrumento encontra-se em estudos de aferição para a população portuguesa.

Um outro instrumento projetivo ligado à nossa formação é o Desenho da Relação de Casal (Juri, 1979), onde é pedido ao casal que represente num desenho a relação de casal, a sua qualidade, os pontos fortes e débeis, as necessidades que estão satisfeitas e as que não, a doença, saúde, dores e alegria. No fim de terem cada um representado o seu desenho, pede-se para que cada um exponha ao outro o que desenhou e qual o seu significado. O *Sceno-Test* (Von Staabs, 1991) por sua vez é um instrumento gráfico-constructivo que consiste na criação de uma cena familiar com brinquedos e peças de construção. A sua aplicação pode ser individual ou conjunta e

possibilita a compreensão da dinâmica familiar, sendo extremamente rico pela criação da cena, como na organização dos elementos nessa composição. O *Family Life Space* (Gozzoli & Tamanza, 1998) tem como objetivo compreender a quantidade e qualidade dos laços familiares, perceber possíveis tensões entre as relações, compreender as hierarquias e os limites, compreender o nível de fusão e diferenciação familiar, perceber as relações extrafamiliares e a sua qualidade, bem como possibilita à família de iniciar-se num processo de auto-observação e compreensão. Estes compõem alguns dos instrumentos que tivemos o privilégio de manusear, mas que ainda não se encontram em fase de validação para a população portuguesa.

Por fim e porque o nosso tema se prende com a exploração de dimensões associadas ao divórcio como a experiência e a reorganização familiar e porque pretendemos dar o nosso contributo para a aferição das qualidades psicométricas de um instrumento projetivo de avaliação psicológica, resta-nos elencar o *Doppia Luna* (2004). O instrumento é originário de Itália da autora Ondina Greco, sendo seu nome em português Dupla Lua. Trata-se de um teste projetivo e construtivo que procura identificar os limites e pertenças familiares, especialmente pensado para ser aplicado a tipologias de famílias complexas, onde existam dois ou mais polos de conflito. A partir do agir simbólico (Cigoli, 2004) do participante, é construída uma imagem de como a família organiza as suas fronteiras e pertenças, denunciando eventuais conflitos que provêm das não reorganizações das fronteiras e mediação das distâncias que regulam as pertenças, mediante as crises profundas pelas quais as famílias passam. Como se trata de um instrumento projetivo, devemos ter em atenção a sua natureza qualitativa no processo de avaliação das qualidades psicométricas, já que não é um instrumento psicométrico tradicional. Na seção do Método iremos detalhar com maior profundidade a caracterização do instrumento assim como os procedimentos referente ao estudo das suas características psicométricas.

## 5. Método

O objetivo primário do nosso estudo é explorar a adequação das qualidades do instrumento projetivo a Dupla Lua (Greco, 2004) à realidade portuguesa, e se se trata dum instrumento pertinente para ser usado na avaliação psicológica. Desta forma é preciso fazer um exercício que complemente as características da psicometria com a natureza qualitativa e projetiva do instrumento, de forma a possibilitar a avaliação das suas qualidades e adequá-las à população portuguesa.

A Dupla Lua tem um carácter gráfico-simbólico e o seu uso especializa-se em situações familiares ditas complexas, caracterizadas por exemplo por “parentalidade atípica” (divórcio, adoção, migração, recomposição, entre outros). A sua utilização é mais pertinente e frequentemente focada em situações onde o tema da perda, real ou simbólica, é crucial (Greco, 2004). Sendo o interesse de adaptar o instrumento para a população portuguesa, decidimos escolher como população os filhos das famílias divorciadas e explorar em que medida o instrumento nos possa auxiliar a traduzir a experiência pela qual passam.

A psicometria tem como fundamento o estudo dos instrumentos de avaliação psicológica, dos seus constructos, dos itens, escalas e subescalas, as grelhas de resultados, onde se representam as medidas e o significado dessas medidas, e por fim, a margem de erro dos resultados e medidas. A psicometria avalia então se os instrumentos medem aquilo a que se propõem medir (Haynes, Nelson & Blaine, 1999). Para chegar a esse resultado, a psicometria necessita de avaliar um conjunto de dimensões, sendo elas a validade, desde a validade de constructo que comporta a validade convergente e divergente, a validade de conteúdo, a validade de critério e a fidelidade, que garante a estabilidade temporal e precisão medida através da fidelidade externa com o teste-reteste e a fidelidade intra e interobservador e a fidelidade ou consistência interna (Equipo EIF, 2008). Há ainda outros fatores como o uso do instrumento e a validade incremental, diretamente relacionados com a pertinência do uso dos instrumentos para a perceção e formulação de caso e se estes são sensíveis a mudanças que se verifiquem ao longo do tempo. Comportam também aspetos mais práticos, como o custo-eficácia na obtenção da informação e seu valor, e a facilidade de uso (Haynes, Nelson, & Blaine, 1999).

Devemos ter em conta a natureza particular da Dupla Lua na sua avaliação psicométrica, já que certas dimensões não poderão ser exploradas da mesma forma que um instrumento quantitativo. Temos então que considerar a pertinência do uso dos testes projetivos para a avaliação psicológica e a aferição das qualidades psicométricas dos instrumentos projetivos. Como qualidades psicométricas, a validade de constructo que diz respeito ao grau de consonância entre os resultados do teste, a teoria e a prática. Esta última compreende dois tipos de validade, a convergente e discriminante, como referenciais de correlação com o constructo-chave do instrumento ou de diferenças e não correlação com o constructo, correspondentemente (Almeida & Freire, 2003).

A avaliação das qualidades psicométricas é a chave para atingir o objetivo geral de continuar o processo de validação do instrumento Dupla Lua (Greco, 2004), que foi realizado junto de uma amostra de 20 participantes. Neste sentido, os objetivos específicos delineados são (a) explorar se as qualidades psicométricas de validade de constructo, avaliada através da validade convergente e discriminante e (b) explorar a utilidade clínica do instrumento na compreensão da experiência dos filhos de casais divorciados.

Nos pontos seguintes será apresentado o desenho de estudo, os participantes e processo de amostragem utilizado, os instrumentos utilizados e como procedemos à recolha dos dados.

### **5.1. Desenho de Estudo**

A investigação segue um desenho qualitativo de cariz exploratório, tendo incidido sobre a análise da validade de constructo, através da validade convergente e discriminante. A validade de constructo trata de avaliar em que medida os indicadores usados abarcam todos os aspetos do constructo (validade convergente) e até que ponto os indicadores representam também aspetos marginais ao constructo (validade discriminante) (Haynes, Nelson, & Blaine, 1999). Pretendemos também compreender se a Dupla Lua tem utilidade clínica de forma a auxiliar a compreensão da experiência dos filhos de casais divorciados. A utilidade clínica do instrumento prende-se com o valor que esta possa ter no julgamento clínico, desde a obtenção de informações à formulação de caso.

## 5.2. Participantes

A nossa estratégia de amostragem foi a teórica onde as decisões sobre a escolha e agrupamento de material são tomadas durante o processo de recolha e interpretação. O princípio fundamental deste tipo de amostragem é seleccionar casos ou grupos com base em critérios concretos relacionados com o assunto em vez de utilizar critérios metodológicos abstratos (Flick, 2005). Neste sentido, as pessoas são seleccionadas de acordo com o seu nível esperado de gerarem novas ideias para a elaboração de novas ideias para a construção de uma teoria (Glaser & Strauss citados em Flick, 2002).

O critério utilizado para seleccionar o intervalo de idades e número de elementos da amostra é o da equipa internacional que se encontra atualmente a validar uma escala quantitativa de interpretação da Dupla Lua. É importante referir que estes filhos teriam de estar a viver apenas com um dos progenitores e que esse agregado não constasse com um terceiro numa relação afetuosa com o progenitor, constituindo-se um critério de exclusão.

Os participantes que fizeram parte do nosso estudo são filhos de famílias divorciadas da região do Minho, com idades compreendidas entre os 6 e 16 anos, numa amostra de 20 em que 12 deles eram irmãos. Onze dos participantes são do género feminino e nove do género masculino. A média de idades dos 20 participantes é de 11 anos e a média da diferença de idades entre os irmãos é de 3,33 anos. A escolaridade dos participantes insere-se com o participante mais novo a frequentar o 1º ano do 1º ciclo e o mais velho, de 16 anos com o 11º ano concluído.

No que consta do período de tempo decorrido desde a separação até à data do nosso contacto com as famílias, temos um intervalo que se inicia em um ano e se alonga até ao máximo de oito anos, sendo a média de aproximadamente cinco anos. O divórcio é em 17 dos casos a tipologia de dissolução do relacionamento de casal, sendo os restantes referidos como separações.

Por último, 17 dos participantes estavam a viver com a mãe, duas vivem com a avó e um com o pai. Dos 20 participantes, quatro recebem visitas ou permanecem como pai no fim de semana todas as semanas, sete participantes recebem visitas ou permanecem com o pai quinzenalmente, sendo que em quatro destes casos o pai se encontra emigrado. Dos outros nove participantes, o que habita com o pai tem contacto diário com a mãe, um outro que habita com a mãe tem um contacto esporádico com o pai, outro apenas tem contacto telefónico com o pai por dois motivos, por estar

emigrado e porque existe uma relação conflituosa entre o ex-casal e seis não têm qualquer contacto com o pai.

### **5.3. Instrumentos**

Utilizamos como instrumentos a Dupla Lua (Greco, 2004), o Teste do Desenho da Família (Corman, 2003), o Questionário de Comportamentos da Criança (Achenbach, 1991), e o questionário sócio demográfico. De seguida iremos apresentar cada um desses instrumentos começando pelas teorias de base que os suportam, depois materiais e procedimentos de aplicação, grelha de avaliação e uma fundamentação sobre o motivo da utilização de cada instrumento.

#### **5.3.1. Dupla Lua.**

A Dupla Lua (Greco, 2004) é um instrumento construtivo-projetivo que testa os limites e as pertenças familiares. O instrumento inscreve-se quer na linha de reflexão aberta no âmbito terapêutico, quer no âmbito de pesquisa clínica dum outro instrumento italiano semelhante, o *Desenho Simbólico do Espaço de Vida Familiar*, versão do *Family Life Space*, de Danuta Mostwin (Gedes & Medaway, 1977; Mostwin, 1980; Gilli, Greco, Regalia & Banzatti, 1990; Gonzzoli & Tamanza, 1998). Contudo a Dupla Lua (Greco, 2004) visa tornar claro conflitos de pertença e de lealdade em tipologias de família ditas complexas na sua estrutura, como famílias reconstituídas após divórcio ou morte de um dos pais, famílias adotantes, famílias de acolhimento ou famílias separadas ou divorciadas, ou seja, tipologias de famílias que evidenciem dois ou mais polos de pertença. A autora refere que mesmo que o polo de conflito não esteja presente, como no caso de famílias em que morre um dos pais ou em que uma criança é adotada e constantemente compara o pai ou mãe biológicos com os de adoção, existe uma enorme força que lhe está subjacente, dando-lhe o nome de *presença vazia* a esse polo. A Dupla Lua é também dirigida aos pais e outras figuras significativas envolvidas nesta rede familiar ou social, uma vez que, por norma, as crianças buscam nos adultos a solução para os seus próprios conflitos e assim torna-se pertinente conhecer as suas representações (Greco, 2004).

As teorias de base a este instrumento assentam sobre um conjunto de modelos. O constructo subjacente ao teste da Dupla Lua é o de confins ou limites, logo, a autora teve o cuidado de explorar vários modelos, teorias e conceitos, que possam indicar como estes limites vão sofrendo alterações na vida das pessoas e como podem

influenciar as suas vidas. Para a conceção destes limites e fronteiras, a autora revisitou teorias da psicologia social, desde as mais remotas, com conceitos da teoria de campo de Kurt Lewin como o de espaço de vida e de fronteiras/confins, às mais recentes, que começaram a tratar do constructo de ambiguidade de confins familiares de Pauline Boss e Iafrate. A autora serviu-se também de teorias e reflexões de terapeutas sistémicos como Haley e Minuchin, que partindo da família como sistema a chave do bom funcionamento seria uma boa definição de limites e fronteiras, possibilitando a organização de cada subsistema que compõe a dinâmica familiar (Greco, 2004).

Conseguimos perceber que as teorias psicossociais do ciclo de vida da família são também uma das teorias tidas em conta, segundo a qual a família atravessa mudanças profundas que, entre outros aspetos, exigem uma redefinição dos limites familiares (Greco, 2004). Na fase de formação de casal, há que construir uma identidade de casal com fronteiras adequadas, com o nascimento de um filho, estas fronteiras devem deixar espaço para este terceiro elemento, na fase da família com adolescentes, as fronteiras devem ser mais permeáveis, permitindo que este saia à descoberta do mundo, possibilitando o gradual *desvincular* dos filhos, na fase da saída do jovem adulto de casa dos pais, há uma reorganização das fronteiras, quer da família de origem, quer do filho, e por fim também na fase da família no estágio tardio da vida, há também uma abertura das fronteiras, para que se dê uma maior proximidade com a geração adulta que lhes precede, auxiliando as escolhas e facultando apoio e cuidados (Greco, 2004).

Mas também as ditas fases do ciclo de vida não normativas implicam alterações nos limites, tal como os divórcios, mortes, separações, adoções, um novo casamento, ou famílias de acolhimento, são casos de mudança radical da estrutura familiar, e a autora suportou-se no conhecimento de Cigoli e Scabini (2000) no que diz respeito aos eventos críticos não normativos. Nas situações familiares complexas, o problema de desenhar os limites, decidindo quem está dentro e quem está fora do sistema familiar (instrução de execução), “apresenta com todas as evidências aspetos cognitivos, mas também conotações emocionais e afetivas, entrando-se profundamente no jogo das relações familiares” (Greco, 2004, p. 19). Podem então surgir os conflitos de lealdade, entendendo o conflito como sendo intrapsíquico, rebuscando o conceito de Freud (citado em Greco, 2004), e o termo lealdade de Nagy e Spark, Karpel e Strauss (citados em Greco, 2004) traduzindo-se na força da junção/união, que a nível ético se

desenvolve no indivíduo como resposta às relações primárias, que tem também como horizonte, a história multigeracional da família. Esta lealdade faz também alusão à segurança, reportada à díade mãe-bebé, explorada por estudiosos psicanalíticos tais como Winnicott (citado em Greco, 2004) com o conceito de mãe suficientemente boa, Mahler (citado em Greco, 2004) com o processo de simbiose-individuação, e o conceito de confiança de base de Erikson (citado em Greco, 2004). Assim, das relações familiares, desenvolve-se ao mesmo tempo que uma confiança de base, uma lealdade que vincula os filhos ao *corpo familiar*, sem que impeçam, nos casos funcionais, que estes procedam normalmente para as diferentes etapas de autonomização. A lealdade é então, ao mesmo tempo, um efeito e indicador do processo de pertença do filho e da família (Greco, 2004).

Sabendo tratar-se de famílias complexas, estas estão marcadas pela dimensão do ausente, do vazio. Imaginemos o caso de crianças ou jovens recebidas por famílias de acolhimento. Neste caso, o vazio é referente à distância da família de origem, mesmo que esta tenha sido disfuncional e inadequada. O mesmo se pode dar nas famílias divorciadas em que exista a ausência do progenitor sem a guarda atribuída. Esta ausência nas diferentes situações relaciona-se com o negativo e com o vazio. Winnicott (citado em Greco, 2004), através do conceito de objeto transitório, aborda esta dimensão do ausente, que permite uma tolerância do negativo. Para o processo é necessário que o objeto vital e positivo mantenha vivo o objeto interno positivo e gratificante, mas pode dar-se uma ausência da representação, que se exprime a nível afetivo como um vazio (Green, citado por Greco, 2004). Este vazio pode também assumir várias configurações, como ausência ligada à esperança de retorno, como perda de que é possível exprimir a dor e elaborar o luto e como não presença, (Winnicott, citado em Greco, 2004).

A abordagem da organização da família do Modelo Relacional-Simbólico (Scabini & Cigoli, citados em Greco, 2004) foi também tida em conta pela autora. Segundo o modelo, o corpo familiar vive e transforma-se no tempo segundo três registos, sendo um o do aqui e agora, do presente e com um espaço definido, denominado pela autora como o único registo observável. Outro registo é o relacional, ou seja, como se vive a diferença entre os conjugues e como se vive o tratamento do diálogo entre pais e filhos. Por fim, temos o registo de referência simbólica que é o tecido de significados e valores que estão ligados ao património narrativo da família e à possibilidade de dar novo significado ao mundo. A escolha deste modelo por parte da

autora, também se deveu ao fato do Modelo Relacional-Simbólico valorizar a interatividade ao mesmo tempo que se mantém atenta à abordagem psicodinâmica da dimensão dos significados, fornecendo ferramentas a que ela chama de bagagem teórico-metodológica, mais adequadas na compreensão da complexidade familiar.

A essência construtiva-projetiva advém das imagens evocadas no investigador dos símbolos/desenhos feitos pelo utente, cujo produto não emerge de algo pré-pensado, mas sim de qualquer coisa que emerge do *fazer*. Aos utentes, é pedido que ajam graficamente segundo uma estrutura simples, um retângulo, com simples instruções, em que os aspetos centrais são, nomeadamente, em primeiro lugar é pedido à pessoa que se concentre no retângulo e imagine que representa o seu próprio mundo, o que lhe é importante e as pessoas significativas, e em que o espaço exterior representa tudo aquilo que está fora desse mundo; posteriormente, é pedido que a pessoa se represente a si mesma através de um símbolo, e de seguida, que represente as pessoas mais significativas; depois, é pedido que circule as pessoas que fazem parte da mesma família; por último, é pedida uma reflexão caso não tenham sido assinalados os dois polos de conflito e como agiria caso pudesse alterar algo nesse desenho (alguma pessoa a acrescentar, colocar noutra posição uma pessoa, entre outros). No Apêndice A encontra-se representada a folha de realização do desenho em tamanho A4, e no Apêndice B as instruções de aplicação. Cigoli (2004) defende que a Dupla Lua valoriza o agir simbólico como base e matriz para o trabalho de atribuição de significados, sendo que é neste agir que os utentes se projetam a si mesmos, e que emergem figuras que podem evocar imagens tanto no investigador, como no utente.

Para análise deste instrumento existe a grelha de interpretação qualitativa, composta por seis níveis de análise (Greco, 2004). São eles a análise do conteúdo gráfico, a análise do conteúdo verbal, a análise do nível emotivo/interativo, a análise do nível reflexivo, a análise da aplicação conjunto e por fim, a análise dos constructos chave – as fronteiras e pertenças familiares. A análise do conteúdo gráfico prende-se com uma análise da tipológica dos símbolos nomeadamente a sua disposição espacial, sequência, quais os membros presentes ou ausentes, a representação de limites e a relação entre as diferentes partes do desenho. O segundo nível é o da análise verbal, que diz respeito às verbalizações aquando a execução das instruções, e à verbalização posterior ao desenho. Num terceiro nível, a análise emotivo/interativo, diz respeito à observação do clima que se instaura na realização da prova, a observação dos

comportamentos, a observação de atribuição de papéis, os tipos de diálogo, a empatia, os mecanismos de defesa, e as transferências e contratransferências. No quarto nível, observamos se a pessoa é capaz de utilizar o conteúdo gráfico e que emerge do desenho para comentar, explicar e fazer associações livres, o que pode abrir temas imprevistos, ou onde possamos aprofundar temas de que já se tenha conhecimento. Outro nível prende-se com o da análise da aplicação conjunta e por fim temos o nível de análise dos constructos chave do teste onde, através dos diferentes indicadores gráficos e verbais, analisaremos os limites e as pertenças familiares, e onde, através da presença ou ausência dos polos familiares, conseguiremos analisar os conflitos de lealdade (Greco, 2004). No Apêndice C, podemos ver em pormenor a grelha de análise traduzida por Costa e Moreno, publicada na sua versão definitiva no trabalho de Moreno no ano de 2013.

Em termos da análise da representação das pertenças e limites familiares os desenhos produzidos pelos utentes podem ser enquadrados em duas tipologias denominadas de Modalidades Gráficas, que se associam à boa representação dos limites e pertenças familiares resultando em Modalidades Gráficas Integrativas (MGI), ou à presença de dificuldades nestas representações, evidenciando os efeitos negativos do conflito e desta forma configurando-se como Modalidades Gráficas Não Integrativas (MGNI). Dentro ainda destas duas tipologias podemos encontrar organizações e posicionamento diferentes dos elementos e fronteiras familiares, conferindo três subtipos a cada uma das modalidades gráficas. No Quadro 5.1 destacamos os tipos de MGI e MGNI existentes e a sua caracterização sumária e na Figura 5.1 podemos ver exemplos da configuração do produto final que cada tipologia pode tomar, sendo estes retirados da obra de Greco (2004).

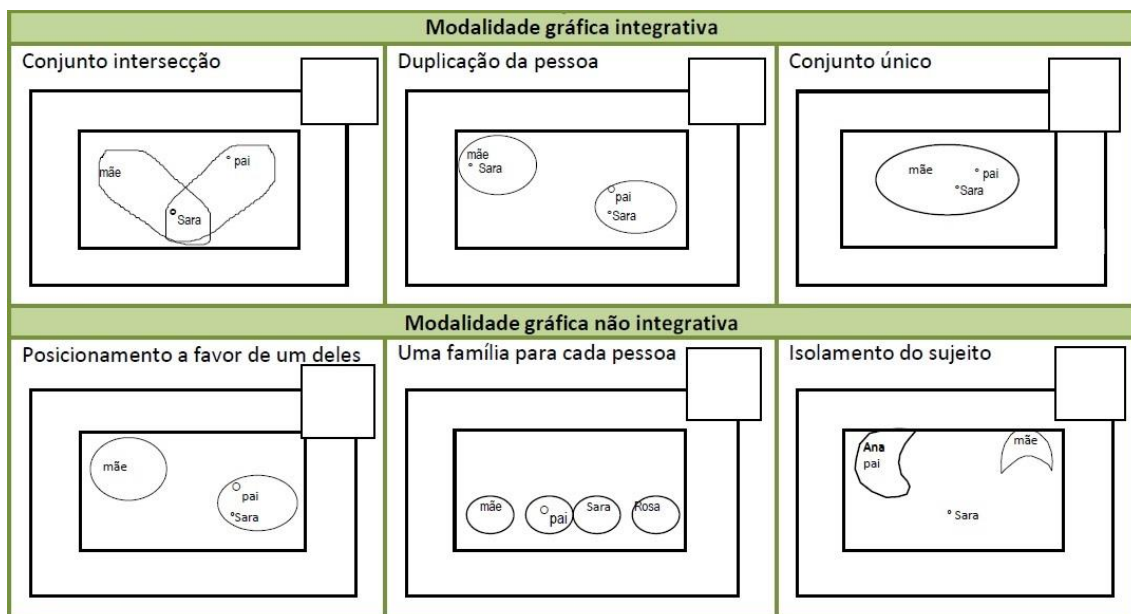
### **Quadro 5.1**

#### *Tipos de Modalidades Gráficas*

<b>Modalidades Gráficas Integrativas</b>	
Conjunto Interseção	Representação de cada um dos polos de conflito num limite com o utente – ponto que une os dois polos.
Duplicação do Sujeito	Duplicação do próprio símbolo em cada limite familiar – expressão da pertença a duas famílias.

Conjunto Único	O utente representa num só limite familiar ambos os polos de conflito e a si mesmo.
<b>Modalidades Gráficas Não Integrativas</b>	
Favor de Um Deles	Representação do limite com utente e apenas um dos polos, deixando o outro afastado.
Uma Família Para Cada Pessoa	Cada elemento envolvido num limite individual – possível evitamento da expressão da pertença familiar.
Isolamento do Sujeito	Representação do utente distante relativo aos elementos familiares – isolamento como resolução do conflito.

**Figura 5.1.** Exemplos de Modalidades Gráficas (Greco, 2004)



### **5.3.2. Teste do Desenho da Família.**

O TDF é um teste projetivo originalmente utilizado a partir do ano de 1930. A sua utilização começou como teste de indagação sobre a personalidade da criança. Desde então foi objeto de estudo de vários investigadores, sofrendo algumas alterações nas instruções dadas para a sua realização, ao mesmo tempo que aprofundaram os critérios de avaliação. Embora os autores indicassem uma instrução diferente do outro e privilegiassem um aspeto particular da análise do desenho, os métodos propostos convergem, sendo bastante semelhantes entre si.

A versão do TDF que escolhemos é a de Louis Corman. O modelo de Corman do TDF comporta a objetividade da situação real em que as crianças e adolescentes se encontram, bem como a dimensão do desejo ou o princípio do prazer através da projeção intrínseca à instrução para desenhar uma família da sua imaginação. Corman combina duas instruções, emergindo a de desenhar uma família imaginária da sua experiência clínica, alegando que ao se instruir o utente para desenhar a família real, o caráter objetivo subjacente iria limitar de alguma forma a projeção (Corman, 2003).

O objetivo do TDF é de explorar algumas dimensões do funcionamento familiar tais como a qualidade das relações interpessoais e a forma como elas são vivenciadas pelo utente, podendo-se evidenciar a presença de conflitos como o fraternal, de casal e edípico, assim como permite observar as valorizações/desvalorizações atribuídas pelo utente e os mecanismos de defesa que eventualmente possa utilizar. O instrumento pode encontrar também utilidade para ser parte complementar em diagnósticos de problemas de comportamento (Corman, 2003).

O material necessário para a aplicação do instrumento é uma folha A4 branca e lápis de grafite, sendo possível o uso de lápis de cor apenas se a criança pedir. Não é permitido o uso de borracha ou régua na sua execução porque ambas ações têm uma interpretação particular, como perceberemos mais à frente.

As instruções de aplicação do instrumento são simples e divididas em dois momentos. No primeiro momento pedimos ao participante para desenhar uma família da sua imaginação e no segundo que desenhe sua a família real. Existem aspetos do processo de realização de cada desenho que devemos tomar em conta. É necessário observar o local da página onde o desenho foi iniciado, quem é a primeira personagem a ser desenhada e qual a ordem da representação dos outros elementos, qual o tempo dedicado ao desenho de cada um deles, a direção ou sentido que é tomado, as paragens

momentâneas que possam ocorrer, bem como devemos estar atentos à linguagem verbal e não-verbal que indique qualidade afetiva e possíveis variações, assim como outros elementos que demonstrem ser importantes para tornar a compreensão do desenho e do utente facilitada. Estas características gerais do desenho são pontos importantes para corroborar a avaliação feita ao desenho.

Após a realização de cada desenho efetuamos uma pequena entrevista denominada por Corman (2003) como o Método das Preferências-Identificações através do qual questionamos as preferências ou aversões associadas às personagens representadas colocando as questões: Quem são? Qual o papel de cada um? Que idades têm? O que estão a fazer? Quem é o mais feliz? Porquê? Quem é o menos feliz? Porquê? Quem manda mais? Porquê? Quem manda menos? Porquê? Se pertencesse a esta família quem gostarias de ser? (colocamos esta questão apenas na parte referente à família imaginária) Porquê? Se fossem todos dar um passeio de carro mas não houvesse lugar para uma pessoa, quem ficaria em casa? Porquê? Se pudesses mudar alguma coisa nesta família, o que mudavas?

Para avaliarmos o desenho fizemos uma adaptação do método de análise construído por Ortega (1985), que originalmente contém 52 características elaboradas através de proposições de diversos autores, divididas em três níveis, baseados no método proposto pela autora Morval (citada em Ortega, 1985). A nossa grelha qualitativa de análise comporta os mesmos três níveis de análise, mas com um número mais reduzido de características, associando, tal como na investigação de Ortega, a utilização do instrumento aos objetivos da investigação. Assim, para avaliar o desenho recorreremos a três níveis de análise, o gráfico, o de estruturas formais e o nível de conteúdo. O nível gráfico inclui a avaliação da amplitude do desenho, a força do traço, o ritmo do traçado, a localização do desenho e o registo do sentido. O nível de estruturas formais compreende o esquema corporal relativo à perfeição com que é desenhado de cada elemento, a estrutura do corpo do desenho que nos fornece dados sobre quais foram os elementos da família desenhados e que pode evidenciar movimento e interação dos personagens em contextos animados ou não e a estrutura formal do desenho que pode ser racional ou sensorial, pelo desenho mais rígido na sua maioria composto por retas e ângulos ou pela espontaneidade onde o desenho compõe-se por linhas curvas e onde existe mais fluência na sua realização. O nível de conteúdo diz respeito a aspetos de valorização e desvalorização de personagens, a distância a que as personagens foram

representadas, se existe presença de representações simbólicas e de personagens acrescentadas, e por fim é pedido ainda para qualificar os laços e relações. A grelha de avaliação que adaptamos encontra-se no Apêndice D podendo ser consultada.

Para a avaliação dos símbolos e sua interpretação, achamos pertinente também ressaltar a proposta da autora Morval, citada em (Ortega, 1985), que declara que a utilização do TDF como teste projetivo assenta em três condições: (1) a família é um fator importante na estruturação da personalidade da criança; (2) através do TDF são projetadas as atitudes e sentimentos da criança em relação à sua família; (3) é possível conhecer essas atitudes e sentimentos interpretando os símbolos do TDF. A interpretação dos símbolos segundo a autora distingue-se em três momentos. No primeiro momento, cabe ao avaliador fazer um levantamento de todos os símbolos utilizados pelo utente no desenho. Em segundo lugar faz-se um exercício de combinar os símbolos de forma a obter um significado explícito, cabendo determinado número de símbolos numa categoria, sendo esta o seu significado explícito. Por fim, o terceiro passo permite, através da combinação dos significados explícitos, obter uma hipótese interpretativa.

Entre as investigações realizadas em Portugal que se fizeram auxiliar do Teste do Desenho da Família para recolher os dados temos “As Crianças quando os Pais Bebem: Estudo em Crianças do Ensino Básico” de Moreira (2001). O propósito da aplicação do instrumento foi o de compreender a perceção das crianças sobre a família e as dinâmicas relacionais internas, que se ligava com o objetivo do estudo, o de explorar como o alcoolismo possa influenciar a vida familiar e o aproveitamento escolar das crianças. Existem também dois artigos empíricos que se debruçam sobre a função simbólica da representação da família de origem em aplicações do Teste do Desenho da Família a jovens psicóticos, sendo eles “A Simbolização no Teste do Desenho da Família” (Carneiro, 1986) e “O Desenho da Família de Adolescentes Psicóticos” (Carneiro, 1988). Na dissertação de Mestrado de Neves (2012) intitulada “A Depressão na Criança: Percepção das Relações Familiares na Criança, na Mãe e no Pai – 5 Estudos de Caso”, a autora usou o Teste do Desenho da Família para analisar a percepção das relações familiares na criança com depressão. No trabalho “A Dinâmica da Relação nas Fratrias de Crianças com Doença Rara – Estudo Comparativo entre a Síndrome Cornélia de Lange e a Síndrome Prader-Willi” (Pimentel, 2006), o instrumento foi usado com o objetivo de compreender o modo como as crianças viam, se situavam e

que dinâmicas de relação afetiva haviam na sua família com um irmão doente. Em “A Representação Materna, Paterna e Filial de Crianças Normais e Deprimidas” (Almeida, 1994), usaram o Teste do Desenho da família para apreciar como as crianças diferenciam e representam os vários elementos da família bem como explorar o tipo de relações entre os elementos. Ficam estas referências, existindo ainda outras que podem corroborar a utilidade e fiabilidade na recolha dos dados.

A seleção do TDF justifica-se como elemento de avaliação da validade convergente da Dupla Lua. É um teste que assiste a um vasto uso no âmbito clínico e cuja sua utilidade é reconhecida também na investigação científica, constatando-se a realização de diversos estudos nas últimas décadas, apesar de não existir estudos de aferição e adaptação à população portuguesa. Contudo, a sua pertinência e utilização é exclusiva para analisar os resultados na Dupla Lua e constatar as semelhanças em dimensões semelhantes entre ambos os instrumentos, salientando o caráter exploratório do nosso estudo. Desta forma selecionamos alguns aspetos dos três níveis de análise, nomeadamente a dimensão e localização do nível gráfico, esquema corporal e estrutura do corpo familiar do nível de estruturas formais e por fim valorização, desvalorização e distância entre figuras do nível de conteúdo.

### **5.3.3. CBCL.**

A *Child Behavior Checklist* (CBCL) tem o propósito de avaliar o funcionamento adaptativo e mal adaptativo em crianças e jovens. A CBCL encontra-se devidamente validada para o contexto português, com o nome de Questionário de Comportamentos da Criança com duas versões, direcionadas para o período pré-escolar com crianças entre o ano e meio e os cinco anos e para crianças e jovens no período escolar com idades compreendidas entre os seis e os dezoito anos. A sua aferição é bastante recente e foi levada a cabo pela Psiquilíbrios em 2013, em conjunto com os restantes instrumentos que compõem o Sistema de Avaliação Empiricamente Validado (Psiquilíbrios, 2013), do original *Achenbach System of Empirically Based Assessment* (ASEBA) construído em 1991 por Achenbach e renovado em 2000 e 2001 pelo mesmo autor e pela autora Leslie Rescorla. A escala em ambas as versões é preenchida pelos pais ou cuidadores da criança/jovem (Wielewicki, Gallo & Grossi, 2011).

A versão que aplicamos remete-se à original de 1991, aplicável a crianças/jovens dos 4 aos 18 anos, pois no momento de recolha de dados a prova recentemente validada não se encontrava disponível. O teste é composto por 138 itens, dos quais 118 reportam-

se a problemas comportamentais, emocionais e sociais e 20 a competências sociais o que incluem atividades da criança/jovem como brincadeiras, jogos e tarefas, participação em grupos, relacionamento com familiares e amigos, independência para brincar e desempenho escolar. A parte referente aos problemas de comportamento requer que os pais classifiquem cada item como (0) não sendo verdadeira, (1) algumas vezes verdadeira ou (2) muito verdadeira. Na parte das competências sociais é pedido que os pais comparem as suas tarefas, atividades e competências com crianças/jovens da mesma idade segundo categorias de desempenho e tempo despendido em cada atividade, assinalando como abaixo da média, na média, ou acima da média.

O instrumento comporta oito escalas para enquadrar os resultados, sendo elas a de isolamento, queixas somáticas, ansiedade e depressão, problemas sociais, problemas de pensamento, problemas de atenção, comportamento delincente e comportamento agressivo. Os resultados obtidos em cada uma destas escalas permitem reconhecer se a criança/jovem se enquadra num perfil dito normal, ou de limite. As escalas estão também organizadas segundo os perfis de internalização e externalização. O perfil de internalização comporta as escalas de isolamento, ansiedade e depressão e queixas somáticas. O perfil de externalização inclui o comportamento delincente e o comportamento agressivo. Os resultados que se obtêm são então comparados com as grelhas que foram construídas inicialmente a partir dos dados normativos da população americana, mas que os estudos têm demonstrado a sua eficácia e rigor em diferentes culturas, incluindo na nossa. A CBCL dá-nos assim uma perceção das respostas parentais acerca do comportamento dos filhos, e é um dos instrumentos mais usado na avaliação de comportamentos e problemas de funcionamento (Wielewicki, Gallo & Grossi, 2011).

No que diz respeito às qualidades psicométricas, os resultados da fiabilidade apontam para o intervalo de 0.95 a 1.00 na correlação teste-reteste, 0.93 a 0.96 na correlação de concordância e 0.78 a 0.97 de consistência interna, sendo os valores limite de 0 a 1. A informação disponível aponta apenas para um nível de aceitação da validade de critério, sem precisar os parâmetros (Searchable Inventory of Instruments, 2013). Esta informação foi substituída pela validade e fiabilidade do novo protocolo ASEBA do ano de 2001.

Outro aspeto que nos foi possível abordar foi a validade transcultural que os indica a possibilidade do instrumento ser usado na nossa população. A validade

transcultural foi testada através de um estudo realizado por Crijnen, Achenbach e Verhulst (1999) que visava a aplicação do instrumento em 12 culturas diferentes a um total de 13697 crianças com idades compreendidas entre os seis e os dezassete anos. Os resultados apontaram em nove países variações médias do efeito intercultural nas escalas de isolamento e problemas sociais e variações de pequeno efeito nas escalas de queixas somáticas, ansiedade/depressão, problemas de pensamento e atenção, comportamento delinvente e na escala de comportamento agressivo. Os resultados das crianças porto-riquenhas foram os mais elevados e as crianças suecas tiveram em quase todas as escalas os resultados mais baixos. Com níveis de consistência intercultural altos, as raparigas obtiveram resultados mais elevados nas escalas de queixas somáticas e ansiedade e depressão do que os rapazes, mas por outro lado, registaram resultados mais baixos do que os rapazes nas escalas de problemas de atenção, comportamento delinvente e comportamento agressivo. Existe porém uma ressalva, apontando os autores que, apesar da grande concordância entre as culturas, as tendências de desenvolvimento diferem de acordo com a maior pontuação em determinada escala. A conclusão a que chegaram após este estudo é que a CBCL permite a comparação de problemas reportados nas crianças de diversas culturas (Crijnen, Achenbach, & Verhulst, 1999).

Apesar deste estudo não incluir a população portuguesa, inclui na sua amostra crianças e jovens de cinco nações europeias, nomeadamente da Alemanha, Bélgica, Grécia, Holanda e da Suécia, ao que devemos ter em consideração quando analisamos o estudo. Devemos frisar também que ainda não existem estudos portugueses sobre o instrumento e sua aplicação a esta população, pelo que podemos tomar como referência os índices destes países.

O instrumento foi utilizado para o teste da validade discriminante, partindo do princípio que os níveis de correlação e de predição de dificuldades da Dupla Lua, seriam baixos ou sem qualquer relação com as dificuldades registadas pela CBCL.

#### **5.3.4. Questionário sociodemográfico.**

O questionário socio demográfico (Apêndice E) divide-se em duas partes. A primeira parte é composta por cinco pontos, sendo que o primeiro diz respeito ao preenchimento dos dados referentes à pessoa que preencheu o questionário sociodemográfico, com os campos nome, idade e parentesco em relação ao participante. O segundo reporta-se ao participante, requerendo o preenchimento dos campos nome,

género e idade. De seguida existe uma parte referente à composição do agregado familiar do participante, deixando um espaço para a eventual existência de irmãos cuja guarda esteja atribuída ao outro progenitor. O ponto quatro é referente à situação escolar, se frequentou o infantário, qual a escolaridade que tem e se frequenta atividades extracurriculares. Para finalizar o último ponto refere-se ao registo do período de tempo os pais se encontram divorciados e como está estabelecida a divisão do tempo que cada um dos progenitores passa com os filhos. Na segunda parte foram colocadas algumas questões aos participantes para recolher informações sobre a história e relacionamento familiar.

#### **5.4. Procedimentos de Recolha e Análise de Dados**

O processo de validação da Dupla Lua já foi iniciado no ano letivo de 2010/2011 no âmbito da dissertação de Mestrado de Costa (2013) e de Moreno (2013). O instrumento e respetiva grelha de análise qualitativa foram traduzidos para a língua portuguesa e de seguida realizada a retrotradução que foi devolvida à autora do instrumento, para que confirmasse, ou não, a permanência do sentido original. Num segundo momento procedeu-se à análise do instrumento com método de reflexão falada. O método consistiu no ato de refletir sobre a leitura das instruções do instrumento, de forma a constatar a compreensão generalizada entre todos. O grupo foi composto por 10 pessoas portuguesas de idades e níveis culturais diferentes (Costa, 2013; Moreno, 2013).

Realizados estes procedimentos, coube-nos a aplicação piloto do instrumento e a comparação dos resultados com aqueles da autora. Para isso e uma vez já estipulado o critério de seleção de participantes pela equipa internacional, junto de escolas, paróquias e através de casos apontados por familiares, amigos e conhecidos, procedemos à recruta dos participantes aos quais lhes foi facultado o Consentimento Informado e a Carta de Explicação do Estudo. Neste mesmo contacto, procuramos encontrar junto dos mesmos, agenda para a aplicação dos instrumentos.

A carta de explicação do estudo e do consentimento informado tem como objetivo dar informações cruciais acerca do estudo e da participação das pessoas selecionadas para nele colaborar. O documento é composto pelos tópicos (a) título do trabalho, (b) o nome do autor, (c) o objetivo do estudo, (d) o método, (e) a confidencialidade e anonimato, e (f) a participação. Os tópicos a, b, c e e, são mais

evidentes, logo não carecem de explicação. O método diz respeito a uma simples explicação da metodologia, ao que se deve aplicação dos instrumentos e o que se pretende com isso. A participação torna claro que o participante é voluntário, logo poderá desistir assim que o entender sem necessidade de dar justificação alguma. Deixamos no fim desta carta expressa a nossa gratidão pela disponibilidade na participação e colaboração no trabalho, bem como colocamos o contacto telefónico e endereço eletrónico para esclarecimento adicional ou outra situação perante a qual fizesse sentido entrar em contacto. Este modelo de Carta de Explicação foi elaborado com o apoio da obra de Fortin (1999) e pode ser consultado no Apêndice F.

O formulário de consentimento informado declara que o participante está esclarecido acerca do estudo e todo o processo envolvente, assim como a sua participação é livre de qualquer contrato ou compromisso e que toda a informação merecerá um carácter de confidencialidade e que é salvaguardado o anonimato do mesmo, não sendo em nenhuma situação revelada a identidade em conjunto com os dados a ela referentes. Este foi assinado e datado. O formulário foi também adaptado do manual da autora Fortin (1999) e poderá ser consultado no Apêndice G. Devemos deixar aqui claro que o consentimento informado foi assinado pelos pais, já que são estes responsáveis pelas decisões dos jovens enquanto não têm autonomia, ou idade suficiente para a maioridade.

Planeamos realizar a aplicação dos instrumentos em dois momentos, sendo que no primeiro faríamos a entrevista e aplicávamos a Dupla Lua, deixando a CBCL para que no segundo encontro nos fosse devolvida já preenchida e aplicávamos o TDF. Assim, depois de realizarmos a primeira abordagem com os pais, agendávamos os encontros posteriores. No primeiro encontro que tivemos procedemos à explicação do estudo junto da criança/jovem e dos seus pais, para aclarar eventuais dúvidas e expor aos filhos ao que se devia a sua participação. Os encontros deram-se na sua grande maioria em casa dos participantes, excetuando dois casos, um dos quais foi na casa de um outro participante, e outro num estabelecimento comercial. Nos espaços onde aconteceram as aplicações, procuramos estar a sós com os filhos sempre que possível, para eliminar alguns constrangimentos ou distrações que pudessem surgir. Após esta explanação sobre o estudo, prosseguimos com o preenchimento do questionário sociodemográfico e com as questões sobre a história familiar. De seguida entregamos a CBCL ao progenitor.

Depois foi aplicada a Dupla Lua, procurando um espaço adequado em termos de iluminação, ruído e suporte para desenhar. Para a aplicação do instrumento, utilizamos uma folha A4 em branco com um retângulo pré-desenhado de 14 x 22 cm e marcadores coloridos. Para termos acesso posterior ao conteúdo verbal, procedemos à gravação áudio da aplicação. Durante a realização do desenho, foi pedido a cada participante que numerasse por ordem crescente os símbolos à medida que os fosse representando, para que nos fosse mais fácil reconhecer a sequência em que os elementos foram desenhados.

Numa grande maioria dos casos, a aplicação da totalidade do protocolo de instrumentos foi realizada no primeiro encontro porque os participantes mostravam o interesse em continuar com a exploração do tema, com algum entusiasmo até. Assim, prosseguíamos com a aplicação do TDF. Fizemos uma breve introdução do instrumento e do que se trata, passando à sua aplicação numa folha A4, desenhando após a nossa instrução com um lápis. Após o desenho foram colocadas as questões estipuladas pelo autor do instrumento e prosseguiu-se à nova aplicação com uma instrução diferente, e depois novo questionamento. Encerramos os nossos encontro deixando um espaço para cada participante se pronunciar sobre o que sentiu e pensou sobre a sua participação, bem como deixamos o nosso agradecimento aos participantes e aos seus pais pelo contributo precioso. Deixamos também o nosso contacto para uma eventual necessidade da família, já que o nosso interesse não terminava com a aplicação dos instrumentos, mas com o bem-estar da família.

Como procedimentos de análise recorreremos às grelhas dos respetivos instrumentos.

Para garantirmos a validade do modelo de análise, necessitamos de avaliar a fidelidade. A fidelidade aponta a constância e precisão dos resultados obtidos da avaliação dos instrumentos (Fortin, 1999). Para estudar a fidelidade, necessitamos de recorrer a um grupo de especialistas na área da Psicologia da Família, para que em conjunto pudessemos chegar a um consenso sobre a interpretação dos resultados da Dupla Lua e do TDF. Denzin (citado em Flick, 2002) apelidou este trabalho de *triangulação do investigador*, usada para minimizar os vieses resultantes das interpretações e influências do investigador. Ao trazer mais especialistas para o processo, gera-se uma comparação sistemática das influências de todos os investigadores sobre os resultados, culminando num produto final mais abrangente e replicável.

## **6. Resultados**

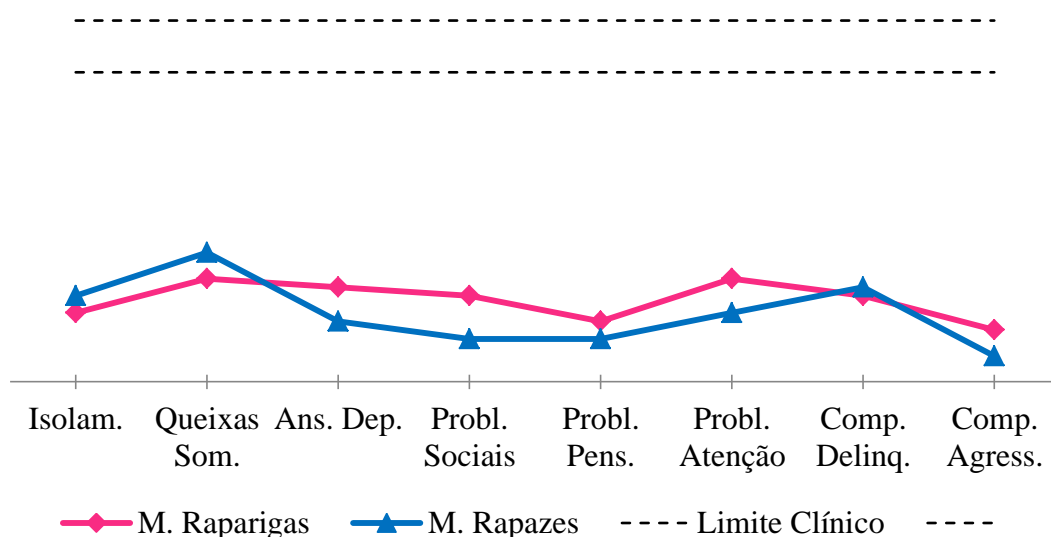
Nesta secção serão apresentados os resultados obtidos fruto da aplicação dos diferentes instrumentos. Começaremos por expor os resultados referentes à CBCL (Achenbach, 1991) apresentando as diferenças entre os géneros e destacando os participantes que obtiveram pontuações mais altas. No ponto seguinte iremos apresentar os resultados do Teste do Desenho da Família (Corman, 2003) com especial atenção para o desenho da família real e para os itens da grelha de análise de localização e dimensão referente ao nível gráfico, esquema corporal e estrutura do corpo familiar relativos ao nível de estruturas formais e valorização/desvalorização e distância do nível de conteúdo. Segue-se por fim a Dupla Lua (Greco, 2004) onde a tónica será colocada nos constructos chave relativos às fronteiras e pertenças e nas modalidades gráficas em que cada desenho se enquadra. A escolha das dimensões a apresentar de cada instrumento deve-se à otimização do tempo e espaço disponível para indicar os resultados, ao mesmo tempo que nos pode facilitar a compreensão dos resultados e abrir a discussão no ponto seguinte. Na parte final dos resultados elaboramos uma integração dos resultados.

### **6.1. Resultados da CBCL**

Para apresentação dos resultados da CBCL iniciaremos por comparar os resultados entre os géneros através da média da pontuação das subescalas dos participantes por género. Depois procuramos evidenciar os resultados das subescalas

Os resultados médios das subescalas em ambos os géneros encontram-se abaixo do limite clínico. Os rapazes destacaram-se com resultados mais elevados em relação às raparigas nas subescalas de Isolamento, Queixas Somáticas e Comportamento Delinvente. Nas restantes subescalas as raparigas obtiveram uma pontuação superior, nomeadamente nas de Ansiedade e Depressão, Problemas de Pensamento, Problemas de Atenção, Comportamento Agressivo e Problemas Sociais, sendo esta última escala a que se destaca com maior diferença entre o género masculino. Na Figura 6.1 podemos constatar os resultados médios obtidos distribuídos por género. A representação dos valores e limite clínico dizem respeito ao critério usado pelo autor original e remete-se ao perfil de problemas de 1991 (Achenbach, 1991).

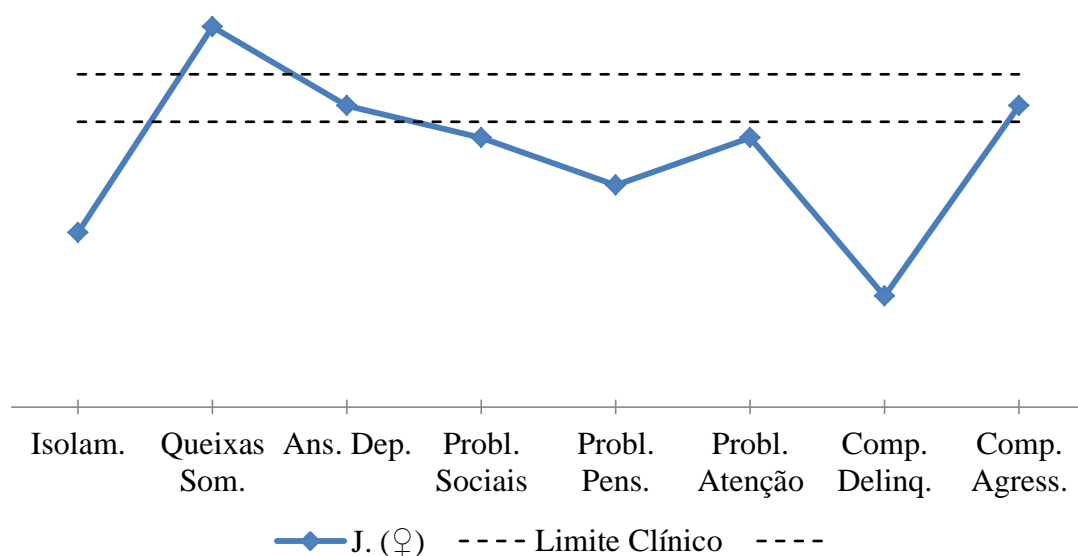
**Figura 6.1.** Resultados Médios das Subescalas no Perfil de Problemas



A nível individual, com a exceção de uma participante, os resultados encontram-se todos abaixo do nível clínico, havendo no entanto variações de pontuação nas diferentes subescalas. Podendo assim dividir os participantes em quatro grupos, o primeiro com a participante que ultrapassou o nível clínico, depois um com os elementos que não revelam problemas, outro com os que indicam a prevalência de problemas nas subescalas de internalização e por fim um grupo com os participantes que revelam problemas um pouco por todas as subescalas.

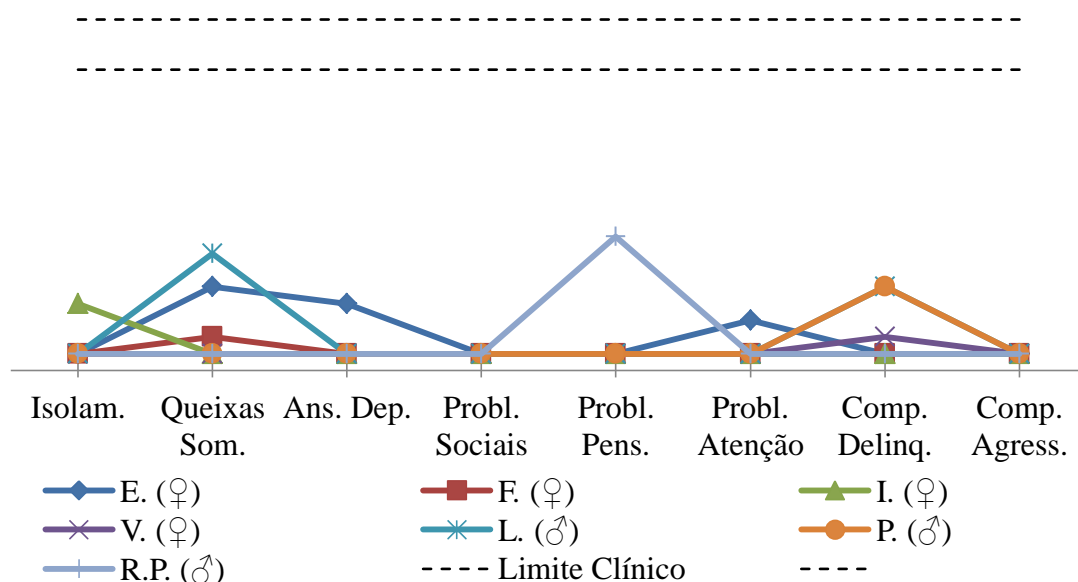
O grupo formado por uma única participante, caracteriza-se pelas pontuações altas em todas as subescalas, tendo quatro delas sido acima dos valores considerados de limite clínico. As subescalas acima desse limite foram as de Isolamento, Queixas Somáticas, Ansiedade e Depressão e Comportamento Agressivo, tendo ainda pontuado mais do que os restantes participantes nas subescalas de Problemas Sociais, Problemas de Pensamento e Problemas de Atenção. Na subescala de Comportamento Delinvente, foi obtido metade da pontuação que o participante que mais pontuou nessa subescala, tendo mais dois participantes igualado a sua pontuação. Na Figura 6.2 podemos ver a representação da pontuação obtida por subescala, segundo o perfil de problemas (Achenbach, 1991).

**Figura 6.2.** Perfil de Problemas de J.



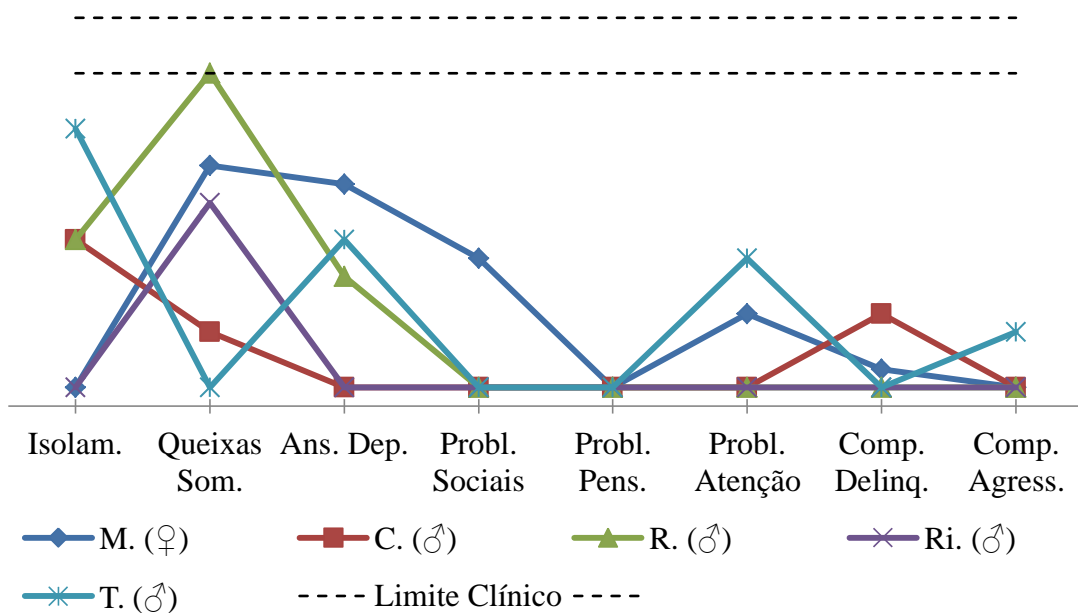
Do grupo composto pelos elementos que não denunciam problemas constam sete participantes, quatro raparigas e três rapazes, cujas pontuações das subescalas não superaram os 3 valores, tendo este sido atingido na subescala de Ansiedade e Depressão por E.. Contudo é a subescala de Problemas de Pensamento de R.P. que se sobressai graficamente, devido ao escalonamento do eixo de y que varia de subescala em subescala, apesar da pontuação ter sido de apenas 1 valor, tal como podemos constatar na Figura 6.3.

**Figura 6.3.** Grupo que não Apresenta Problemas



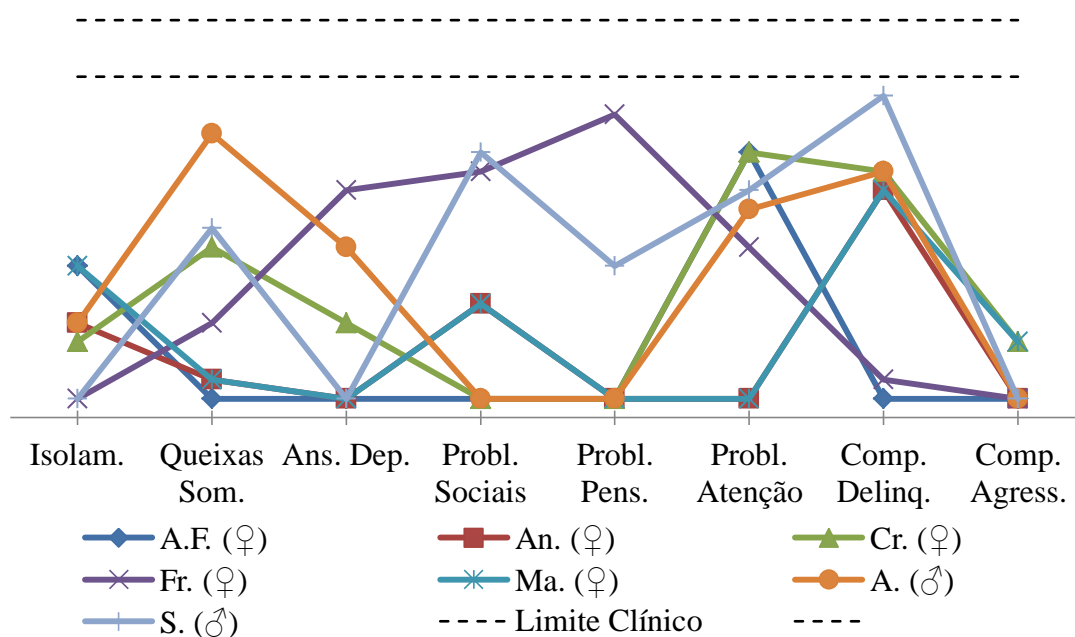
O grupo que evidenciou problemas nas subescalas de internalização mas sem atingir o limite clínico, é composto por cinco participantes, quatro rapazes e uma rapariga. Neste grupo, o participante T. teve a pontuação mais alta na subescala de Isolamento com 5 pontos, o participante R. obteve a pontuação mais elevada na subescala de Queixas Somáticas com 4 pontos e a participante M. alcançou a pontuação mais alta do grupo na subescala de Ansiedade e Depressão com 6 pontos. Na Figura 6.4 podemos observar como se distribuiu a pontuação das subescalas destes participantes.

**Figura 6.4.** Grupo com Problemas nas Subescalas de Internalização



Por fim, no grupo formado pelos participantes que pontuaram em diversas escalas sem ter ultrapassado o limite clínico temos os restantes sete participantes, cinco raparigas e dois rapazes que se destacam pela pontuação elevada obtida em duas ou mais subescalas. As participantes A.F. e Ma. partilham a pontuação mais alta obtida na subescala de Isolamento com 3 valores, seguindo-se o participante A. com a maior pontuação na subescala de Queixas Somáticas com 3 valores e a participante Fr. com a pontuação mais alta na subescala de Ansiedade e Depressão com 7 valores. Nos Problemas Sociais, de Pensamento e de Atenção, os participantes S., Fr. e a A.F., esta última em conjunto com a Cr., foram os participantes que obtiveram os valores mais altos nas respetivas subescalas. Na subescala de Comportamento Delinvente o participante S. foi quem obteve a pontuação mais alta e na subescala de Comportamento agressivo foram as participantes Cr. e Ma., tal como podemos comprovar na Figura 6.5.

**Figura 6.5.** Grupo com Problemas em Diversas Subescalas



No Apêndice H encontra-se representada a figura que contempla todos os perfis dos participantes, para que possamos fazer uma comparação entre grupos.

## 6.2. Resultados do TDF

O TDF debruça-se sobre algumas dimensões do funcionamento familiar tais como a qualidade das relações, a experiência dessas relações e eventuais conflitos que possam existir no seio familiar. O fundamento da utilização deste instrumento remete-se à validade convergente, sendo para isso necessário estudar a convergência de dimensões similares entre a Dupla Lua e o TDF. Para apresentar os resultados do TDF selecionamos nos três níveis de análise, gráfico, de estruturas formais e de conteúdo, as dimensões que se correlacionam com os constructos de fronteiras individuais, geracionais e familiares da Dupla Lua. Referente à avaliação de todas as áreas de avaliação do TDF, podemos recorrer ao Apêndice I onde se encontra a avaliação integral dos três níveis de análise, respeitante à família real.

As áreas selecionadas foram a dimensão e localização do nível gráfico, o esquema corporal e estrutura do corpo familiar do nível de estruturas formais e a valorização, desvalorização e distância entre figuras do nível de conteúdo. Foi necessário no entanto combinar algumas destas dimensões dos diferentes níveis de análise para podermos ser mais precisos na análise dos três tipos de fronteiras. Para examinarmos as fronteiras individuais utilizamos a distância entre símbolos,

permitindo-nos analisar a dialética entre distância e proximidade, a localização, também aqui, relacionada com a análise da distância e o esquema corporal que nos permite determinar os limites das figuras dos intervenientes e analisar proporcionalmente as distâncias. Para a avaliação das fronteiras geracionais selecionamos as dimensões da estrutura do corpo familiar que nos permite identificar o papel de cada elemento familiar e a localização e dimensão que nos podem dar informação sobre a organização hierárquica dos papéis. Por fim, para avaliarmos as fronteiras familiares recorreremos à estrutura do corpo familiar tendo em vista a análise dos elementos escolhidos para representar a sua família, e a valorização e desvalorização de personagens como fator de inclusão ou exclusão de elementos familiares.

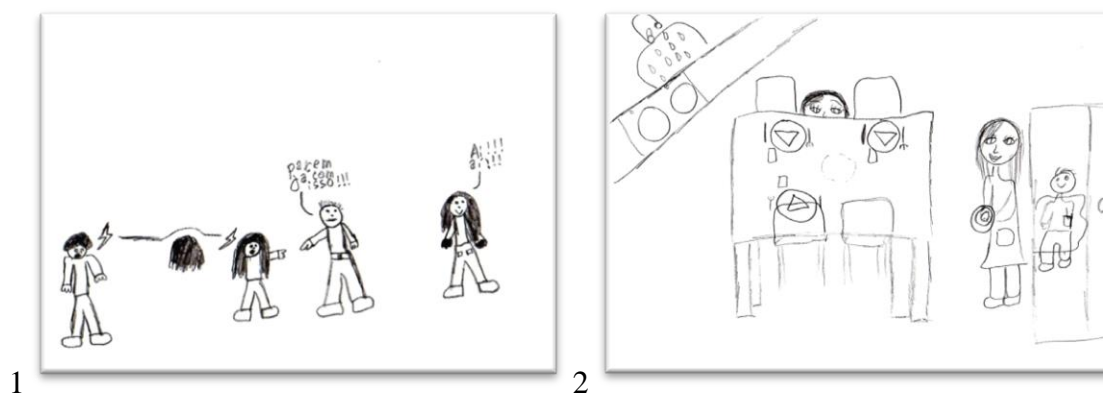
No que concerne ao nível de diferenciação, na grande maioria dos desenhos, 16 dos 20, foi possível constatar um bom nível de diferenciação, corroborado pela dialética da separação e proximidade entre os símbolos do participante e dos restantes membros familiares. Na Figura 6.6 podemos constatar que as distâncias entre os personagens são comuns, podendo encontrar uma boa relação entre a proximidade e distância.

**Figura 6.6.** Exemplo de Um Bom Nível de Diferenciação



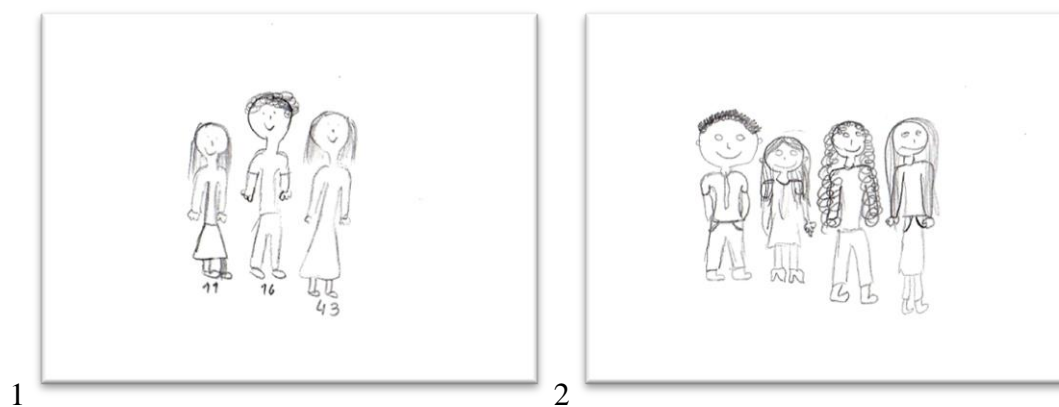
Num dos limites do *continuum* de diferenciação, encontramos dois desenhos em que se denota uma separação entre o participante e os elementos da família, podendo indicar uma separação emocional. No desenho 1 da Figura 6.7 podemos visualizar que o elemento simbólico entre o participante A. que está à esquerda, separa-o do resto da sua família, sendo as distâncias entre os restantes familiares semelhantes. No desenho 2 a M. encontra-se como que escondida, podendo indicar uma distância entre si e a mãe e outra ainda maior entre si e o pai.

**Figura 6.7.** Exemplo de Separação Entre Participante e Elementos da Família



No outro limite do *continuum* encontramos dois desenhos em que a proximidade acentuada entre os elementos possa ser um indicador possível presença de uma fusão emocional. No desenho 1 da Figura 6.8 a E. desenhou-se a si, depois ao irmão e à mãe com muita proximidade entre si. A Mãe desenhou o pai, a mãe, a irmã e depois a si mesma com uma proximidade semelhante, que, em comparação com os desenhos anteriores, nos pode indicar uma propensão para um relacionamento/funcionamento próximo de fusão entre o participante e a sua família.

**Figura 6.8.** Exemplos de Proximidade Entre Elementos Familiares

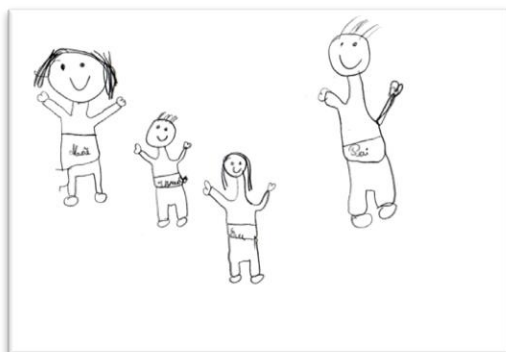


No que consta dos elementos da estrutura do corpo familiar (relativa à composição familiar) que possamos traduzir em indicadores de fronteiras geracionais, encontramos nove desenhos onde existe boa definição das fronteiras, cinco onde há dificuldade nesta definição e outros seis desenhos em que a definição deste tipo de fronteiras é definida de forma ambígua.

Os nove desenhos com boa definição das fronteiras geracionais pautam-se pela representação de símbolos com dimensões adequadas à idade e hierarquia que esse elemento ocupa. Na Figura 6.9 a I. desenhou em primeiro lugar a mãe depois ao seu irmão mais novo e depois a si mesma, ambos com dimensão mais reduzida em relação à

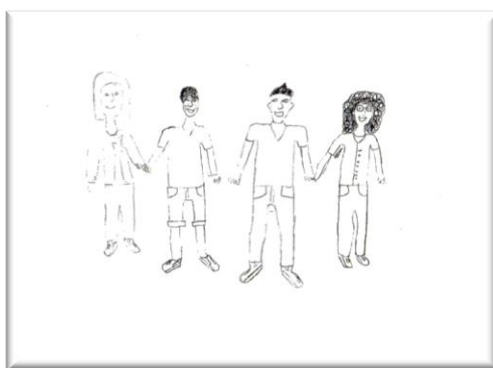
mãe. Por fim desenhou o pai, respeitando também a proporção, desenhando-o maior do que os filhos.

**Figura 6.9.** Exemplo de Boa Definição de Fronteiras Geracionais



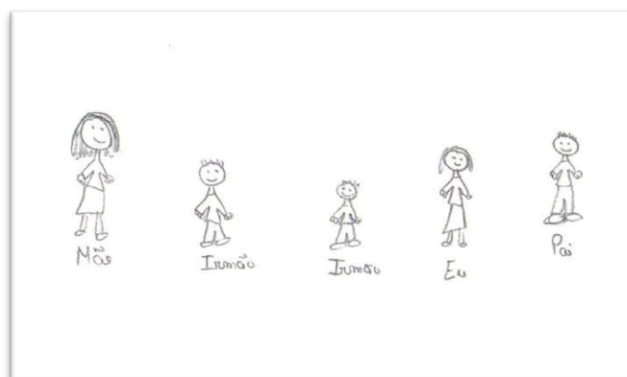
Os cinco desenhos que evidenciaram uma dificuldade na definição das fronteiras geracionais e hierarquia de papéis dizem respeito àqueles em que as dimensões adequadas dos símbolos às idades e posições hierárquicas não foram respeitadas, sendo o símbolo do participante do mesmo tamanho que o dos pais, ou até maior. Na Figura 6.10, o participante que se desenhou na segunda posição, tem a mesma dimensão do que a mãe que foi desenhada em primeiro lugar e do que o irmão e a namorada do irmão, consequentemente não fazendo distinção das diferentes gerações e hierarquias.

**Figura 6.10.** Exemplo de Dificuldade na Definição de Fronteiras Geracionais



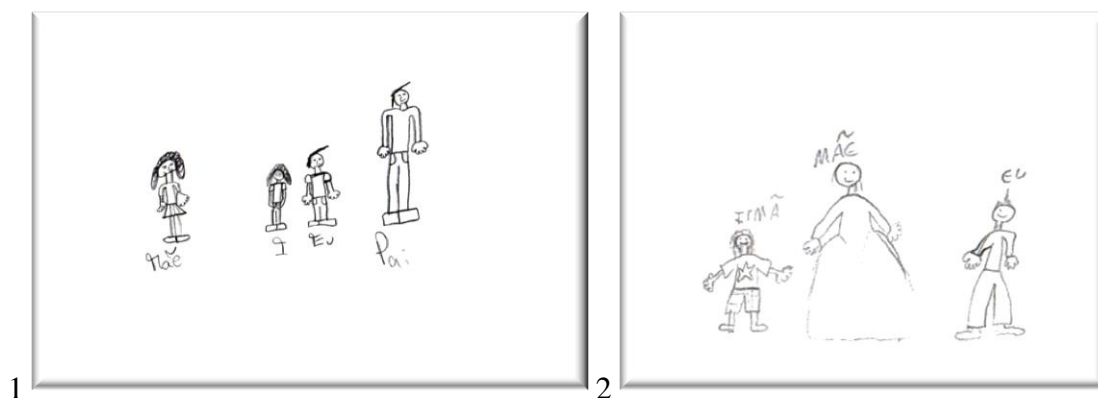
Os outros seis desenhos apresentam uma definição ambígua das fronteiras geracionais pois, ao mesmo tempo que representam símbolos dos irmãos mais pequenos do que os pais, desenham-se do mesmo tamanho ou maiores do que os símbolos dos pais. Na Figura 6.11 a participante C. representou os irmãos mais pequenos do que a mãe e do que ela, mas o pai também é ligeiramente mais pequeno do que ela, traduzindo-se numa ambiguidade no critério da definição das fronteiras geracionais.

**Figura 6.11.** Exemplo de Definição Ambígua de Fronteiras Geracionais



Combinando os indicadores de estrutura do corpo familiar com os aspetos de valorização e desvalorização, foi-nos possível avaliar a qualidade das fronteiras familiares das representações. Encontramos assim onze desenhos em que há indícios de boa definição das fronteiras familiares, tendo os participantes desenhado os elementos da família nuclear (desenho 1 da Figura 6.12) e nove desenhos onde está patente uma dificuldade na definição de fronteiras familiares, seja pela inclusão de elementos estranhos à família, seja por exclusão de um elemento (desenho 2 da Figura 6.12).

**Figura 6.12.** Exemplo de Boa Definição de Fronteiras Familiares

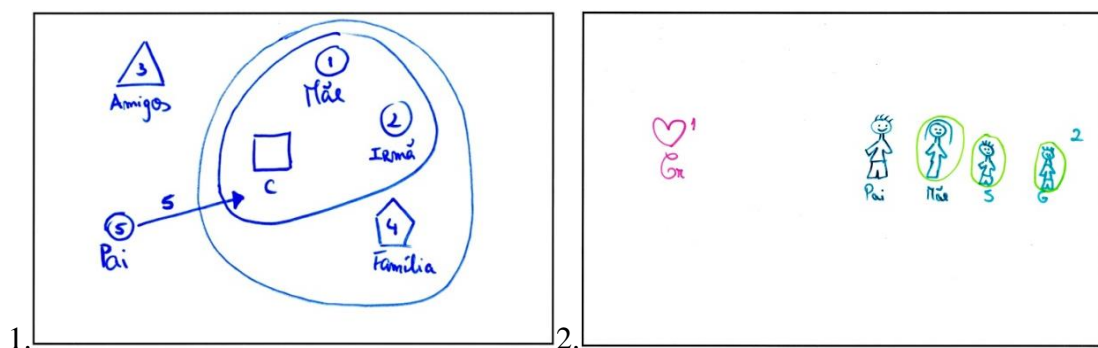


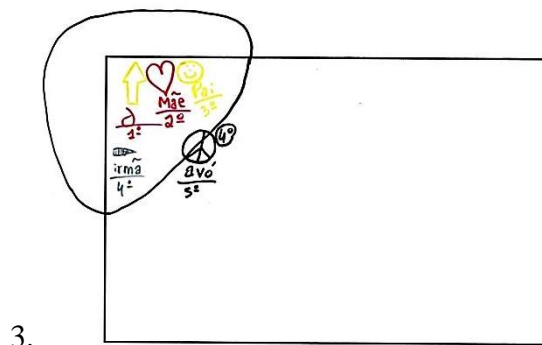
### 6.3. Resultados da Dupla Lua

Dividimos a apresentação dos resultados da Dupla Lua em duas partes, tendo a primeira a função de fundamentar a segunda. Para a primeira parte iremos debruçar-nos sobre os constructos principais do instrumento, nomeadamente as fronteiras individuais, geracionais, familiares e pertença familiar. Na segunda parte incidiremos sobre os resultados globais dos desenhos, mais concretamente sobre as modalidades gráficas e os diferentes subtipos em que se enquadram e as suas características. No Apêndice J

As fronteiras individuais dizem respeito aos níveis de diferenciação emocional existentes/representados entre o participante e os elementos da família. Pode-se assim constatar três níveis diferentes de diferenciação, a diferenciação emocional, a separação emocional e a fusão emocional. Segundo os indicadores gráficos, a diferenciação constata-se pela representação do símbolo do participante numa dialética entre proximidade e distância dos outros símbolos, respeitando as distâncias interpessoais. No desenho 1 da Figura 6.13, podemos ver que C. representou os símbolos a distâncias semelhantes entre si e entre os outros, respeitando as distâncias. A separação emocional ocorre quando se verifica uma distância acentuada entre o símbolo participante e os restantes elementos familiares, traduzindo um isolamento, tal como podemos ver no desenho 2 da Figura 6.13 onde a Cr. representou os seus familiares afastados de si. Pelo contrário, a fusão emocional ocorre quando o participante representa o seu símbolo colado a um ou mais elementos, podendo indicar uma relação simbiótica com esse elemento. No desenho 3 da Figura 6.13 vemos o símbolo do participante A. colado ao da sua mãe, que está por seu lado colado ao símbolo do seu pai. No que diz respeito aos resultados referentes às fronteiras individuais, eles apontam para o predomínio da diferenciação em relação aos outros tipos de classificação. Registamos 14 desenhos em que os participantes respeitaram as distâncias interpessoais, cinco casos em que as fronteiras possam indicar separação emocional e por fim um caso onde a proximidade entre símbolos sugere que possa haver uma fusão emocional.

**Figura 6.13.** Representação das Fronteiras Individuais

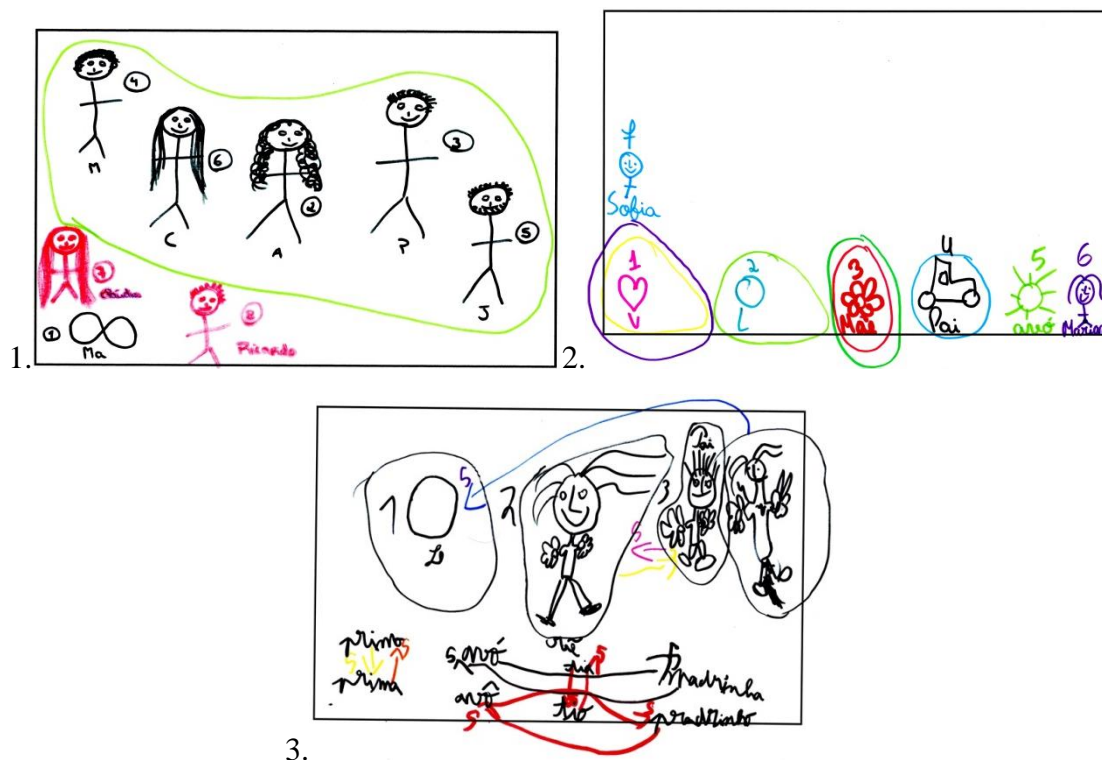




No caso das fronteiras geracionais, elas fornecem-nos informação sobre a organização estrutural da família, ou seja, sobre a forma como ela hierarquiza as gerações e os papéis que lhes estão atribuídos. Existem três tipos de indicadores gráficos que conferem a qualidade da definição das fronteiras geracionais. Quando os pais ou cuidadores são representados acima e/ou maiores do que os símbolos dos filhos, transmitindo que os pais assumem o cuidado dos filhos, classificamos como boa a definição das fronteiras geracionais. No desenho 1 da Figura 6.14, a participante Ma. desenhou acima de todos os elementos a avó M. que cuida de si e num nível intermédio os pais emigrados C. e P. e a sua irmã mais velha A. Por outro lado, quando os pais são representados ao lado ou abaixo do símbolo dos filhos, com tamanho semelhante ou mais pequeno, pode indicar um estilo de relacionamento baseado na igualdade de papéis, sem diferença de hierarquia, podendo indicar uma dificuldade na definição deste tipo de fronteiras. No desenho 2 da Figura 6.14 podemos ver que a participante V. representou os pais e o irmão no mesmo nível hierárquico. Por fim, podemos também constatar uma mistura dos indicadores gráficos, ou seja, o participante pode respeitar o tamanho e posição de um irmão desenhando-o ligeiramente acima e maior porque é mais velho, ao mesmo tempo que desenha o pai e a mãe abaixo e mais pequenos, podendo indicar uma ambivalência na representação dos papéis hierárquicos, traduzindo-se na classificação de definição ambígua/ambivalente das fronteiras geracionais (constituindo também esta um forma de dificuldade na representação das fronteiras). Por exemplo, no desenho 3 da Figura 6.14 o participante L. desenhou a mãe ao centro e com maior dimensão sugerindo uma posição hierárquica acima da sua, mas depois desenhou o pai mais pequeno do que a irmã, que é o elemento mais à direita, sugerindo uma desadequada representação das fronteiras geracionais e, na sua globalidade, uma definição ambígua de fronteiras. Os resultados segundo relativos às fronteiras geracionais indicam que existe um forte pendor para a dificuldade na sua

definição. Houve apenas três casos em que as fronteiras foram bem definidas, nove casos em que ocorreu dificuldade na definição das fronteiras e oito casos em que houve uma definição ambígua das fronteiras geracionais.

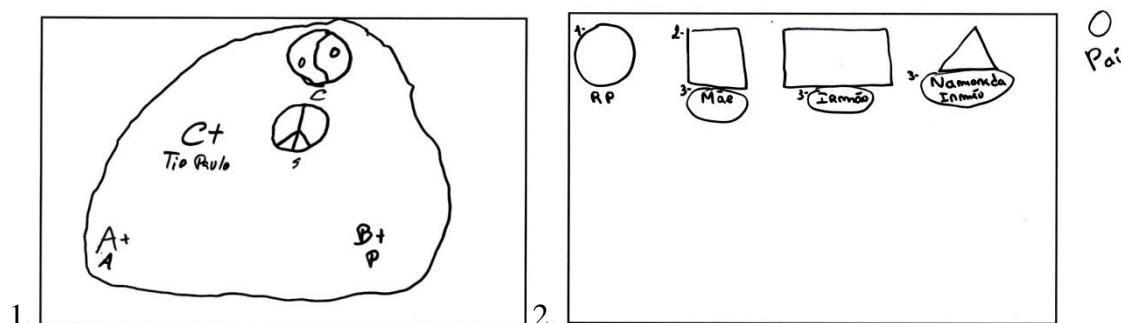
**Figura 6.14.** Representação das Fronteiras Geracionais



As fronteiras familiares dizem respeito aos elementos que os participantes consideram como membros integrantes da sua família, que através da representação dos limites familiares nos permitem avaliar também a pertença familiar. Podemos encontrar dois tipos de definição destas fronteiras, nomeadamente a boa definição e a dificuldade na definição. A boa definição das fronteiras familiares requer que os participantes desenhem todos os elementos constituintes da sua família, o pai, a mãe, a si e os irmãos caso se verificarem, e que tracem um limite ou mais que os reúna como a sua família, tal como ocorreu no desenho 1 da Figura 6.15. A dificuldade na definição das fronteiras familiares ocorre quando o participante exclui algum dos membros da família do limite familiar, como por exemplo não desenhando o pai/mãe ou/e um irmão ou/e não os circunscrevendo no limite familiar, ou, como aconteceu no desenho 2 da Figura 6.15, em que o participante R.P. desenhou o pai fora do retângulo, excluindo-o e desenhou uma família para cada membro. Os resultados relativos à definição das fronteiras familiares são similares aos das fronteiras geracionais, ou seja, indicam-nos para a

prevalência da dificuldade dos participantes na sua definição. Existem novamente apenas três participantes que evidenciaram uma boa definição das fronteiras familiares e 17 participantes que denunciaram dificuldade na definição das fronteiras.

**Figura 6.15. Representação das Fronteiras Familiares**



Deixamos abaixo o Quadro 6.1 com a síntese de resultados da Dupla Lua no que diz respeito aos diferentes tipos de fronteiras.

**Quadro 6.1**

*Resultados Relativos ao Tipo de Fronteiras*

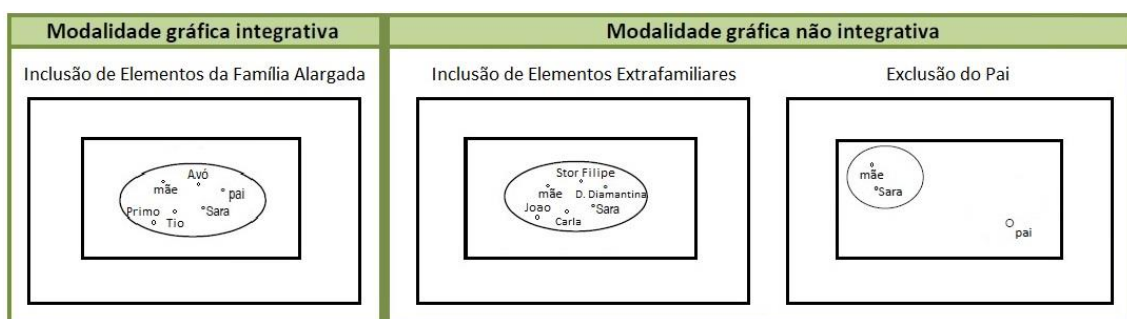
<b>Tipologia de Fronteiras</b>	<b>Resultados</b>
Individuais	14 Casos de Diferenciação 5 Casos de Separação Emocional 1 Caso de Fusão Emocional
Geracionais	3 Casos de Boa Definição 9 Casos de Dificuldade na Definição 8 Casos de Ambivalência na Definição
Familiares	3 Casos de Boa Definição 17 Casos de Dificuldade na Definição

Os resultados da Dupla Lua são também enquadrados em diferentes modalidades gráficas que dizem respeito à configuração que produto final adquire. Assim, se os desenhos se associarem à representação espontânea dos polos de conflito e da definição adequada dos limites e pertença familiares, enquadram-se em Modalidades Gráficas Integrativas (MGI), mas se por ventura se identificar dificuldades nestas representações que evidenciam os efeitos negativos do conflito, são consideradas Modalidades Gráficas Não Integrativas (MGNI). Dentro de cada uma das modalidades gráficas existem três classificações referentes ao posicionamento e organizações possíveis dos elementos e fronteiras.

No âmbito dos desenhos classificados como MGI temos as de Conjunto Único, pelo limite único que engloba todos os familiares, a MGI de Duplicação do Sujeito, onde o participante duplica o seu símbolo como forma de exprimir a sua pertença a ambas famílias de ambos os polos de conflito e a MGI de Conjunto de Interseção, em que o participante desenha dois limites consigo e com cada um dos polos de conflito. No que concerne às MGNI, elas podem ser de Uma Família Para Cada Pessoa quando são desenhados limites familiares em cada um dos símbolos, de Isolamento do Sujeito, quando o participante se representa afastado dos membros familiares e não traça um limite familiar onde se inclui a si e à família e a MGNI de Posicionamento A Favor de Um dos polos de conflito, não englobando o outro polo de conflito no limite familiar ao qual deveria pertencer ou até nem ser representado no desenho.

Para além das modalidades gráficas existentes, sentimos a necessidade de fazer um ajuste à realidade da nossa população, emergindo novas tipologias para facilitar a compreensão de como as fronteiras do sistema familiar e dos subsistemas se organizam após a separação da família. Com efeito acrescentamos uma MGI nova, de Inclusão de Elementos da Família Alargada, e duas novas MGNI, a de Inclusão de Elementos Extrafamiliares e a de Exclusão do Pai. A representação gráfica de cada uma destas modalidades pode ser vista na Figura 6.16, facilitando a compreensão da sua organização.

**Figura 6.16.** Exemplos das Novas Modalidades Gráficas Emergidas Neste Estudo



A MGI com Inclusão de Elementos da Família Alargada vem diferenciar-se da Modalidade de Conjunto Único, pelo facto de trazer para o limite familiar elementos da família alargada que possam ter assumido maior importância após a separação dos pais. Com a separação, os membros da família alargada podem tomar alguma posição no sistema familiar, momentânea ou de cariz mais permanente, alterando a configuração dos subsistemas, suas fronteiras, papéis e tarefas desempenhadas (Minuchin, 1982).

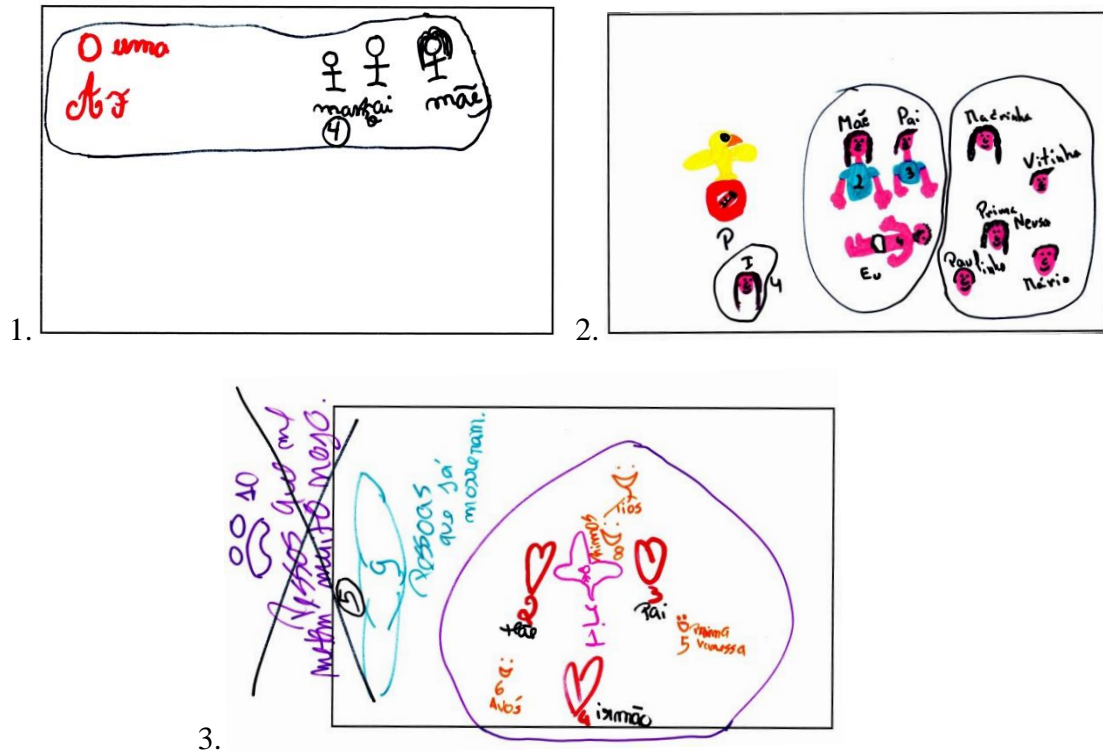
As duas tipologias novas de MGNI surgiram por razões semelhantes, ou seja, por serem mais representativas do que acontece nas fronteiras e pertenças do sistema familiar e nos subsistemas. Nos desenhos de MGNI encontramos com frequência as “manobras de evitamento do conflito” (Greco, 1999, p. 50), podendo tomar diversas formas. Estas manobras surgem como forma de evitar o sofrimento, evidenciando-se no papel como forma de não ter de escolher a que família pertencer, como no caso da Modalidade de Uma Família para Cada Pessoa, ou até como indicador de solidão intensa pela qual se possa estar a passar, como no caso da tipologia de Isolamento do Sujeito. A tipologia de Inclusão de Elementos Extrafamiliares segue a experiência empírica registada pela autora do instrumento, que frisa que uma das manobras de diversão do conflito passa por trazer elementos neutros para o desenho ou figuras de investimento afetivo (Greco, 1999). Nós constatamos que estes elementos foram colocados pelos nossos participantes dentro dos limites familiares, como forma de divergir a atenção do polo de conflito, que acabaria por ser desenhado, voluntariamente ou por sugestão, mais afastado deste limite.

Existem também outras situações em que o conflito de lealdade é de tal forma causador de ansiedade “que o utente não chega sequer a representar um dos polos de conflito. O modo mais explícito de evitar o conflito derivado da ambiguidade das fronteiras é a supressão de pelo menos um dos polos de conflito” (Greco, 1999, p. 51), não aparecendo a sua representação simbólica no desenho. Os resultados da nossa amostra apontaram para o pai como a única figura a não ser representada, pelo menos espontaneamente. Desta forma, assinalamos uma das possíveis tipologias possíveis na supressão do polo de conflito como a de MGNI de Exclusão do Pai. A eliminação de um dos polos de conflito pode acontecer devido ao sistema familiar ter evitado reorganizar as fronteiras e papéis dos elementos que pertencem à família quando se deu a separação, gerando uma ambiguidade na definição das fronteiras que acaba por excluir um elemento da família, podendo também em última análise a não representação gráfica ser uma tentativa de eliminar o conflito em si (e o sofrimento).

Os resultados da Dupla Lua apontam-nos para uma menor frequência de MGI, num rácio de cinco em vinte desenhos, classificando-se os outros 15 como MGNI. Dos cinco MGI, dois desenhos prefiguram MGI de Conjunto Único, um representa uma MGI de Duplicação da Pessoa e por fim encontramos dois desenhos que se identificam

como MGI com Inclusão de Elementos da Família Alargada. Na Figura 6.17 é possível observarmos um exemplo de cada MGI observada.

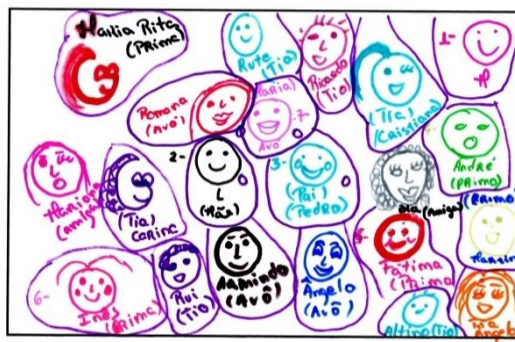
**Figura 6.17.** Modalidades Gráficas Integravas



No que consta de MGNI temos nove categorias onde se encaixaram os desenhos dos 15 participantes, podendo constituir três grupos referentes à crescente gravidade das dificuldades evidenciadas na definição das fronteiras, ao não reconhecimento da pertença familiar e à representação por sugestão de um dos polos de conflito ou até exclusão do mesmo. Sentimos também a necessidade de combinar, em alguns destes casos, diversas modalidades gráficas com intuito de sermos mais precisos quanto à análise e classificação do desenho. Assim, no primeiro grupo, temos três desenhos de MGNI de Uma Família Para Cada Pessoa, dois de MGNI de Isolamento do Sujeito, dois de MGNI de Uma Família Para Cada Pessoa e Isolamento do Sujeito e um desenho de MGNI de Inclusão de Elementos Extrafamiliares. No segundo grupo encontramos dois desenhos de MGNI A Favor da Mãe e um de MGNI A Favor da Mãe e Exclusão do Pai. Por fim, no terceiro grupo temos dois MGNI de Exclusão do Pai e de Uma Família Para Cada Pessoa, um só de MGNI de Exclusão do Pai e outro que combina as MGNI de Exclusão do Pai, Uma Família Para Cada Pessoa e de Isolamento do Sujeito.

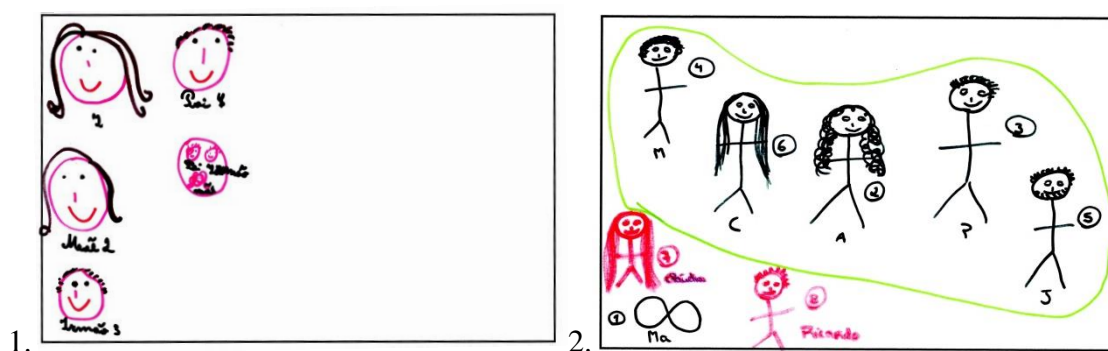
No primeiro grupo os três desenhos de MGNI de Uma Família Para Cada Pessoa caracterizam-se pela representação de limites familiares que comportam apenas um símbolo, o que significa que cada círculo traçado representa uma família. Como podemos observar na Figura 6.18, a M. representou-se no cando superior direito e depois colocou inúmeros familiares de ambas as estirpes familiares, tendo-lhes atribuído e a si mesma, um limite familiar individual. Podemos também observar as dificuldades a nível da definição das fronteiras geracionais, já que não existe uma adequada representação da hierarquia dos símbolos da sua família, e a nível das fronteiras familiares através desta atribuição dos limites familiares, que evidencia o não reconhecimento da pertença a uma família.

**Figura 6.18.** MGNI de Uma Família para Cada Pessoa.



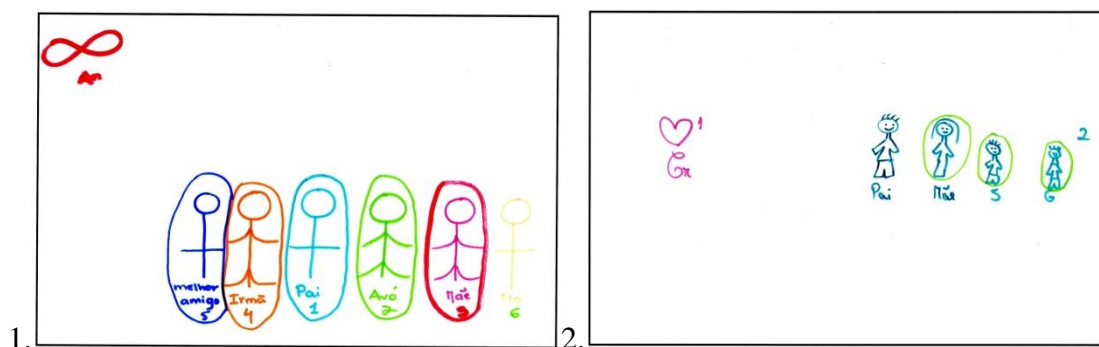
Outra configuração que constatamos foi a MGNI de Isolamento do Sujeito, caracterizada pela distância assinalável que o participante representou o seu símbolo em relação aos seus familiares, tendo-se registado um total de dois desenhos. Como podemos observar na Figura 6.19, no desenho 1 a participante não se englobou no círculo/limite familiar composto pela mãe, pai e irmão, sendo desta forma o único elemento afastado desse conjunto. No desenho 2, a participante representou-se no canto inferior esquerdo, isolando-se dos seus familiares, a avó, representada acima de si (M), a mãe (C), a irmã (A), o pai (P) e um tio (J). Outra característica comum a estes dois desenhos, é que não existe o reconhecimento da pertença familiar, tendo as participantes se representando isoladas do limite familiar.

**Figura 6.19.** MGNI de Isolamento do Sujeito.



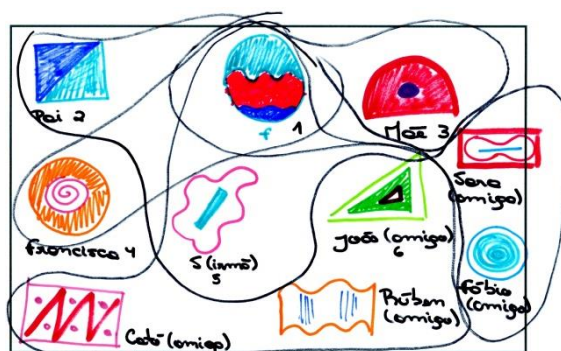
Registamos também dois desenhos que combinam as duas tipologias anteriores, MGNI de Uma Família Para Cada Pessoa e de Isolamento do Sujeito, pautados pela separação emocional entre si e os seus familiares, pelas dificuldades na definição das fronteiras geracionais e familiares e pelo não reconhecimento da pertença familiar. Deixamos os dois casos representados na Figura 6.20, onde se destaca a grande distância entre o símbolo das participantes e os familiares, e os limites familiares que foram traçados a nível individual.

**Figura 6.20.** MGNI de Uma Família Para Cada Pessoa e Isolamento do Sujeito



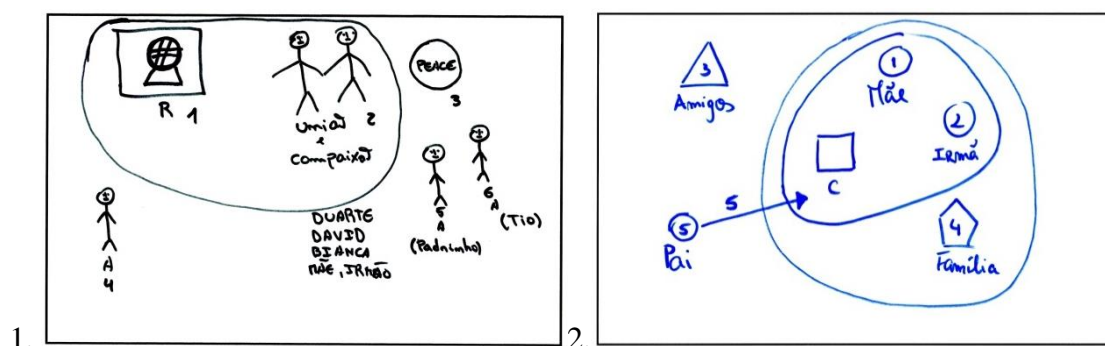
O último caso deste grupo diz respeito a uma MGNI de Inclusão de Elementos Extrafamiliares. A participante, como podemos ver na Figura 6.21 representou quatro conjuntos familiares. Estes conjuntos tratam-se de representações de família que a participante atribuiu, traduzindo-se num elemento pertencente a quatro famílias, uma com o pai, mãe e meia irmã, e as outras três com diferentes combinações de si com os amigos. Esta atribuição da pertença familiar evidencia as dificuldades na definição das fronteiras familiares, alargando-se esta mesma dificuldade às fronteiras geracionais, por não ter respeitado o tamanho ou os níveis de hierarquia dos membros familiares. Contudo, existe uma boa representação das fronteiras individuais, tendo respeitado as distâncias entre símbolos.

**Figura 6.21.** MGNI de Inclusão de Elementos Extrafamiliares.



No segundo grupo e num outro nível encontram-se dois casos de MGNI de Posicionamento A Favor da Mãe, caracterizados pelo não envolvimento do outro polo de conflito, nomeadamente do pai, no limite familiar em que incluíram os restantes membros da sua família. Como podemos ver em ambos os desenhos da Figura 6.22, os participantes representaram os familiares dentro do limite familiar e deixaram de fora o pai apesar de ser um membro constituinte da família. Apesar de haver um reconhecimento da pertença familiar, existem dificuldades ao nível das fronteiras familiares por estas não serem traçadas comportando os elementos que compõem a família. No que consta das fronteiras geracionais existem também dificuldades na sua definição, sendo estas mais agravadas no desenho 2 constatando-se uma ambiguidade na definição das fronteiras devido ao posicionamento e dimensão desadequadas do símbolo do pai, ao mesmo tempo que estas características foram respeitadas na representação do símbolo da mãe.

**Figura 6.22.** MGNI A Favor da Mãe.



O outro desenho deste grupo partilha a MGNI de Posicionamento A Favor da Mãe com a de Exclusão do Pai. A diferença entre esta participante e os dois anteriores deve-se ao posicionamento do símbolo do pai. A participante escolheu não desenhar o

pai espontaneamente, e na quarta instrução quando sugerimos que o desenhasse, ela colocou-o fora do retângulo, ou seja, fora do seu contexto de vida. Na Figura 6.23 encontra-se o desenho desta participante, onde podemos ver que respeitou as fronteiras geracionais através do posicionamento dos seus familiares em níveis hierárquicos adequados aos papéis que as pessoas desempenham na sua família, desenhando até o pai acima de si. Por outro lado, por ter representado o pai fora do retângulo e ter incluído num só limite familiar a mãe, irmão, e diversos familiares tais como tios, tias e primos, denuncia a possibilidade de haver uma dificuldade na definição das fronteiras familiares. Finalmente, no que consta das fronteiras individuais, podemos constatar que a participante respeitou as distâncias entre os símbolos, traduzindo-se num bom nível de diferenciação.

**Figura 6.23.** MGNI de Posicionamento A Favor da Mãe e de Exclusão do Pai.



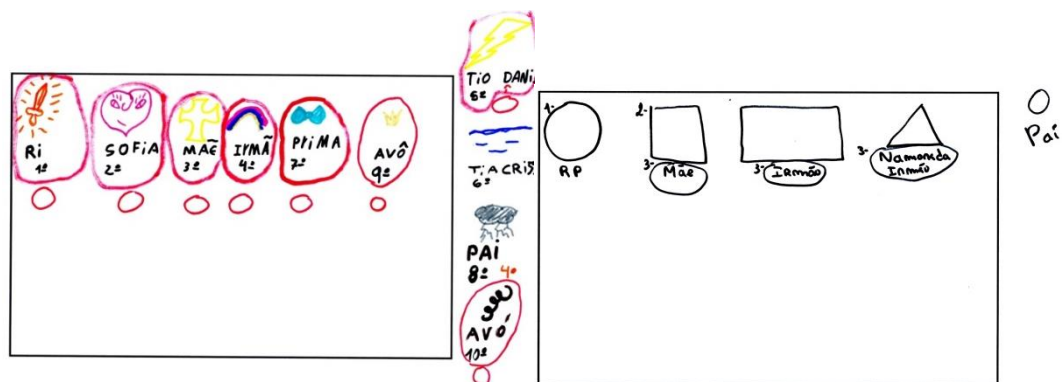
No terceiro e último grupo todos os desenhos apresentam um nível mais acentuado do conflito de pertença, tendo todos os participantes desenhado o pai fora do contexto de vida. Num primeiro caso representado na Figura 6.24, o participante desenhou o pai em quarto lugar fora do retângulo e numa instrução posterior, que requer que se tracem os limites familiares que considerem adequados, incluiu-o no único limite que representou. Ou seja, ao mesmo ele excluiu o pai do contexto de vida e reconheceu que ele pertence à sua família ao envolvê-lo no limite familiar. Desta forma, classificamos o desenho como uma MGNI de Exclusão do Pai, onde existe uma dificuldade na definição das fronteiras familiares por ter excluído o pai do contexto de vida e por ter incluído elementos da família alargada no limite familiar e onde existe também a boa definição das fronteiras geracionais e individuais, pelo posicionamento adequado segundo os níveis hierárquicos dos seus familiares e por ter respeitado as distâncias individuais.

**Figura 6.24.** MGNI de Exclusão do Pai



Partilhando a MGNI de Exclusão do Pai temos dois participantes cujos desenhos associam também a MGNI de Uma Família para Cada Pessoa. As características chave destes dois desenhos são o conflito evidenciado pela dificuldade na representação e posicionamento de um dos polos de conflito, nomeadamente por terem colocado o pai fora do contexto de vida e ainda por não o englobarem em conjunto com a família num limite familiar. O outro aspeto diz respeito ao não reconhecimento da pertença familiar, tendo os participantes optado por desenhar um limite para cada elemento, tal como podemos ver na Figura 6.25. Aparte da dificuldade na representação das fronteiras familiares, estamos também perante dificuldades na definição das fronteiras geracionais, não tendo sido respeitadas as posições ou níveis hierárquicos relativos aos papéis desempenhados pelos membros da família. Por fim, podemos constatar que ambos os participantes desenharam os seus símbolos respeitando as distâncias interpessoais, destacando o bom nível de diferenciação.

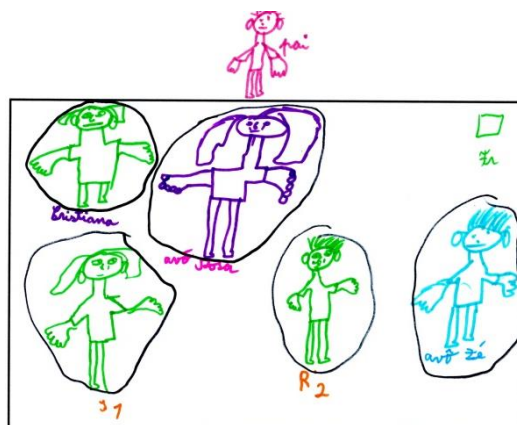
**Figura 6.25.** MGNI de Exclusão do Pai e de Uma Família para Cada Pessoa



Por fim, o último desenho que exibimos na Figura 6.26 representa uma combinação das MGNI de Exclusão do Pai, Uma Família para Cada Pessoa e de Isolamento do Sujeito. Este desenho reúne as particularidades da participante ter

representado o pai por sugestão na instrução quatro e por o ter feito fora do contexto de vida. A participante desenhou também limites familiares que envolvem apenas um membro, ou seja considerando cada elemento dentro desse limite como sendo uma família. Os dois aspetos anteriores indicam a possibilidade de existir dificuldade na definição das fronteiras familiares. Outro aspeto prende-se com a distância acrescida que separa o seu símbolo dos membros familiares, que lhe confere um nível de diferenciação pautado na separação emocional, no que consta das fronteiras individuais. No que consta das fronteiras geracionais, a participante revela que existe uma dificuldade na sua definição, não tendo respeitado o posicionamento dos símbolos dos seus familiares em relação aos papéis desempenhados e níveis hierárquicos correspondentes.

**Figura 6.26.** MGNI de Exclusão do Pai, Uma Família para Cada Pessoa e Isolamento do Sujeito



No Quadro 6.2 deixamos uma síntese sobre os resultados obtidos em relação às diferentes tipologias de Modalidades Gráficas.

### Quadro 6.2

#### *Modalidades Gráficas Encontradas*

Modalidades Integrativas (5 participantes)	2 – Conjunto Único 2 – Inclusão de Elementos da Família Alargada 1 – Duplicação do Sujeito
Modalidades Não Integrativas (15 participantes)	3 – Uma Família Para Cada Pessoa 2 – Isolamento do Sujeito 2 – Uma Família Para Cada Pessoa + Isolamento do Sujeito 1 – Inclusão de Elementos Extrafamiliares 2 – A Favor da Mãe 1 – A Favor da Mãe + Exclusão do Pai

---

---

1 – Exclusão do Pai  
2 – Exclusão do Pai + Uma Família Para Cada Pessoa  
1 – Exclusão do Pai + Uma Família Para Cada Pessoa +  
Isolamento do Sujeito

---

---

Procuramos também cruzar os resultados das fronteiras com as modalidades gráficas obtidas, de forma a explorar algum tipo de relação que possa haver. Os indicadores referentes às fronteiras individuais não parecem relacionar-se com as modalidades gráficas encontradas, já que há uma mistura dos diferentes níveis de diferenciação nos diferentes tipos de modalidades gráficas. No que consta de MGI, encontramos três casos de diferenciação, um caso de separação emocional e um caso de fusão emocional. Nos 15 casos MGNI, temos 11 onde se constata a diferenciação emocional e quatro de separação emocional. No caso das fronteiras geracionais, estas foram apenas definidas de forma adequada em desenhos classificados como MGNI, logo podemos inferir que não existe uma relação entre a qualidade da definição das fronteiras e o tipo de modalidade gráfica encontrada. Já no que diz respeito às fronteiras familiares, sendo que houve três participantes que as definiram de forma adequada, podemos dizer que existe relação com a tipologia de MGI. Nos restantes 17 houve então uma dificuldade na sua definição.

Devemos também ressaltar o facto de termos assumido a necessidade de agregar diferentes tipos de modalidades gráficas como forma de sermos mais rigorosos na análise do produto final. Da mesma forma novas modalidades gráficas emergiram, nomeadamente a MGI de Inclusão de Elementos da Família Alargada, e as MGNI de Inclusão de Elementos Extrafamiliares e de Exclusão do Pai para melhor definir os resultados e apontando já para especificidades que podem ser características nesta população.

#### **6.4. Integração de Resultados**

Para a integração dos resultados analisamos os três constructos-chave da Dupla Lua, nomeadamente as fronteiras individuais, geracionais e familiares, e como os resultados do TDF e CBCL se relacionam com esses constructos. Este exercício dar-nos-á a informação necessária para a análise da validade de constructo da Dupla Lua através da validade convergente, traçando pontes com os constructos do TDF e da validade divergente, através da que se espera pobre coligação entre os resultados da CBCL com os da Dupla Lua.

Referente à validade convergente, utilizamos do TDF a dimensão e localização do nível gráfico, o esquema corporal e estrutura do corpo familiar do nível de estruturas formais e por fim a valorização, desvalorização e distância entre figuras do nível de conteúdo. Cruzamos os itens de distância entre personagens, localização e esquema corporal com as fronteiras individuais, os de estrutura do corpo familiar, localização e dimensão com as fronteiras geracionais e os de valorização e desvalorização de personagens e estrutura do corpo familiar com as fronteiras familiares. Dos 20 casos, encontramos 13 casos em que as fronteiras individuais no TDF foram definidas da mesma forma como teriam sido definidas na Dupla Lua, 12 casos de Diferenciação e um caso de Separação Emocional. Nos outros sete casos encontramos incongruências que se enquadram em quatro tipos. Em quatro casos registamos Diferenciação no TDF e Separação Emocional na Dupla Lua. Nos outros três, as incongruências são mais acentuadas, remetendo-se um à Separação Emocional no TDF e Fusão Emocional na Dupla Lua, outro exatamente o oposto e um outro que apontou para Fusão Emocional no TDF e Diferenciação na Dupla Lua.

No que diz respeito às fronteiras geracionais, o número de casos de convergência na sua definição em ambos os instrumentos foi de 10, todos eles reportando-se a dificuldades na definição. Depois constatamos três casos de boa definição das fronteiras geracionais no TDF e definição ambígua na Dupla Lua, quatro casos de boa definição no TDF e dificuldade na definição na Dupla Lua, dois casos de dificuldade de definição das fronteiras no TDF e boa definição na Dupla Lua e um caso de definição ambígua das fronteiras no TDF e boa definição na Dupla Lua.

Relativamente às fronteiras familiares, são 11 os casos em que há a mesma tipologia na definição de fronteiras entre instrumentos, sendo dois casos de boa definição de fronteiras familiares e nove de dificuldade na definição. Nos outros nove casos os participantes definiram bem as fronteiras familiares no TDF, mas apresentaram dificuldade na representação das fronteiras na Dupla Lua.

Podemos dizer que existem valores razoáveis de convergência de resultados, sendo que a representação semelhante dos diferentes tipos de fronteiras em ambos os instrumentos foi constatada em mais de metade dos desenhos dos participantes. No que concerne aos casos em que a qualidade da definição das fronteiras não coincidiu nos dois instrumentos, defendemos que possivelmente este facto se possa dever à especificidade das dimensões que a Dupla Lua avalia, o que indica um maior rigor

circunscrito a esses domínios, em relação ao TDF que não foi criado com o propósito de avaliar essas dimensões tão precisas. Fica abaixo o Quadro 6.3 com o resumo das convergências.

### **Quadro 6.3**

#### *Número de Convergências das Fronteiras*

<b>Tipos de Fronteiras</b>	<b>Número de convergências</b>
Individuais	13
Geracionais	10
Familiares	11

Em relação aos resultados da CBCL não conseguimos estabelecer nenhuma ligação com os resultados das fronteiras da Dupla Lua. Com efeito, apenas uma dos 20 participantes manifestou problemas em subescalas que ultrapassam os valores de limite clínico, tendo-se registado pelo contrário na Dupla Lua, diversos problemas no que consta da definição das diferentes fronteiras. Os domínios do funcionamento adaptativo e mal adaptativo da CBCL não encontram pontos de convergência com os constructos de fronteiras da Dupla Lua, propondo que a especificidade das dimensões que o instrumento Dupla Lua se diz avaliar, não conseguem ser avaliadas por outros instrumentos que avaliem o comportamento, como no caso da CBCL. No Quadro 6.4 podemos encontrar uma síntese com os resultados de os ambos instrumentos, tendo sido sombreados os resultados que evidenciam problemas apontados nas subescalas da CBCL e as dificuldades na representação das fronteiras na Dupla Lua. As siglas S.E., D., F.E., D.A., B.D., e D.D. significam Separação Emocional, Diferenciação, Fusão Emocional, Definição Ambivalente, Boa Definição e Dificuldade na Definição, respetivamente. Para uma melhor compreensão dos resultados por participante nas subescalas, podemos consultar o Apêndice H onde se encontra graficamente representada a pontuação respetiva, seguindo o perfil de registo do autor original, Achenbach (1991).

## Quadro 6.4

### Correspondência dos Resultados das Subescalas com as Fronteiras

Participantes		A.F.	A.	An.	C.	Cr.	E.	F.	Fr.	I.	J.
CBCL	Isolamento	3	2	3	4	2	1	0	0	2	5
	Queixas Somáticas	0	3	1	1	2	1	1	1	0	8
	Ansiedade e Depressão	1	5	2	2	4	3	2	7	2	13
	Problemas Sociais	1	1	2	0	1	0	0	4	1	6
	Problemas de Pensamento	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2
	Problemas de Atenção	6	6	0	0	6	2	0	4	0	8
	Comportamento Delinquente	0	4	3	2	3	0	0	1	0	2
	Comportamento Agressivo	5	7	4	1	8	3	1	5	4	17
Dupla Lua	Fronteiras Individuais	S.E.	F.E.	S.E.	D.	S.E.	D.	D.	S.E.	D.	D.
	Fronteiras Geracionais	D.A.	D.A.	D.D.	D.A.	D.A.	B.D.	D.D.	D.A.	D.A.	D.D.
	Fronteiras Familiares	B.D.	B.D.	D.D.	D.D.	D.D.	D.D.	D.D.	D.D.	D.D.	D.D.
Participantes		L.	M.	Ma.	P.	R.	Ri.	R.P.	S.	T.	V.
CBCL	Isolamento	2	1	4	2	4	1	0	1	5	1
	Queixas Somáticas	1	3	1	0	4	2	0	2	0	0
	Ansiedade e Depressão	0	6	2	1	4	0	1	2	5	1
	Problemas Sociais	0	3	2	1	0	1	0	4	1	0
	Problemas de Pensamento	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0
	Problemas de Atenção	1	3	0	0	1	1	0	7	5	0
	Comportamento Delinquente	2	1	3	2	1	1	1	6	0	1
	Comportamento Agressivo	3	5	6	4	1	2	1	3	9	0
Dupla Lua	Fronteiras Individuais	D.	S.E.	S.E.	D.	D.	D.	D.	D.	D.	D.
	Fronteiras Geracionais	D.A.	D.D.	B.D.	D.A.	D.D.	D.D.	D.D.	D.D.	B.D.	D.D.
	Fronteiras Familiares	D.D.	D.D.	D.D.	D.D.	D.D.	D.D.	D.D.	B.D.	D.D.	D.D.

## 7. Discussão de Resultados

Os objetivos agregados à investigação prendem-se com a continuação do processo de validação do Instrumento de Avaliação Psicológica Dupla Lua (Greco, 2004). Assim procuramos explorar algumas características psicométricas que compõem o processo, das quais a validade de constructo, avaliada através da validade convergente e discriminante e explorar a utilidade clínica do instrumento em causa.

Relativamente à validade convergente, encontramos um número razoável de convergências em relação aos constructos propostos a ser avaliados. Dos 20 participantes, encontramos 13, 10 e 11, que definiram da mesma forma as fronteiras individuais, geracionais e familiares respetivamente, em ambos os instrumentos. Embora seja uma convergência aceitável, podemos elencar alguns aspetos que possam eventualmente justificar os números constatados. A autora Morval (citada em Ortega, 1985) preconizou um estudo extenso junto de 418 estudantes de Montreal para perceber a influência do género, idade e nível socioeconómico na representação gráfica. Os resultados referentes à idade constataram que mediante a instrução “desenha uma família da tua imaginação”, proposta por Corman, as crianças até oito anos tinham tendência para desenhar a sua família real e os mais velhos de desenhar uma família padrão, de três ou quatro elementos. Frisou também que além de as crianças mais velhas desenharem com menos frequência a família verdadeira, quando o faziam, não se incluíam, atribuindo a causa ao efeito de socialização com os pares e à crescente autonomia em relação à sua família. A autora questionou assim a eficácia da instrução de desenhar a família imaginária, sugerindo que a instrução de desenhar a família real embora pudesse ser considerada restritiva, poderia fornecer informações mais específicas. Num estudo posterior, com o objetivo de estudar a estabilidade do desenho da família, comprova que a instrução “Desenha a tua família” seria mais adequada para atingir os objetivos propostos pelo instrumento. Talvez possamos dizer que devido à aplicação do TDF em que foram dadas as instruções de desenhar uma família imaginária e a família real aos participantes, que a primeira possa ter contaminado o produto final da segunda aplicação, a da família real, tendo sido esta a versão que comparamos com o produto final da Dupla Lua.

Uma outra razão pode ter que ver com o facto de o TDF real se prender com o desenho de figuras humanas, enquanto na Dupla é pedido que desenhem símbolos, entrando num mundo mais simbólico do que o realismo gráfico apelado no TDF. Desta

forma, na Dupla Lua existe uma maior projeção na execução das instruções que são dadas. Por fim, mencionamos que os aspetos anteriores nos possam indicar que seja necessário recorrer a mais estudos para se refinar as grelhas de análise do TDF tendo em vista a concreta análise dos diversos tipos de fronteiras para que se possam traçar pontes mais consistentes entre os instrumentos.

Relativamente à validade discriminante, não existe nenhuma relação entre os resultados da CBCL e os resultados da Dupla Lua, já que apenas uma participante evidenciou quatro áreas de problemas acima do limite clínico e no que concerne à Dupla Lua, existe a prevalência inversa, ou seja de dificuldades a nível da definição de fronteiras geracionais e familiares.

Reportando-nos aos resultados da CBCL, à exceção de uma participante eles não apontam patologia significativa em nenhuma das subescalas, o que se revela como um fator apontado por alguns autores, mas ao mesmo tempo como contrariedade em relação a outros estudos. Neste universo sem consenso referimos um estudo português realizado com o objetivo de analisar a adaptação/ajustamento na perspetiva dos filhos ao divórcio (Martins, 2010). A autora procurou perceber quais as repercussões do divórcio nos domínios pessoal, desenvolvimental, escolar e legal, comparando-os com os filhos de famílias intactas, recorrendo na metodologia à aplicação da CBCL. Encontrou duas dimensões quase significativas pelos resultados próximos da zona de limite clínico, sendo as de Comportamento Delinvente e Comportamento Agressivo. Ainda assim os resultados do estudo não evidenciaram diferenças estatisticamente significativas (assim como no nosso estudo), mas sugere que a separação parental ou o divórcio, são vivenciados com algum desajustamento por parte dos filhos principalmente nos meses que seguem a separação, podendo até, em alguns casos, alongar-se no tempo. A autora indica que o divórcio pode ter repercussões ao nível do desempenho escolar, relacionamento social e possíveis problemas emocionais. Um dos aspetos que constatou como sendo o mais difícil no período pós-separação e transversal a muitos dos participantes foi a adaptação a novas rotinas e a imprevisibilidade que a elas lhe está associada, bem como a menor disponibilidade para o relacionamento com um dos progenitores, no sua grande maioria o pai, e as alterações ocorridas na rede social (Martins, 2010). Podem-se associar estes fatores às repercussões assinaladas anteriormente. Por outro lado e em comparação à investigação intercultural realizada por Crijnen, Achenbach e Verhulst (1999), os nossos resultados indicam que os

participantes do género masculino obtiveram maior pontuação que os do género feminino na subescala de queixas somáticas e que as participantes do género feminino obtiveram maior pontuação que os do género masculino nas subescalas de Comportamento Agressivo e Problemas de Atenção, contrariando os resultados apontados na investigação que indicavam uma tendência inversa. O desencontro na bibliografia apela à necessidade de se conduzir estudos a nível nacional para uma melhor análise do que ocorre na nossa população.

## 8. Conclusão

Podemos começar por dizer que a Dupla Lua se verifica útil como instrumento de avaliação psicológica segundo os domínios que lhe são específicos. Com a Dupla Lua é possível avaliar informação que não é passível fazê-lo com outros instrumentos, pois é sensível aos constructos que se propõe avaliar e permite uma representação fina dos limites e pertença familiares. A especificidade dos seus domínios permitiu-nos estudar características relativas a um tipo de população concreto, no que diz respeito da compreensão da experiência dos filhos de casais divorciados. Sentimos a necessidade de agrupar algumas modalidades gráficas para traduzir melhor esta experiência e para conseguirmos com mais rigor explorar as dimensões do instrumento, tendo o instrumento se demonstrado flexível a este ponto, maximizando a sua eficácia. De igual modo, esta flexibilidade permitiu num exercício de triangulação entre especialistas que emergissem mais três tipos de modalidades gráficas que se possam mostrar ser características deste tipo de população ou até encontrar ponte com outros tipos de população ditas complexas.

Podemos ainda dizer que o divórcio, segundo os resultados da Dupla Lua, tem associado a si alguns indicadores negativos, já que existe um predomínio das MGNI em 15 dos 20 desenhos. Os resultados referentes às dificuldades na definição das fronteiras geracionais e familiares parecem apontar-nos para a crise que se estabelece após a rutura familiar impulsionada pelo divórcio. No que consta das fronteiras geracionais, a separação implica uma reorganização estrutural da família, nomeadamente das hierarquias de papéis e funções associadas, implicando também uma reorganização das fronteiras dos subsistemas familiares para que possam assumir os novos papéis (Minuchin, 1982). Os nossos participantes denunciam a possível dificuldade que as famílias sentem neste trabalho de reorganização. Aliada a esta dificuldade emergiu a MGNI de Exclusão do Pai, que evidencia o conflito de lealdade do participante em relação a esta figura, não o contemplando como elemento integrante, precisamente pela dificuldade em se indagar numa redefinição de papéis e fronteiras que permita que o pai continue a fazer parte da família mesmo quando o casal se separa, tendo associado a si o papel e funções de pai.

Devido a esta desorganização familiar, é possível que os filhos de pais divorciados, como forma de lidar com a separação dos pais, procurem estabelecer relações significativas com outros elementos que considerem próximos, podendo assim

alargar o conceito de família, trazendo para esta elementos da família alargada ou do contexto social, o que nos pode ajudar a explicar as dificuldades encontradas a nível das fronteiras familiares (Minuchin, 1982). Associadas a estas dificuldades emergiram dois novos tipos de modalidades gráficas que nos parecem qualificar melhor a organização familiar, sendo uma delas a MGI de Inclusão de Elementos da Família Alargada, quando são trazidos para o seio familiar elementos das estirpes familiares, e a MGNI de Inclusão de Elementos Extrafamiliares, quando são englobados nos limites familiares elementos que podem agir como manobras de diversão, divergindo o participante de afrontar o conflito, sendo esta uma solução encontrada para reduzir o nível de ansiedade que o conflito possa ativar.

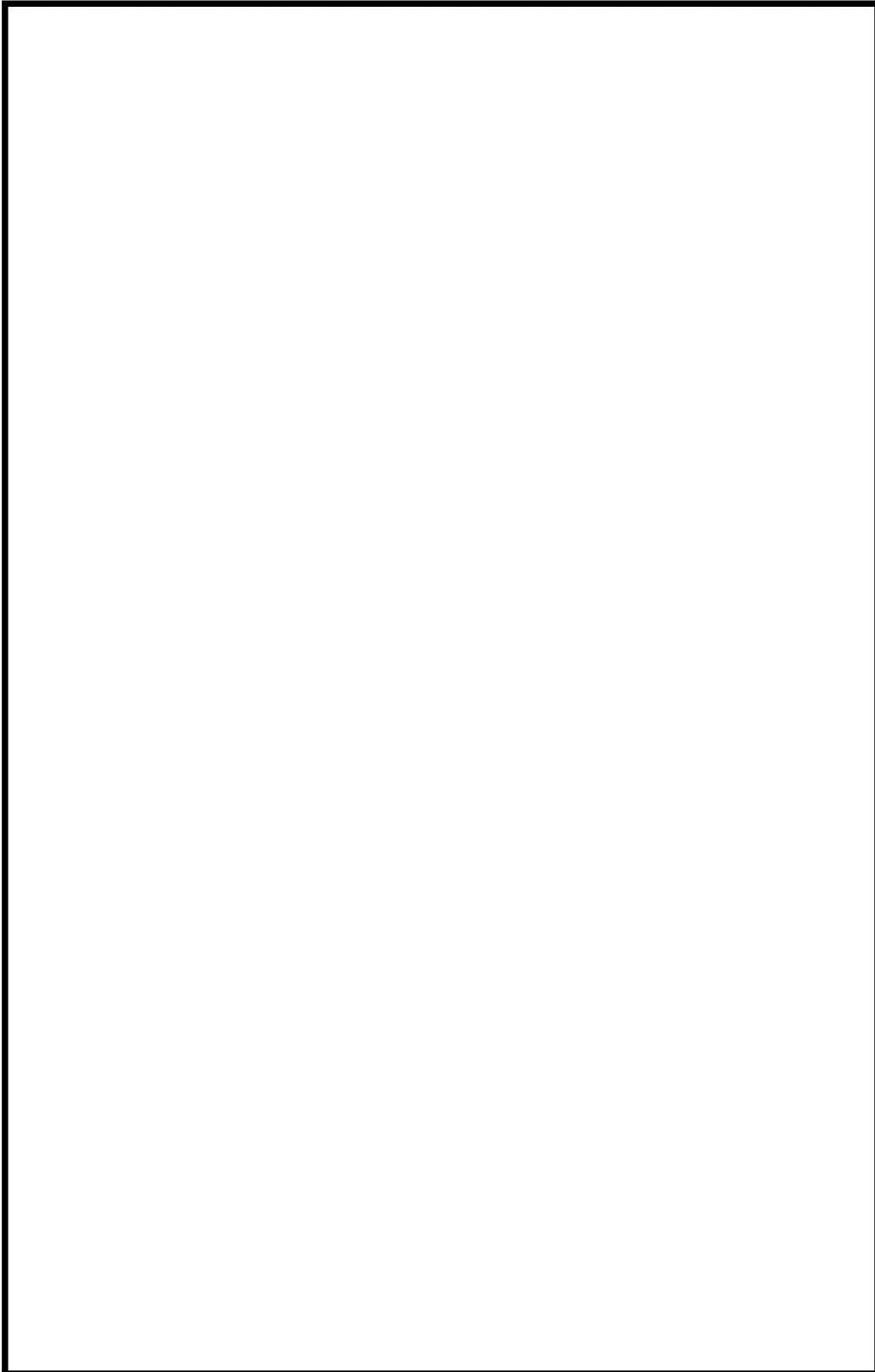
Temos ainda uma limitação a apontar ao nosso estudo. Esta limitação diz respeito à não avaliação da pertença familiar, uma das dimensões da Dupla Lua. Não houve esta possibilidade devido ao TDF não ser capaz de avaliar este domínio e devido à inexistência de instrumentos que nos permitissem avaliá-la e conseqüentemente partir para o estudo da validade convergente do constructo.

Como caminhos futuros, pensamos que seria proveitoso aplicar o TDF com a instrução de desenhar a família real sugerida pela autora Morval (1974) e refinar a grelha de avaliação do TDF de forma poder avaliar com mais consistência as diferentes tipologias de fronteiras. Seria também interessante ser realizado um estudo onde pudéssemos aplicar a CBCL a crianças e jovens para constatararmos até que ponto os resultados de Portugal divergem de outros relatados na literatura, nacionais e internacionais, podendo constituir-se de duas amostras, uma de filhos de famílias divorciadas e outra de famílias intactas, de forma a podermos ter indicadores mais precisos sobre eventuais diferenças e picos de pontuação/presença de sintomatologia psicopatológica.

# Apêndices

**Apêndice A - Folha do Desenho da Dupla Lua**

**Figura 9.1.** Folha do Desenho da Dupla Lua



## Apêndice B - Instruções de Aplicação Para Crianças/Jovens

# A Dupla Lua

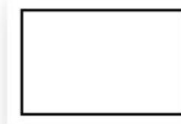
### Teste das fronteiras e das pertenças familiares

Greco, O. (1999). *La doppia luna*. Milano: Vita e Pensiero.

Traduzido e adaptado por Costa, S., Moreno, G. (2010) Universidade Católica Portuguesa.

#### 1. Material:

- Folha A4 branca, com um retângulo desenhado de 14cm x 22cm
- Marcadores
- Gravador ou máquina de filmar



#### Versão para crianças:

#### 2. Instruções:

O administrador aponta para o retângulo e diz: **“Este retângulo representa o teu mundo, aquilo que para ti é importante, as pessoas significativas para ti. O espaço exterior ao retângulo representa tudo aquilo que está fora desse mundo”.**

1. **“Desenha um símbolo que te representa a ti mesmo (por exemplo, um círculo) e coloca-te onde quiseres”.** Escreve o teu nome por baixo desse símbolo.

2. **“Agora desenha, sempre através de símbolos, as pessoas mais importantes para ti e coloca-as onde considerares mais adequado. Essas pessoas podem estar neste momento perto ou distantes, mas se são importantes, podes colocá-las onde quiseres”.**

3. **“Agora envolve no mesmo círculo as pessoas, que para ti, formam parte da mesma família (As pessoas da mesma família no mesmo círculo). Podes desenhar um ou vários círculos, como consideres mais adequado.”**

4. No caso em que não foram assinalados os dois polos do conflito de lealdade, por exemplo, o elemento que falta pode ser a família adotiva ou a de origem do filho adotado; a família de acolhimento ou a família natural do menor; o pai ou a mãe de uma família separada... Então o administrador diz: **“Na tua opinião, onde se poderia colocar (Nome do elemento ausente)?”** No caso de filhos de famílias monoparentais ou de filhos adotados, ou de filhos órfãos desde tenra idade, que podem não ter notícia ou não recordar nenhum elemento da sua história, a pergunta pode ser feita da seguinte forma: **Há algo ou alguém de que te lembres, ou de quem tenhas ouvido falar, ou que imaginas do teu passado que gostarias de acrescentar ao desenho?** Em situações mais problemáticas, pode ser mais adequado utilizar uma forma menos explícita: **Para ti, falta alguém neste desenho?** Ou inverter a ordem das perguntas 4 e 5, sendo que a 5 é menos direta.

5. **“Se tivesses uma varinha mágica, o que mudarias neste desenho? Há alguma pessoa que gostarias de acrescentar? Há alguma pessoa que gostarias que estivesse numa outra posição? Quem? Aonde gostarias de colocá-la?”**

# Grelha de Análise

## A Dupla Lua

### Teste das fronteiras e das pertenças familiares

*Greco, O. (1999). La doppia luna. Milano: Vita e Pensiero.*

*Traduzido e validado por Costa, S., Moreno, G. (2011) Universidade Católica Portuguesa – Braga*

Nome do avaliador: \_\_\_\_\_

Caso: \_\_\_\_\_

### Apresentação da grelha:

A presente grelha divide-se em seis partes, que correspondem aos diferentes níveis de análise:

1. Análise do conteúdo **gráfico**: Estar atentos a tipologia dos símbolos, cores, tamanhos, disposições no espaço, sequência em que foram desenhados os diferentes elementos, membros presentes ou ausentes, representação dos limites familiares, relação entre as diferentes partes do desenho...
2. Análise **verbal** dos dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho e no diálogo posterior.
3. Análise do nível **emotivo/interativo**: Observar o clima emotivo durante a execução do teste, o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...
4. Análise do nível **reflexivo**: Observar se a pessoa é capaz de utilizar o conteúdo gráfico e o que emerge do desenho, para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.
5. Análise no caso da aplicação **conjunta**. É importante avaliar as dinâmicas relacionais e as estratégias que o grupo familiar utiliza para construir o desenho. Pode-se observar durante a realização do teste se se dá uma interpretação da tarefa como ação individual ou como ação conjunta.
6. Análise dos dois constructos chave do teste: os **limites** e as **pertenças**. Analisar, a través de diferentes indicadores gráficos e verbais, os limites individuais, inter e intra-sistémicos, geracionais e familiares. Também observar a presença ou ausência dos diferentes polos familiares e a possível relevância do conflito de lealdade naquele caso.

Antes de iniciar a análise do teste é imprescindível estar por dentro dos fundamentos teóricos deste instrumento projetivo e recomenda-se uma primeira leitura geral da grelha de análise antes de começar a preencher os diferentes apartados.

## 1. Análise do conteúdo gráfico

### 1.1. Avaliação global:

Para análise dos dados gráficos recolhidos, deve-se começar por uma avaliação global, tendo em conta a primeira impressão que nos suscita a observação do desenho. Deve-se observar os sinais gráficos, as cores, as relações entre os espaços preenchidos e os espaços vazios, a disposição dos símbolos no espaço, as evidências gráficas e a eventual ocupação do centro do retângulo. Posteriormente deve-se pensar numa frase ou metáfora para dar um título geral ao desenho, de forma a registar esta primeira impressão.

Primeiras impressões	
Título do desenho	

### 1.2. Avaliação dos elementos do desenho:

Depois de realizar uma avaliação global, convém observar e descrever com mais pormenor cada um dos elementos gráficos do desenho, especialmente:

Indicadores									
A tipologia dos símbolos: a utilização de símbolos convencionais e não convencionais, símbolos abstratos, pictográficos...	Convencionais								
	Não convencionais								
A dimensão dos símbolos utilizados (a homogeneidade /heterogeneidade entre eles)	Homogeneidade								
	Heterogeneidade								
A disposição espacial dos símbolos utilizados na folha (por exemplo, o uso do retângulo, dos limites, do espaço externo ao retângulo)									
A disposição dos diferentes elementos no retângulo (uso do centro, uso dos limites, uso dos ângulos e uso dos quadrantes)									
A sequência dos elementos desenhados, a ordem pela qual cada elemento foi colocado	1		6		11		16		
	2		7		12		17		
	3		8		13		18		
	4		9		14		19		
	5		10		15		20		

Indicadores	
Qual/quais famílias são desenhadas? (biológica, adotiva, nuclear, reconstituída...)	
Quantos e quais os membros desenhados de cada família?	
Qual é a posição da pessoa que faz o desenho, relativamente aos restantes elementos das famílias desenhadas? (próximo, distante, abaixo, acima...)	
Quais os membros da família que estão colocados dentro e quais os que estão fora do retângulo?	
A representação dos limites familiares: que famílias são envolvidas em círculos? Quais os elementos de cada uma das famílias?	
Quais as pessoas que representa espontaneamente e quais as que desenha depois de serem dadas as instruções 4 e 5.	
Se foi possível perguntar pelos elementos ausentes. Se sim, onde foram colocados? Dentro de uma das famílias? Qual? Dentro ou fora dos limites do retângulo?	
Quando se coloca a instrução nº 5, sobre o espaço do desejo, deve-se verificar: De que forma expressa o desejo? Afasta ou aproxima algum dos elementos presentes? Adiciona algum elemento novo que até então estava ausente? Elimina algum elemento do desenho?	
Outras observações relativas ao conteúdo gráfico	

## 2. Análise do conteúdo verbal

Os dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho, constituem uma preciosa informação, que podem ser confrontados com o resto dos indicadores e assim verificar a congruência ou incongruência na compreensão global do teste.

A análise do conteúdo verbal pode ser efetuada segundo diversas categorias e com diferentes procedimentos, como por exemplo, papel e lápis ou software de análise de texto.

Análise do conteúdo verbal

## 3. Análise do nível interativo-emotivo

Analisar também a interação que se produz durante a entrevista e a aplicação do instrumento. Os indicadores detetados através da análise da interação e do clima emotivo durante a execução do teste devem ser confrontados com os outros indicadores, para explorar a reciproca congruência ou incongruência.

Em particular é útil observar os aspetos emotivos e o comportamento, a transferência e contra-transferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...

Análise do nível interativo-emotivo

#### 4. Análise do nível reflexivo

Um indicador importante a nível clínico provém da observação da capacidade ou incapacidade que a pessoa tem para comentar o seu próprio desenho. Se é capaz de utilizar o que emerge do desenho, acerca das suas próprias relações e da própria posição em relação às fronteiras familiares, utilizando o conteúdo gráfico das indicações do instrumento para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.

Análise do nível reflexivo

#### 5. Análise da aplicação conjunta do teste

O critério principal de avaliação, no caso da aplicação conjunta, é o processo de construção do desenho. É importante avaliar o clima emotivo, as dinâmicas relacionais e as estratégias que o grupo familiar utiliza para construir o desenho. Ter em atenção a prevalência de modalidades tendencialmente conexas ou de modalidades tendencialmente separadas.

Embora as indicações sejam dadas a nível individual, pode-se observar durante a realização do teste se se da uma interpretação da tarefa como ação individual (desenhos distintos e paralelos de cada familiar) ou como acção conjunta (neste caso, os familiares consultam-se para decidir juntos quem e como desenhar, ou utilizam algum elemento do desenho realizado por outros familiares).

Análise da aplicação conjunta do teste

## 6. Análise dos dois constructos chave: as fronteiras e as pertenças

Depois de observar cada um dos elementos do desenho, procede-se a uma avaliação mais pormenorizada dos dois constructos chave fundamentais do teste: os limites e o conflito de pertença.

### 6.1. A representação das fronteiras

6.1. A representação das fronteiras					
<b>Fronteiras individuais:</b> distância interpessoal	<b>Separação/individualização</b>	<b>Indicadores gráficos</b>	x	<b>Indicadores verbais</b>	x
	Diferenciação	Dialética entre proximidade e distância		Presença no discurso de outras pessoas significativas	
				Distinção semântica e gramatical entre si e os outros	
				Qualidade afetiva positiva na relação entre si e os outros	
	Relação simbiótica	Símbolos colados ou dentro um do outro		Sobreposição semântica e gramatical entre si e os outros	
				Qualidade afetiva ambivalente na relação entre si e os outros	
Tendência ao isolamento	Ausência de pessoas significativas Isolamento do símbolo do sujeito em relação aos outros		Ausência no discurso de outras pessoas significativas		
			Qualidade afetiva negativa na relação entre si e os outros		
<b>Fronteiras geracionais:</b> distância entre as gerações (inter e intra)	<b>Hierarquia de papéis</b>	<b>Indicadores gráficos</b>	x	<b>Indicadores verbais</b>	x
	Os pais assumem o cuidado dos filhos	Símbolos dos pais maiores ou acima dos filhos		Referências no discurso à tarefa parental do cuidado dos filhos	
	Relação igualitária entre pais e filhos	Tamanho igual entre os símbolos de pais e filhos		Descrição de uma relação igualitária entre filhos e pais	
	Parentalização: inversão de papéis quando o filho assume as funções paternas	Ausência de símbolos de um ou ambos os pais		Inversão da relação hierárquica de cuidados: os filhos procuram responder às necessidades dos seus progenitores	
		Símbolo do filho maior ou acima dos pais			
Símbolo dos pais dentro dos símbolos dos filhos					
<b>Fronteiras familiares:</b> Distância entre a pessoa e uma ou mais famílias	<b>Pertença familiar</b>	<b>Indicadores gráficos</b>	x	<b>Indicadores verbais</b>	x
	Reconhecimento da pertença a um contexto familiar	Configuração das famílias de pertença		Expressa uma qualidade positiva na vivência das relações familiares	
	Desconhecimento da pertença a um contexto familiar	Não pertença a nenhuma família		Expressa uma qualidade negativa na vivência das relações familiares e um sentido de solidão	
<b>Fronteiras intra-sistémicas:</b> Distância entre família nuclear e estirpes	<b>Estrutura triangular</b>	<b>Indicadores gráficos</b>	x	<b>Indicadores verbais</b>	x
	Balanço entre as duas estirpes, diferenciação da nova família	Presença de símbolos das duas estirpes		Referências e descrição de contactos efetivos com as duas estirpes	
	Exclusão de uma família, risco de emaranhamento	Presença de símbolos de só uma das estirpes		Referências e descrição de contactos efetivos só com uma das estirpes	
				Qualidade negativa na relação com a outra estirpe familiar	
Isolamento das duas estirpes	Ausência de símbolos das duas estirpes		Ausência ou qualidade negativa nas referências às duas estirpes		
<b>Fronteiras inter-sistémicas:</b> Distância entre família nuclear e família alargada, e entre família nuclear e sociedade.	<b>Relação com o estranho</b>	<b>Indicadores gráficos</b>	x	<b>Indicadores verbais</b>	x
	Capacidade de relação com elementos externos e presença de recursos sociais	Presença de símbolos da realidade extrafamiliar		Presença e qualidade prevalentemente positiva nas referências à realidade externa da família	
				Proximidade entre a pessoa e os elementos externos	
	Pobreza ou ausência de relação com elementos externos e pobreza de recursos sociais	Pobreza ou ausência de símbolos extrafamiliares		Ausência ou qualidade prevalentemente negativa nas referências à realidade externa da família	
Distância entre a pessoa e os elementos externos					

## 6.2. O conflito de pertença

O primeiro indício da elaboração positiva do elemento ausente é a presença explícita de ambos os polos do conflito de pertença, seja no horizonte gráfico do teste ou apenas na verbalização que a pessoa realiza.

Pode-se pensar na presença de um *continuum* que vá desde o extremo funcional da modalidade gráfica integrativa com indicadores verbais congruentes, até o extremo oposto, em que a pessoa mostra grande ansiedade e desconforto quando se faz algum tipo de referência verbal ao elemento ausente

Presença dos polos do conflito	Análise verbal	A pessoa coloca espontaneamente em palavras os polos do conflito		
		A pessoa expressa abertamente a dificuldade de encontrar um lugar para cada um dos polos do conflito		
		A pessoa fala dos dois polos do conflito mas com algumas reticências		
	Análise gráfica	<b>Modalidade gráfica integrativa</b>		
		Conjunto intersecção	Duplicação da pessoa	Conjunto único
		<b>Modalidade gráfica não integrativa</b>		
Ausência de um ou mais pólos do conflito	Análise verbal	Um dos polos do conflito nunca é verbalizado		
		Os polos do conflito nunca são verbalizados		
		Utilização de elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito		
	Análise gráfica	Um dos polos do conflito não é representado		
		Os polos do conflito não são representados		
		Utilização de elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito		

## 7. Síntese dos resultados

## Apêndice D - Grelha Qualitativa do Teste Do Desenho da Família

Identificação	
Nome: _____	
Data de Nascimento: __ / __ / _____	
Pessoas com quem vive: _____ _____	
Data de Aplicação: __ / __ / _____	Tempo de Aplicação _____
Examinador: _____	
Observações	
Paragens Momentâneas na realização do desenho _____ _____ _____ _____	
Local da Folha e sentido em que o desenho é iniciado _____ _____ _____ _____	
Ordem de Reprodução dos membros da Família _____ _____ _____ _____	
Tempo Gasto para desenhar cada um dos membros da família _____ _____ _____ _____	
Outras observações _____ _____ _____ _____ _____	

## Entrevista (Família Imaginária)

Quem são as personagens, que idade têm, qual a relação entre eles e o que estão a fazer?

---

---

---

---

Quem manda mais, quem manda menos e porquê?

+ \_\_\_\_\_

---

- \_\_\_\_\_

---

Quem é o mais simpático, o menos simpático e porquê?

+ \_\_\_\_\_

---

- \_\_\_\_\_

---

Quem é o mais feliz, o menos feliz e porquê?

+ \_\_\_\_\_

---

- \_\_\_\_\_

---

Se pertencesse a esta família, quem gostarias de ser?

---

---

---

---

Se fossem dar um passeio e não coubessem todos no carro quem é que não iria?

---

---

---

---

O que vai acontecer a seguir?

---

---

---

---

Se pudesses mudar alguma coisa nesta família, o que é que tu mudavas?

---

---

---

---

## Entrevista (Família Real)

Quem são as personagens, que idade têm, qual a relação entre eles e o que estão a fazer?

---

---

---

---

Quem manda mais, quem manda menos e porquê?

+ \_\_\_\_\_

---

- \_\_\_\_\_

---

Quem é o mais simpático, o menos simpático e porquê?

+ \_\_\_\_\_

---

- \_\_\_\_\_

---

Quem é o mais feliz, o menos feliz e porquê?

+ \_\_\_\_\_

---

- \_\_\_\_\_

---

Se fossem dar um passeio e não coubessem todos no carro quem é que não iria?

---

---

---

---

O que vai acontecer a seguir?

---

---

---

---

Se pudesses mudar alguma coisa nesta família, o que é que tu mudavas?

---

---

---

---

# Registo / Interpretação

## 1. Nível Gráfico

Família Imaginária	Família Real
<b>Amplitude:</b> _____ _____	<b>Amplitude:</b> _____ _____
<b>Força:</b> _____ _____	<b>Força:</b> _____ _____
<b>Ritmo:</b> _____ _____	<b>Ritmo:</b> _____ _____
<b>Zona da Página:</b> Superior <input type="radio"/> Centro <input type="radio"/> Inferior <input type="radio"/> Direita <input type="radio"/> Esquerda <input type="radio"/> Folha Inteira <input type="radio"/>	<b>Zona da Página:</b> Superior <input type="radio"/> Centro <input type="radio"/> Inferior <input type="radio"/> Direita <input type="radio"/> Esquerda <input type="radio"/> Folha Inteira <input type="radio"/>
<b>Direita e Esquerda:</b> Direita <input type="checkbox"/> Esquerda <input type="checkbox"/> Esquerda <input type="checkbox"/> Direita <input type="checkbox"/>	<b>Direita e Esquerda:</b> Direita <input type="checkbox"/> Esquerda <input type="checkbox"/> Esquerda <input type="checkbox"/> Direita <input type="checkbox"/>

## 2. Nível das Estruturas Formais

**Grau de Perfeição do Desenho:**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Estrutura Formal do Grupo**

**Sensorial:**  \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Racional:**  \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## 3. Nível de Conteúdo

**Valorização:** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Desvalorização:** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Personagens Acrescidas:** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Laços e Relações:** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



## Apêndice E - Questionário Sociodemográfico

### Questionário Sociodemográfico

Identificação da pessoa que responde ao questionário	
Nome	
Idade	Parentesco relativamente à criança/jovem

Dados pessoais da criança/jovem			
Nome			
Género	Masculino	Idade	
	Feminino		

Situação familiar			
Composição do agregado familiar da criança/jovem			
Grau de parentesco	Idade	Género	Profissão
A/o criança/jovem tem irmãos? Caso tenha, por favor indique as idades e o género. (A preencher caso existam irmãos cuja guarda esteja atribuída ao outro progenitor)			

Situação escolar e social
Frequentou o infantário? Se sim, desde que idade?
Escolaridade
Frequenta atividades extracurriculares? Caso frequente, por favor indique quais.

Situação familiar relativa aos pais da criança/jovem
Há quanto tempo os pais se encontram divorciados?
Como está estabelecida a divisão do tempo que a criança/jovem passa com cada progenitor?

## **Questões relativas à história e relacionamento familiar**

### **1. Relações familiares**

1.1 Para começar, gostava de saber quem são as pessoas com quem moras em casa?

1.2 Como te relacionas com cada uma dessas pessoas?

1.3 E, como se relacionam as outras pessoas entre si?

1.4 Quando costumas estar com o/a teu/tua pai/mãe?

1.5 De quanto tempo são estas visitas? (pernoita ou não pernoita?)

1.6 O que fazem quando estão juntos?

1.7 E da tua família mais alargada, quem são as pessoas com quem mais te relacionas?

1.8 De todas as pessoas da tua família, qual ou quais são aquelas que consideras mais importantes para ti?

### **2. Secção relativa ao divórcio**

2.1 Em primeiro lugar gostaria de saber sobre o que falaram os teus pais contigo, antes e depois de se dar o divórcio?

2.2 Recordaste como te sentiste quando aconteceu a separação?

2.3 Como foi para ti lidar com esta situação? Procuraste apoio de alguma pessoa em especial? / Quem eram as pessoas que estavam mais próximas de ti, e quem foram aquelas a quem tu mais recorreste?

2.4 Com o decorrer do tempo, contas-me como te foste sentindo acerca deste acontecimento e o que trouxe para a tua vida?

## Apêndice F - Carta de Explicação do Estudo e do Consentimento Informado

### Carta de explicação do estudo e do consentimento informado

**Título:** A Dupla Lua: Primeiros Indicadores de Validação do Instrumento e da Grelha Quantitativa Através da Aplicação a Filhos de Famílias Divorciadas.

**Autor:** Bruno Eduardo de Macedo Lima.

**Objetivo:** Este estudo insere-se no âmbito académico da elaboração da Tese para obtenção do grau de Mestre na Universidade Católica Portuguesa de Braga, no Mestrado de Especialização em Psicologia da Família.

**Método:** Para o processo de validação do instrumento de avaliação psicológica Dupla Lua, serão aplicados a Dupla Lua, o Teste do Desenho da Família e realizada uma entrevista aos filhos das famílias divorciadas, e aplicado o Questionário de Comportamentos da Criança (CBCL) dos 6 aos 18 anos ao progenitor, para ser testada a validade divergente, necessária para aclarar o domínio de avaliação do teste a validar. Os resultados dos instrumentos serão submetidos a uma avaliação rigorosa para obter um nível de fidelidade que garante que outros investigadores, ao aplicarem o instrumento à mesma pessoa, obteriam resultados idênticos. O público-alvo do estudo é constituído por filhos de pais divorciados, com idades compreendidas entre os 6 e os 16 anos.

**Confidencialidade e anonimato:** Todas as informações recolhidas serão anónimas e confidenciais. A identidade do participante será apenas conhecida pelo autor, estando assegurada a confidencialidade e o anonimato. A qualidade da informação não será em momento algum, revelada em conjunto com a identidade de quem a forneceu.

**Participação:** A decisão de participar, ou não participar neste estudo, é voluntária. Assiste-lhe também a decisão de desistir da investigação assim que o entender, sem algum prejuízo, visto que não se encontra vinculado a compromisso algum.

*Desde já, deixo o apreço e o agradecimento devido pela disponibilidade.  
Para qualquer informação ou questão adicional, não hesite entrar em contacto para  
o 914691510, ou pelo endereço de correio eletrónico [brunozmail@gmail.com](mailto:brunozmail@gmail.com)*

## **Apêndice G - Formulário de Consentimento**

### **Formulário de consentimento**

Reconheço que os procedimentos da investigação descritos na carta anexada me foram explicados e que me responderam de forma satisfatória a todas as minhas questões. Compreendo que tenho o direito de colocar agora e durante o desenvolvimento do estudo, qualquer questão sobre este e os métodos utilizados. Compreendo também que a qualquer momento posso deixar de fazer parte da investigação. Asseguraram-me que os processos relativamente aos dados obtidos serão guardados de forma confidencial e que nenhuma informação será publicada ou comunicada, incluindo a identidade pessoal, sem a minha permissão.

Nome

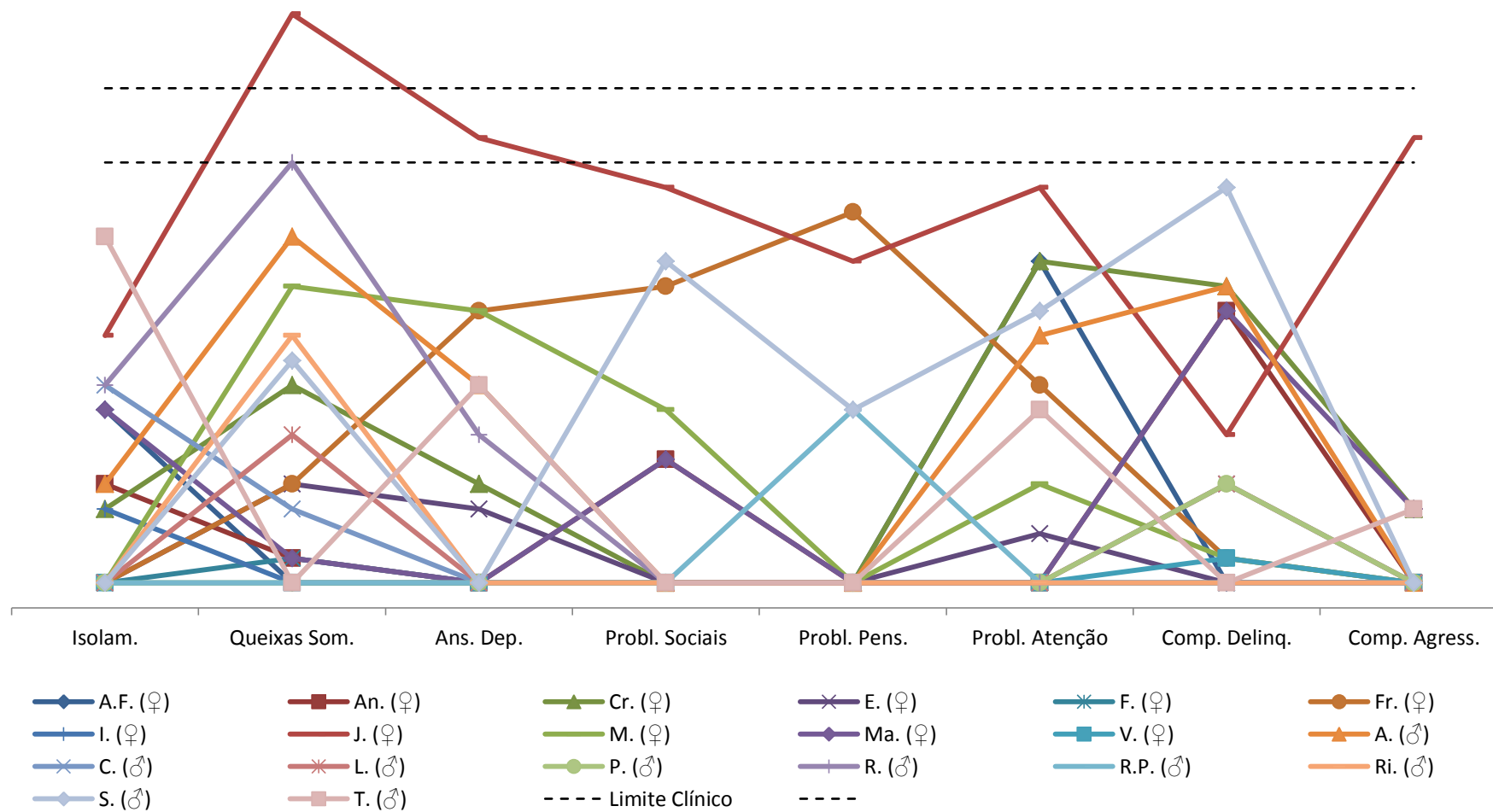
---

Data

---

## Apêndice H - Perfil de Problemas de Todos os Participantes

Figura 9.2 – Pontuações por Subescala



## Apêndice I - Quadro de Resultados do TDF

### Quadro 9.1

#### Resultados TDF

Nome	Família real			Observações da parte verbal <sup>6</sup>
	Nível gráfico	N. estruturas formais.	Nível de conteúdo	
	a) Amplitude; b) Força; c) Ritmo; d) Localização; e) Sentido	a) Esquema corporal; b) Estrutura do corpo familiar; c) Tipo sensorial; d) Racional.	a) Valorização da personagem principal; b) Desvalorização de 1 personagem; c) Dist. entre figuras; d) Presença de representações simbólicas; e) Personagens acrescidas; f) Laços e relações	
A.F.	a) Linhas curtas, com pouca amplitude; b) balanço entre traço forte e frágil; c) alguma repetição de personagens, com diferenças de proporção e de género; d) Zona inferior esquerda; e) Esq/direita	a) Respeitou as faixas etárias e proporção: mãe maior, irmão intermédio (+velho que ela) e a si mais pequena. Existe diferença de género atribuída pelo vestuário – vestido para o género feminino, calças para e camisola para o masculino. Grau de perfeição condizente com idade; b) Família de 3 pessoas – desenha o irmão em 1º, a si e depois à mãe; c e d) predomínio linhas retas, indicando desenho do tipo Racional	a) Desenha o irmão em 1º lugar, podendo indicar uma valorização; b) <u>não desenha o pai</u> ; c) distância similar entre elementos; d) n se aplica; e) n se aplica; f) Desenha-se no meio do irmão e da mãe, estando um pouco mais próxima da mãe e com roupas semelhantes às dela. Poderá indicar uma afinidade maior com ela. Não representa o pai, o que pode indicar a tangencialidade que lhe é atribuída pela família.	
A.	a) Linhas curtas, pouca amplitude – pode indicar introversão; b) prevalência do traçado forte; c) Desenhou diferentes personagens, através de figuras pictográficas; d) Zona inferior central; e) esq/direita	a) Desenho com algum detalhe com diferenciação de género; b) desenha a família com os 4 elementos, começando por si, pela irmã, depois pelo pai e pela mãe no final; c e d) Predomínio de linhas retas, apontando para um desenho do tipo Racional.	a) Desenha-se em 1º lugar, com tamanho idêntico ao pai, sendo a mãe de menor dimensão do que o seu símbolo, podendo indicar a valorização de si e do seu pai; b) A mãe foi representada com alguma distância relativa à família, não se envolvendo na trama que está a acontecer – poderá ser um indicador de desvalorização; c) O elemento mais distante é a mãe. Desenha a irmã separada por um símbolo que significa conflito; d) presença de um símbolo que representa um conflito entre si e a irmã, através de trovões, nuvem e de uma linha que une a si e à irmã; e) n se aplica; f) A relação com a irmã é conflituosa, e o pai é o elemento que tende a estabelecer a ordem, exercendo a autoridade. Na sua presença a mãe parece assumir uma posição periférica.	<b>F.R.</b> Relata que “os irmãos estão a brincar, o pai a dizer para estarem quietos e a mãe está feliz”; A mãe é quem diz mandar mais; a irmã é a mais feliz porque é a mais pequena e não tem a noção de algumas coisas que acontecem. Se fossem dar um passeio era o pai que ficava porque “a mãe não gosta muito dele, gosta como amigo, mas ...”

<sup>6</sup> São colocadas as informações relevantes que confirmem hipóteses e que possam consolidar os resultados gráficos.

Nome	Família real			Observações da parte verbal
	Nível gráfico	N. estruturas formais.	Nível de conteúdo	
	a) Amplitude; b) Força; c) Ritmo; d) Localização; e) Sentido	a) Esquema corporal; b) Estrutura do corpo; c) Tipo sensorial; d) Racional.	a) Valorização da personagem principal; b) Desvalorização de 1 personagem; c) Dist. entre figuras; d) Presença de representações simbólicas; e) Personagens acrescentadas; f) Laços e relações	
An.	a) Linhas pouco amplas – indicam introversão; b) balanço do traço entre forte e frágil, execução metódica, realizando o desenho calmamente buscando perfeição do traço; c) repetição rítmica semelhante à utilizada no desenho da família imaginária; d) Parte superior esquerda. Dimensão total do desenho confinada a parte do 1º quadrante; e) esq/direita, cima/baixo	a) Representações pictográficas rudimentares, com diferenciação na proporção respeitando as hierarquias e gerações e género.; b) Desenhou 3 gerações: os avós, os pais, a si e à sua irmã; c) e d) balanço entre linhas curvas e retas, sugerindo um balanço ente tipologias Sensorial e Racional de desenho.	a) Os avós são os primeiros a ser representados e parecem ser ligeiramente maiores, indicando a sua valorização; b) o seu desenho é o mais pequeno, podendo no entanto não indicar desvalorização; c) distância similar entre elementos; d) n se aplica; e) n se aplica; f) Desenhou os avós maiores do que todos os outros personagens, podendo indicar uma ligação mais forte com eles. O facto de ter desenhado a irmã maior do que o seu símbolo, tendo até tamanho semelhante ao dos pais, pode querer indicar uma afinidade maior com esse elemento da família.	F.R. Mudaria a idade dos avós, e gostava que os “pais viessem para Portugal de vez” (questão 7)
C.	a) Linhas amplas; b) balanço entre traço forte e frágil; traço mais impulsivo ao desenhar parte do símbolo da irmã; c) repetição dos elementos, com distinção de género; d) Centro da folha; e) Esq/direita	a) Figuras pictográficas elementares, sem detalhe com distinção de género. Foram todos desenhados no mesmo nível hierárquico; b) Desenhou uma família de 3 membros: o próprio, a mãe e irmã; c) e d) uso reduzido das linhas curvas; uso predominante de linhas retas – Tipo Racional	a) Desenha o seu símbolo em 1º lugar, podendo indicar a própria valorização; b) <u>não desenha o pai</u> ; c) distâncias semelhantes entre membros; d) coloca a mãe no centro da folha a separar a si da sua irmã. Poderá indicar um tipo de relacionamento entre iguais, já que a representa ao mesmo nível e se aproxima da idade adulta; e) n se aplica; f) Devido ao filho e a mãe estarem próximos, talvez se possa considerar que a relação entre ambos possa ser de nível hierárquico semelhante; a distância entre ele e a irmã e a separação entre ambos pela mãe, pode corroborar o anterior e indicar um relacionamento um pouco distante entre C. e a sua irmã	F.R. Na questão 7 disse que colocava o pai no desenho

Nome	Família real			Observações da parte verbal
	Nível gráfico	N. estruturas formais.	Nível de conteúdo	
	a) Amplitude; b) Força; c) Ritmo; d) Localização; e) Sentido	a) Esquema corporal; b) Estrutura do corpo; c) Tipo sensorial; d) Racional.	a) Valorização da personagem principal; b) Desvalorização de 1 personagem; c) Dist. entre figuras; d) Presença de representações simbólicas; e) Personagens acrescidas; f) Laços e relações	
Cr.	a) Linhas pouco amplas, personagens de dimensões pequenas; b) traço a pender p/ frágil; c) repetição de figuras, com diferença de género d) centro; e) esq/direita	a) Esquema simples, replicado para todas as personagens, distinção de género e proporção aliada à idade e relação de parentesco; b) Desenhou os 5 elementos da família – à mãe, os dois irmãos, a si e ao pai; c) e d) desenho tipo sensorial	a) A mãe aparece em 1º lugar e de maior dimensão, podendo indicar ser a personagem que mais valoriza; b) n se aplica; c) distância semelhante entre personagens; d) coloca-se ao lado do pai, podendo indicar um possível desejo de relacionamento com a figura paterna; e) n se aplica; f) Desenha a mãe, depois os 2 irmãos, a si e coloca o pai por último ao seu lado – poderá ser denunciador da sua afinidade com ele.	F.R. Na questão 7 disse que acrescentaria uma filha de 8 anos à família
E.	a) Linhas pouco amplas; b) balanço entre o traço forte e frágil; c) elementos diferentes uns dos outros; d) centro da folha; e) esq/direita	a) Representações pictográficas elementares com distinção de género através do vestuário; b) Desenhou-se a si, ao irmão e à mãe; c) e d) representação do tipo sensorial	a) Não parece haver valorização de alguma personagem; b) não desenha o pai; c) grande proximidade entre elementos; d) não se aplica e) n se aplica; f) Por ter desenhado o irmão a seguir a si e ter respeitado a proporção relativa ao tamanho, talvez se possa dizer que há uma certa compreensão da sua posição hierárquica. Os sorrisos na cara das personagens parecem apontar para um sistema feliz.	F.R. O irmão é o menos simpático e o menos feliz; Na questão 7 disse que acrescentaria um homem à sua mãe.
F.	a) Linhas pouco amplas; b) balanço entre forte e frágil; c) repetição rítmica; d) um pouco abaixo do centro da folha; e) esq/direita	a) Elementos pictográficos rudimentares, representados com diferentes proporções relativas à idade, mas sem diferenciação de género; b) Representou uma família de 4 membros. Desenhou 1º o pai, depois a mãe, depois a meia-irmã e depois a si mesma; c) e d) Desenho do tipo racional	a) O pai é desenhado em 1º lugar ligeiramente maior do que os outros personagens; b) desenha-se em último lugar e à irmã com um símbolo mais pequeno do que o seu – poderão ser dois indicadores de desvalorização; c) a mãe e a meia-irmã estão um pouco afastadas; d) não se aplica; e) n aplicável; f) Representa-se mais próxima da sua meia-irmã do que do resto das personagens, levando a crer que tem um tipo de relacionamento próximo com ela. Desenhou o pai em primeiro lugar, o que pode indicar afinidade com ele.	F.R. A meia-irmã é quem manda mais quando está com a mãe;

Nome	Família real			Observações da parte verbal
	Nível gráfico	N. estruturas formais.	Nível de conteúdo	
	a) Amplitude; b) Força; c) Ritmo; d) Localização; e) Sentido	a) Esquema corporal; b) Estrutura do corpo; c) Tipo sensorial; d) Racional.	a) Valorização da personagem principal; b) Desvalorização de 1 personagem; c) Dist. entre figuras; d) Presença de representações simbólicas; e) Personagens acrescidas; f) Laços e relações	
Fr.	a) Misto de linhas amplas e pouco amplas; b) balanço entre traço forte e frágil; c) personagens singulares; d) metade inferior da folha; e) Esq/ direita	a) Desenho rudimentar, elementos pictográficos desproporcionados com distância entre si; b) Desenhou a mãe, a si e ao irmão; c) e d) tipo de desenho Racional	a) Valorização da mãe – maior e em 1º lugar; b) <u>n</u> desenha o pai; desvalorização do irmão – de tamanho reduzido e em último lugar; c) igual distância entre personagens; d) a expressão facial da mãe é de sorriso, mas dos filhos é de tristeza; e) não se aplica; f) Desenha a mãe e os filhos no mesmo nível: apesar da diferença no tamanho, representa os elementos num nível semelhante, podendo indicar uma desadequada hierarquização.	
I.	a) Linhas amplas; b) balanço entre o traço forte e frágil; c) elementos semelhantes entre si; d) quase toda a parte superior; e) esq/direita	a) Representação de acordo com a idade, proporção e gênero respeitados; b) Desenha a mãe em 1º lugar, depois o irmão, depois a si e o pai em último; c) e d) desenho do tipo racional	a) Valorização da mãe – desenhada em 1º e maior que os filhos – e do pai, pela maior dimensão; b) não se aplica; c) maior distância entre si e o pai; d) não se aplica; e) não aplicável; f) A distância entre o pai e a I., pode ser representativa da separação do pai da sua família	

Nome	Família real			Observações da parte verbal
	Nível gráfico	N. estruturas formais.	Nível de conteúdo	
	a) Amplitude; b) Força; c) Ritmo; d) Localização; e) Sentido	a) Esquema corporal; b) Estrutura do corpo; c) Tipo sensorial; d) Racional.	a) Valorização da personagem principal; b) Desvalorização de 1 personagem; c) Dist. entre figuras; d) Presença de representações simbólicas; e) Personagens acrescentadas; f) Laços e relações	
J.	a) Linhas traçadas energeticamente; b) traço forte; c) ritmo de traçado pautado na repetição; d) metade esq. da folha; e) esq. para a dir., cima p/ baixo	a) Imagens pictográficas elementares, reduzida perfeição, símbolos representam mais do que uma pessoa, tirando o seu; b) Ausência de movimento; c) Traço redondo raro; d) Maioritariamente traço reto	a) Símbolo próprio é o único que designa apenas uma pessoa; símbolo que representa o pai, mãe e irmão é maior que o seu; b) representa várias pessoas num símbolo, como por ex. a mãe, o pai e o irmão num símbolo só, sem diferenciação; c) Próxima do pai, mãe e irmão que representou com o mesmo símbolo, e da prima e amigas que representou com outro; d) não se aplica; e) primas, amigas, animais; f) Representa vários símbolos para indicar várias pessoas, mas a posição dos desenhos não indicam uma boa hierarquização	<b>F.R.</b> Nos mais simpáticos : " <i>tirando os pais que não contam, (...) as melhores amigas</i> ". + felizes são os peixes pq não têm nada que fazer; Menos feliz " <i>Ninguém.. Ah, sou eu, pq tenho baixa autoestima</i> ": Mudança/desejo: " <i>mudava a minha prima para Portugal e eu estava mais feliz, a minha mãe tb, o meu pai tb...</i> "
L.	a) Traçado decisivo, forte, demonstrando extroversão; b) traçado forte; c) Repetição rítmica; d) Inferior – indica ausência de fantasia; e) esquerda p/ direita	a) Imagens pictográficas com diferença de género; b) desproporção das mãos em relação ao corpo; c) Uso maioritariamente do traçado curvo; d) uso reduzido do traçado retilíneo.	a) Valorização dividida entre pai e mãe, julgando pelo tamanho dos seus nomes; b) não s aplica; c) distância regular entre elementos – 1º desenho si mesmo, 2ª irmã, 3º pai, 4ª mãe; d) n se aplica; e) n se aplica; f) Desenha-se a si, à irmã, podendo indicar o bom relacionamento entre irmãos. Existe o reconhecimento do pai como membro da família. Os pais no entanto, foram representados abaixo dos símbolos dos filhos, podendo revelar algum desarranjo nas hierarquias.	F.R. O pai continua a ser o mau, o que berra e o que mais manda.

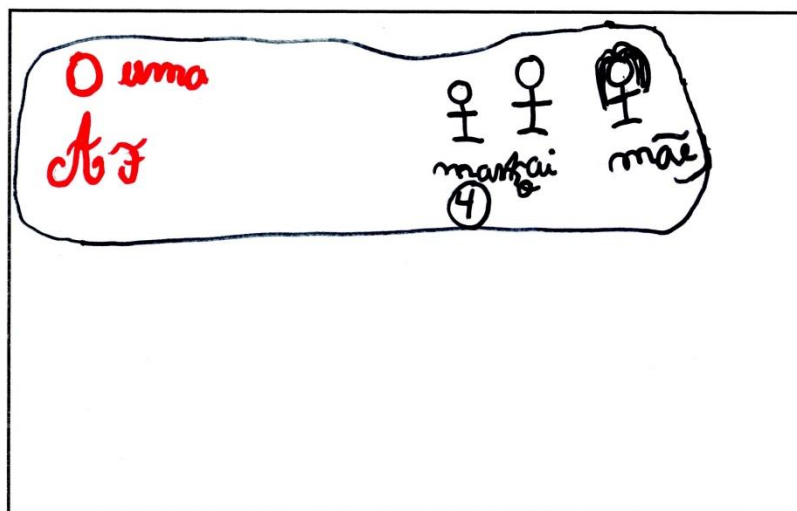
Nome	Família real			Observações da parte verbal
	Nível gráfico	N. estruturas formais.	Nível de conteúdo	
	a) Amplitude; b) Força; c) Ritmo; d) Localização; e) Sentido	a) Esquema corporal; b) Estrutura do corpo; c) Tipo sensorial; d) Racional.	a) Valorização da personagem principal; b) Desvalorização de 1 personagem; c) Dist. entre figuras; d) Presença de representações simbólicas; e) Personagens acrescidas; f) Laços e relações	
M.	a) Linhas amplas, desenho ocupa toda a folha; b) entre forte e frágil; c) espontaneidade nas representações; d) toda a folha; e) esq/direita	a) Representações com nível de perfeição de acordo com a idade. Representou os personagens com tamanhos diferentes e géneros diferentes; b) Desenha a mãe, o pai e a si mesma; c) e d) desenho do tipo sensorial	a) A mãe aparece destacada comum símbolo maior, podendo indicar a valorização; b) não temos dados para indicar; c) pai mais distante, encontra-se noutra divisão da casa: mãe e filha na cozinha, pai na sala sentado no sofá; d) A participante colocou sempre uma porta entre a mãe e ela e o seu pai. e) n se aplica; f) O desenho aponta para uma grande afinidade entre si e a mãe. O pai, é visto como um elemento tangencial, tendo a porta a separar os dois mundos.	F.R. são todos + felizes pq estão todos protegidos e juntos para vencer; iriam todos dar o passeio e n ficaria ninguém.
Ma.	a) Linhas pouco amplas; b) intermédio, entre traço forte e frágil; c) elementos todos diferentes; d) 1º quadrante; e) esq/direita	a) Desenho realizado com atenção e algum detalhe, havendo investimento na tarefa, diferenciando-se o género e a dimensão das personagens; b) desenha o pai, a mãe e as duas filhas; c) e d) desenho do tipo Racional	a) n aplicável; b) a avó não consta do desenho embora habite apenas com a sua irmã e com a avó; c) figura próximas umas das outras; d) Não se aplica; e) n se aplica; f) O desenho indica-nos uma forte ligação entre irmãs, pela proximidade entre elas. Os níveis hierárquicos não estão representados correctamente.	

Nome	Família real			Observações da parte verbal
	Nível gráfico	N. estruturas formais.	Nível de conteúdo	
	a) Amplitude; b) Força; c) Ritmo; d) Localização; e) Sentido	a) Esquema corporal; b) Estrutura do corpo; c) Tipo sensorial; d) Racional.	a) Valorização da personagem principal; b) Desvalorização de 1 personagem; c) Dist. entre figuras; d) Presença de representações simbólicas; e) Personagens acrescidas; f) Laços e relações	
P.	a) Traços pouco amplos; b) linhas entre o forte e o frágil; c) uso de figuras pictográficas de forma diferente; d) no meio da folha, descentrado à esquerda; e) esq/direita;	a) Maior investimento no desenho em relação ao anterior; desenhou respeitando género e proporções em relação à idade; b) desenhou a mãe, a irmã, a si e ao pai;; c) e d) desenho do tipo Racional	a) Valorização do pai, pela sua maior proporção embora tenha sido desenhado por último; b) n se aplica; c) Entre os filhos e os pais é onde existe mais distância; d) as distâncias; e) talvez indique um conflito de lealdade, já que se encontra junto à sua irmã, havendo dois “fossos” entre eles e a mãe e entre eles e o pai. Poderá querer dizer que se encontra num impasse de “ter de escolher e não saber quem” – será que o tamanho do desenho da mãe poderá ter que ver com a esta passagem do ter de escolher? – não carece de escolha, mas de reorganização. Refere que os filhos brincam enquanto os pais falam, embora em lados opostos;	<b>F.R.</b> questão 6: “vamos todos ficar felizes, o pai vai embora e vamos ver tv” Q. 7: Fazia com que não se tivessem separado
R.	a) Linhas pouco amplas; b) traço entre o forte e o frágil; c) repetição do elemento mas com forma diferente para distinção de género; d) 1º quadrante; e) esq/direita	a) Pouca atenção ao detalhe, execução em 20 segs, com diferenciação de género e de hierarquia.; b) Representou a mãe, o próprio e o seu irmão; c) e d) desenho do tipo Racional	a) Valorização da mãe –representada em 1º lugar acima de todos; b) <u>desvalorização do pai que não foi representado</u> ; c) distância regular entre elementos; d) n se aplica; e) n se aplica; f) A configuração do desenho, aponta para o reconhecimento da hierarquia de papéis.	
Ri.	a) Linhas pouco amplas; b) traço entre o forte e o frágil; c) figuras diferentes umas das outras; d) desenho na parte inferior da folha; e) esq/direita;	a) Desenho realizado com algum pormenor, havendo diferenciação de género e de idade; b) Os elementos são, a irmã, a mãe em 2º lugar, e por fim ele c) e d) desenho do tipo Racional	a) Valorização da mãe, encontra-se ao centro e com maior dimensão – poderá também querer indicar proteção para ambos; desenha a irmã em 1º lugar; b) <u>não representa o pai</u> ; c) distância regular entre cada um dos personagens; d) n se aplica; e) n se aplica; f) Os elementos parecem respeitar a proporção e as hierarquias, não havendo muitos dados para avaliar o tipo de relação.	

Nome	Família real			Observações da parte verbal
	Nível gráfico	N. estruturas formais.	Nível de conteúdo	
	a) Amplitude; b) Força; c) Ritmo; d) Localização; e) Sentido	a) Esquema corporal; b) Estrutura do corpo; c) Tipo sensorial; d) Racional.	a) Valorização da personagem principal; b) Desvalorização de 1 personagem; c) Dist. entre figuras; d) Presença de representações simbólicas; e) Personagens acrescidas; f) Laços e relações	
R.P.	a) Linhas amplas, ocupa maior parte da folha; b) uso do traço entre o forte e o frágil; c) elementos similares, mas não repetidos, d) em quase toda a folha, desenho centrado; e) esq/direita	a) Desenho com pormenor, cada figura desenhada em 2 minutos, com diferença de género; b) os elementos desenhados foram a mãe, o próprio, irmão e a namorada; c) e d) desenho do tipo Racional	a) Irmão no centro do desenho, com dimensão ligeiramente maior, sobressaindo-se; b) não representa o pai; c) distância semelhante entre uns e outros personagens; d); e) a namorada do irmão; f) O facto de ter desenhado a namorada do irmão, podendo significar ser um elemento importante para si, e por estarem de mãos dadas, podendo significar a união entre eles	F.R. A namorada é a + simpática; adicionaria um gato à família
S.	a) Linhas pouco amplas; b) traço entre o forte e o frágil; c) repetição dos elementos d) parte inferior da folha, à esquerda; e) esq/direita	a) Desenho de elementos pictográficos simples, com diferenças na forma para identificar o género, tendo uma das personagens, a dimensão mais pequena do que as outras todas; b) desenhou o pai, a mãe, a si e à irmã; c) e d) Desenho do tipo Racional	a) Desenha-se em 1º lugar; b) n se aplica; c) distância semelhante entre personagens; d) n se aplica; e) n se aplica; f) o desenho foi realizado no mesmo nível hierárquico, podendo indicar o desconhecimento na definição de hierarquias e papéis.	
T.	a) Linhas amplas; b) força do traço entre forte e frágil; c) utilizou retratos diferentes para fazer dos seus personagens; d) maior parte da folha, deixando o 2º quadrante livre; e) esq/direita;	a) Desenhos elementares seguindo a lógica da árvore genealógica, havendo diferença de género e proporção entre elementos; b) desenhou o avô, a avó, a mãe e dois tios e no fim a ela e uma outra sobrinha; c) e d) desenho do tipo Racional	a) n se aplica; b) inicialmente não se tinha desenhado – fê-lo por sugestão; c) distância comum a todos os personagens; d) representa o seu avô que já faleceu (ver obs); e) n se aplica; f) O T. privilegia muito a sua relação com o avô falecido.	F.R. Deseja que a mãe se entendesse com o irmão dela e que o seu avô fosse vivo.
V.	a) Linhas pouco amplas; b) força do traço entre forte e frágil; c) figuras pictográficas elementares com diferentes formas para distinção de género e idade; d) 1º quadrante; e) esq/direita	a) Figuras pictográficas elementares com diferença de género e de proporção; b) Desenhou a mãe, o irmão, a si mesmo e ao pai c) e d) desenho do tipo Racional	a) Valorização dos pais, sendo a mãe desenhada em 1º lugar e o pai em último; b) não se aplica; c) distância comum entre personagens; d) representa-se ao lado do seu pai; e) n se aplica; f) Existe o reconhecimento do pai como membro familiar, estando a V. mais próxima dele.	

## Apêndice J - Desenhos e Análises da Dupla Lua por Participante

Figura 9.3. Dupla Lua de A.F.



### Quadro 9.2

*Análise da Dupla Lua de A.F.*

---

#### Elementos Gráficos

**Tipologia dos símbolos:** Representa-se através de um círculo, figura geométrica sugerida na 1ª instrução. Os restantes símbolos são pictográficos convencionais;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Heterogeneidade no tamanho do símbolo do irmão em relação aos outros e do tamanho de letra do seu nome, sendo maior do que e as restantes;

**Disposição dos elementos no retângulo:** Inicia o desenho no canto superior esquerdo e coloca os outros elementos afastados, em linha com o seu, mas no quadrante superior seguinte. Todo o desenho está dentro do retângulo;

**Elementos desenhados espontaneamente:** Desenha o pai à sua direita e depois a mãe;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Não desenhou o irmão espontaneamente, tendo-o representado aquando a instrução 4;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** A sua figura está mais próxima da do irmão, mas como ele foi desenhado posteriormente há que considerar o espaço que estava disponível, tendo-se desenhado separada dos restantes elementos da família, encontrando-se estes próximos uns dos outros. Todos os símbolos foram desenhados no mesmo nível;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** desenha um limite englobando todas as pessoas.

---

#### Representação de Fronteiras

**Fronteira Individual:** A grande distância entre o seu símbolo e os restantes pode indicar separação emocional;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** O tamanho inferior do símbolo do irmão e a representação dos símbolos sem variação de nível podem indicar uma certa ambivalência na definição de hierarquias;

---

#### Representação das Pertenças

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Incluiu-se no conjunto único que engloba os seus familiares, havendo reconhecimento da pertença familiar;

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Não representou símbolos de membros da família alargada;

**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** Não representou símbolos de elementos extrafamiliares

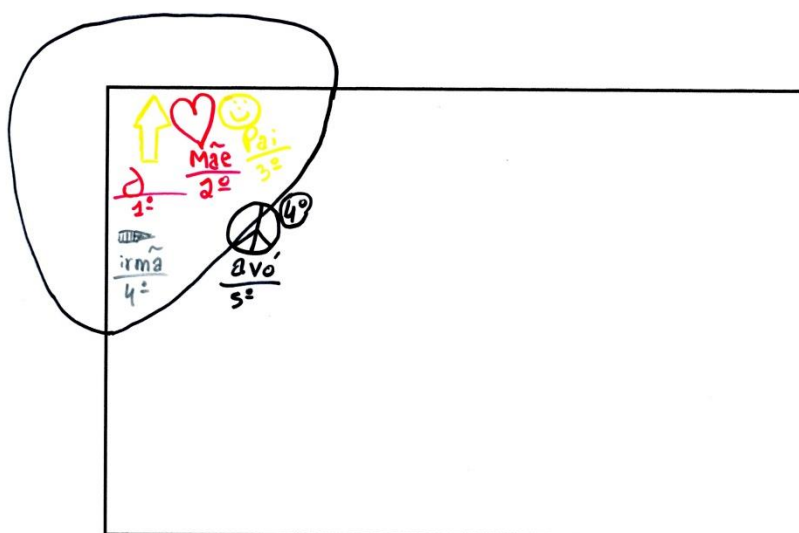
---

#### Conflito de pertença

**Presença dos polos de conflito:** Representação dos dois polos de conflito;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica Integrativa de Conjunto Único

**Figura 9.4.** Dupla Lua de A.



### Quadro 9.3

#### *Análise da Dupla Lua de A.*

---

#### Elementos Gráficos

**Tipologia dos símbolos:** Símbolos pictográficos, não convencionais para se representar a si mesmo, irmã e avó, e convencionais para representar a mãe e o pai;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Existe heterogeneidade no tamanho do símbolo da irmã em relação ao dos outros elementos;

**Disposição dos elementos no retângulo:** Apenas utilizou o primeiro quadrante do interior do retângulo para representar 5 pessoas, tendo-se representado no canto e a mãe, o pai e a irmã junto ao limite do retângulo.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Desenhou a mãe, o pai e a irmã;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Desenhou a avó na instrução 4;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** O símbolo da mãe está entre o símbolo do A. e do pai, sendo a proximidade entre estes muito grande, estando quase juntos. A irmã e a avó encontram-se abaixo de si;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** envolve a mãe, a irmã e o pai num só limite, representando a avó no meio-termo, em cima do limite, com metade do símbolo dentro da família, e a outra metade fora.

---

#### Representação de Fronteiras

**Fronteira Individual:** A grande proximidade entre os símbolos da mãe e do A. sugere a possível existência de fusão entre estes elementos;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** A representação dos símbolos da mãe e do pai no mesmo nível e da avó num nível abaixo, em conjunto com o símbolo da irmã representado com menor dimensão podem sugerir uma ambivalência na definição das fronteiras geracionais e das hierarquias.

---

#### Representação das Pertencas

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Incluiu-se no conjunto único que engloba os seus familiares, havendo reconhecimento da pertença familiar;

**Fronteiras intra-sistêmicas e estruturas triangulares:** Representou um símbolo de um membro da família alargada, a avó paterna;

**Fronteiras inter-sistêmicas e relação com o estranho:** Não representou símbolos de elementos extrafamiliares

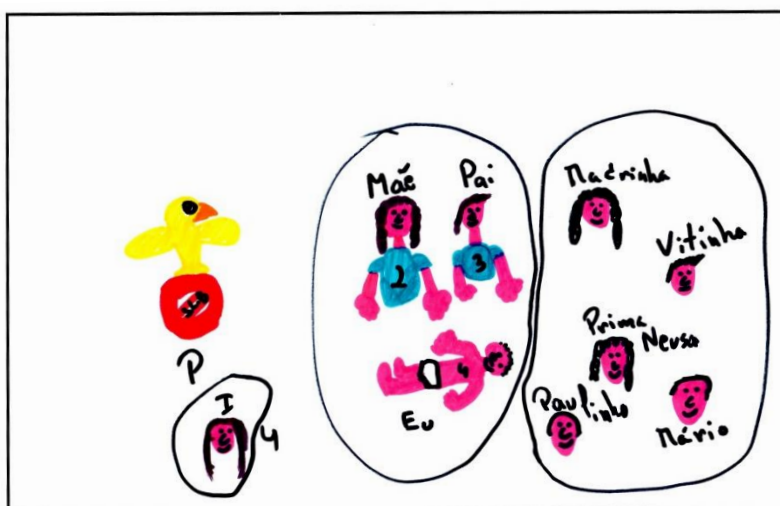
---

#### Conflito de pertença

**Presença dos polos de conflito:** Representa ambos os polos de conflito;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica Integrativa de Conjunto Único

**Figura 9.5.** Dupla Lua de P.



### Quadro 9.4

#### *Análise da Dupla Lua de P.*

---

#### Elementos Gráficos

**Tipologia dos símbolos:** Símbolos pictográficos, sendo o primeiro que desenhou para se representar não convencional. Na 2ª instrução representou-se novamente com outro símbolo, pictográfico convencional;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Existe heterogeneidade no tamanho dos desenhos, sendo o 1º desenho o maior, seguindo pelo da mãe, do pai e do seu 2º símbolo, com ligeiras variações de tamanho. Todos os outros têm dimensão mais pequena e semelhante entre eles;

**Disposição dos elementos no retângulo:** Usou o interior do retângulo, deixando quase todo o 1º quadrante vazio.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Por ordem desenhou a mãe, o pai, a si novamente, a madrinha, primos e o namorado da prima;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Desenhou a sua irmã na instrução 4; Posição e distância em relação aos elementos da família: O seu 1º símbolo está acima e próximo do da irmã. O 2º símbolo está abaixo e próximo do dos pais;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Desenha 3 limites. No primeiro engloba o seu 2º símbolo com os pais, no segundo a família alargada e no 3º e na instrução 4 quando desenhou a irmã, envolveu-a sozinha noutro limite.

---

#### Representação de Fronteiras

**Fronteira Individual:** A distância interpessoal representada aponta para a presença de diferenciação entre si e a sua família;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** A posição do seu 2º símbolo num nível inferior ao símbolo dos pais e no mesmo nível em relação ao 1º símbolo sugere que possa haver ambiguidade na definição das fronteiras geracionais e das hierarquias. Fronteiras familiares e pertença familiar:

Incluiu-se com o 2º símbolo num conjunto familiar também composto pela mãe e pelo pai, mas deixou o 1º símbolo e o símbolo da irmã de fora, envolvendo-a num limite individual. Estes elementos podem sugerir a presença de uma dificuldade na definição das fronteiras e pertenças familiares;

---

#### Representação das Pertenças

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Representou os primos e a madrinha mas desconhecemos a estirpe de qual provêm.

**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** Representou o namorado da prima como elemento de relação com o sistema social.

---

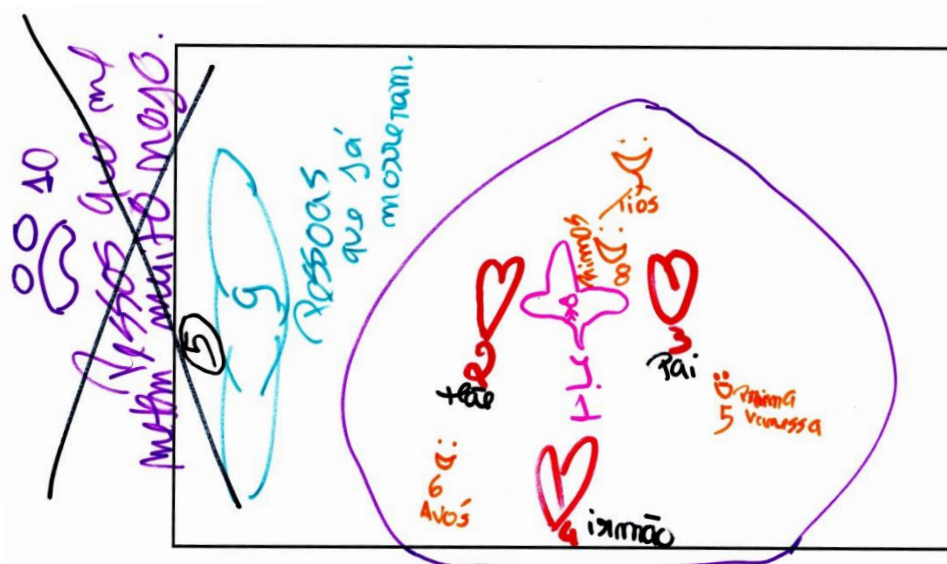
#### Conflito de pertença

**Presença dos polos de conflito:** Foram representados ambos os polos de conflito;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica Integrativa de Duplicação do Sujeito.

---

**Figura 9.6.** Dupla Lua de J.



**Quadro 9.5**

*Análise da Dupla Lua de J.*

---

#### Elementos Gráficos

---

**Tipologia dos símbolos:** Símbolos pictográficos convencionais para se representar a si, à mãe, pai e irmão e não convencionais para representar os avós, os primos, a prima e os tios. Usou também símbolos abstratos não convencionais para desenhar um conjunto de pessoas que faleceram e um conjunto de pessoas com quem não se dá bem;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Há heterogeneidade no tamanho dos símbolos. O seu símbolo, o da mãe, do pai e irmão, têm uma dimensão semelhante. Os símbolos da família alargada são mais pequenos do que os da família nuclear e os símbolos representativos do conjunto de pessoas que faleceram e o conjunto das pessoas com quem tem relações de conflito são maiores do que os da família nuclear;

**Disposição dos elementos no retângulo:** Uso de uma parte do exterior do retângulo e quase a totalidade do interior. Coloca-se no centro, com a mãe à esquerda e o pai à direita, irmão abaixo, símbolo de “pessoas que já morreram” próximo do limite do retângulo e “pessoas que me metem muito nojo” fora do retângulo.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Por ordem, desenhou a mãe, o pai, o irmão e na instrução 3 desenhou a prima Vanessa, os avós, os tios e primos. Na indicação 4, desenha as pessoas que já faleceram, onde diz incluir um amigo da família, o Sr. Pinheiro, um primo, um avô e avó que não conheceu e um outro tio que também não conheceu. Desenhou também as pessoas que me metem mesmo muito nojo com uma cara triste, que são alguns rapazes que mal conhece, um ou outro professor, um ou outro familiar, sendo este um primo;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Representou na instrução 4 o símbolo das “pessoas que já morreram” de onde fazem parte um amigo próximo dos pais, um primo, avós e tios, familiares que não conheceu e que não conseguimos determinar de qual das estirpes pertenciam. Representou também um conjunto de pessoas num símbolo que denominou de “pessoas que me metem muito nojo”, constituído por colegas, professores e um primo que também não conseguimos discriminar quem sejam ou de que estirpe pertence;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** Representou-se próxima das pessoas da família, estando no meio dos pais e o irmão por baixo. Os avós maternos, tios, prima e primos circundam-na;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Todos os elementos da família e família alargada são incluídas no mesmo limite familiar.

---

#### Representação de Fronteiras

---

**Fronteira Individual:** A distância interpessoal representada aponta para a presença de diferenciação entre si e a sua família;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** A posição do símbolo dos pais ao mesmo nível que o seu e a dimensão semelhante entre estes símbolos, em conjunto com os símbolos de menor dimensão das pessoas da família alargada de gerações mais velhas podem indicar dificuldade na definição de fronteiras geracionais e hierarquias.

---

### **Representação das Pertenças**

---

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Incluiu-se num conjunto único formado por si, pela sua família nuclear e pela família alargada, sugerindo o reconhecimento da pertença familiar e ao mesmo tempo assinalando uma possível dificuldade na diferenciação das fronteiras de família de origem e alargada;

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Desenhou tios, primos e avós, elementos da estirpe materna e dois símbolos que representam conjuntos de pessoas das quais faziam parte elementos da família alargada, dos quais apenas conseguimos identificar os avós da estirpe paterna, desconhecendo a pertença do primo e dos tios;

**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** O símbolo das “pessoas que já morreram” incluía um amigo da família e o das “pessoas que me metem muito nojo” englobam elementos do relacionamento extrafamiliar.

---

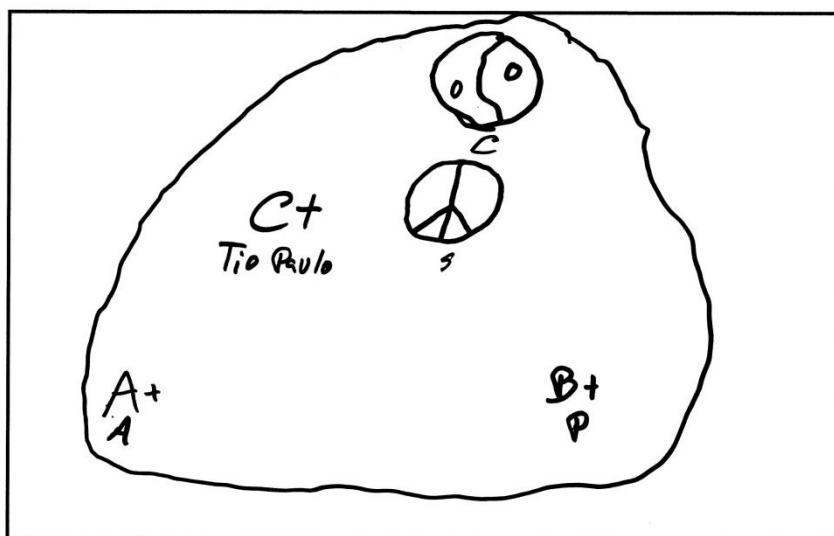
### **Conflito de pertença**

---

**Presença dos polos de conflito:** Presença de ambos os progenitores no desenho, englobados no mesmo conjunto familiar;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica Integrativa Com Inclusão de Elementos da Família Alargada.

**Figura 9.7.** Dupla Lua de S.



**Quadro 9.6**

*Análise da Dupla Lua de S.*

---

#### Elementos Gráficos

**Tipologia dos símbolos:** Símbolos não convencionais, usando letras, semelhantes aos sistema de classificação escolar americano para a mãe, o pai e um tio (a+, b+ e c+ respectivamente: e o símbolo da paz para se representar a si mesmo e o símbolo de yin e yang para representar a irmã, portadora de multideficiência;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** O seu símbolo e da sua irmã têm sensivelmente a mesma dimensão, sendo os outros mais pequenos, evidenciando heterogeneidade; Disposição dos elementos no retângulo: Uso do interior do retângulo.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Desenhou por ordem a irmã, a mãe, e o pai;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Na instrução 4 desenhou o tio;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** Encontra-se ligeiramente acima do centro do retângulo, com a irmã acima dele, e abaixo, em quadrantes opostos a mãe e o pai;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Engloba toda a gente no mesmo círculo

---

#### Representação de Fronteiras

**Fronteira Individual:** A distância interpessoal representada aponta para a presença de diferenciação entre si e a sua família;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** A posição do seu símbolo num nível acima do dos seus pais e por colocar o símbolo da irmã num nível acima poderá indicar uma dificuldade na definição das fronteiras familiares.

---

#### Representação das Pertenças

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Incluiu-se no conjunto único que engloba os seus familiares, havendo reconhecimento da pertença familiar;

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Existe a referência a um tio sem podermos precisar a qual das estirpes pertence;

**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** Não há referência a elementos extrafamiliares

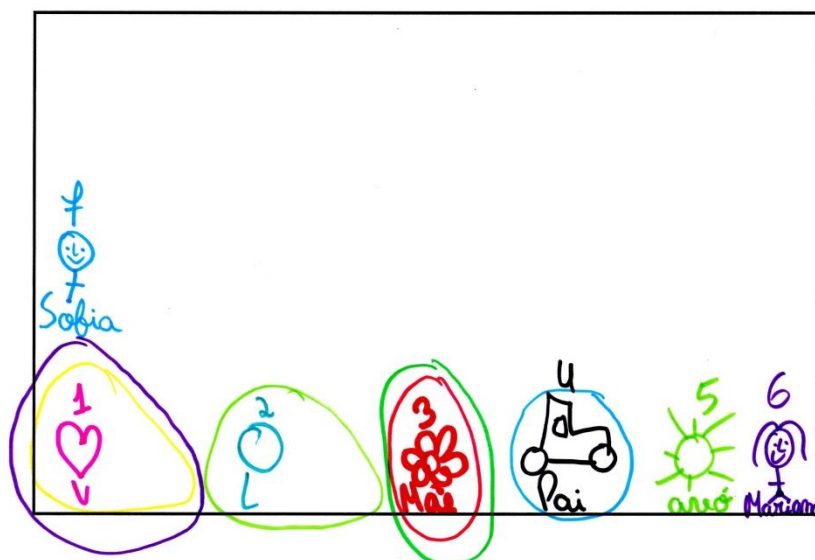
---

#### Conflito de pertença

**Presença dos polos de conflito:** Presença dos 2 polos de conflito;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica Integrativa Com Inclusão de Elementos da Família Alargada.

**Figura 9.8.** Dupla Lua de V.



### Quadro 9.7

#### *Análise da Dupla Lua de V.*

---

#### Elementos Gráficos

**Tipologia dos símbolos:** Símbolos convencionais pictográficos e um símbolo não convencional para representar o pai;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Homogeneidade na dimensão dos símbolos;

**Disposição dos elementos no retângulo:** Uso do interior do retângulo, utilizando o 3º e 4º quadrantes.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Por ordem desenhou o irmão, a mãe, o pai, a avó, e duas amigas;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Todos os elementos foram desenhados espontaneamente;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** Encontra-se mais próxima do irmão, depois a mãe, o pai e a avó. Na instrução 4 desenhou a Sofia que está imediatamente acima dela;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Desenhou um círculo para cada símbolo da sua família nuclear. Envolveu em 2 círculos o símbolo da mãe e depois o seu.

---

#### Representação de Fronteiras

**Fronteira Individual:** A distância interpessoal representada aponta para a presença de diferenciação entre si e a sua família;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** A posição do símbolo dos pais e da avó no mesmo nível do que o seu, indica a dificuldade na definição das fronteiras geracionais e hierarquia de papéis.

---

#### Representação das Pertencas

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Não se engloba em nenhum conjunto familiar, logo não há reconhecimento da pertença familiar;

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Representa uma avó como elemento da família alargada;

**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** Representa 2 amigas como evidência de que as fronteiras intersistémicas permitem a relação com o sistema social.

---

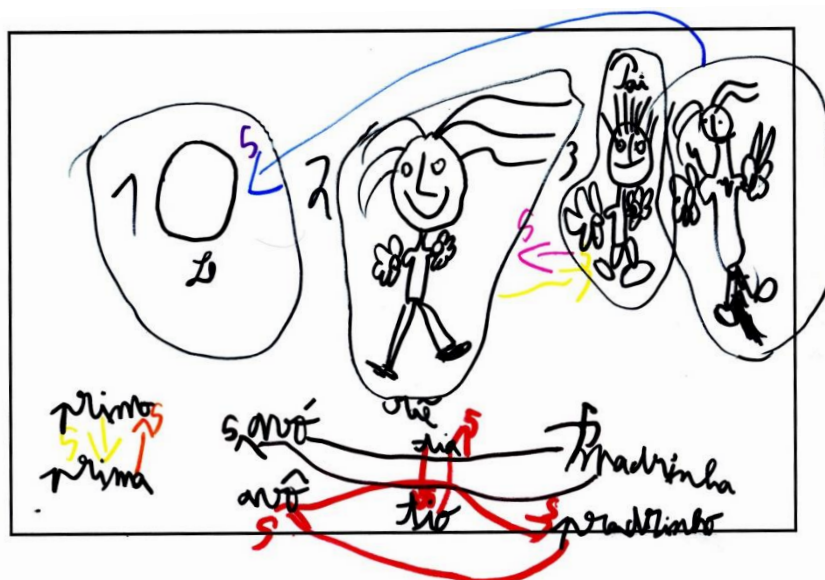
#### Conflito de pertença

**Presença dos polos de conflito:** Desenha ambos os polos de conflito;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica Não Integrativa de Uma Família para cada Pessoa.

---

**Figura 9.9.** Dupla Lua de L.



**Quadro 9.8**

*Análise da Dupla Lua de L.*

#### Elementos Gráficos

**Tipologia dos símbolos:** Símbolos convencionais pictográficos e utilização de palavras para indicar pessoas;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Existe alguma heterogeneidade, pois representou o símbolo da mãe maior que o seu e o símbolo do pai e da irmã menor;

**Disposição dos elementos no retângulo:** Todos os símbolos estão dentro do retângulo, ocupando quase toda essa zona. Representou o seu símbolo no 1º quadrante, a mãe no centro do interior do retângulo e o pai e a irmã no 2º quadrante. Na parte inferior escreveu os nomes para representar os restantes elementos.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Desenha a mãe, o pai e a irmã;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Com a instrução 4 incluiu primos, avós, tios e padrinhos, escrevendo estes nomes;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** Desenhou a mãe mais próxima de si e a irmã mais afastada, estando entre estas figuras o pai. Abaixo de si tem todos os elementos representados na instrução 4;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Desenha 4 limites individuais para cada um dos elementos da família nuclear.

#### Representação de Fronteiras

**Fronteira Individual:** A distância interpessoal representada aponta para a presença de diferenciação entre si e a sua família;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** A dimensão maior e menor do símbolo da mãe e pai respetivamente, sendo inclusive o símbolo do pai mais pequeno do que o da irmã, pode sugerir alguma ambivalência na definição das fronteiras geracionais e hierarquia de papéis.

#### Representação das Pertencas

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Não se engloba em nenhum conjunto familiar, logo não há reconhecimento da pertença familiar;

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Elencou elementos da sua família alargada dos quais desconhecemos a qual das estirpes pertencem;

**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** Não representou símbolos de elementos extrafamiliares.

#### Conflito de pertença

**Presença dos polos de conflito:** Representou ambos os polos de conflito;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica Não Integrativa de Uma Família para cada Pessoa.

**Figura 9.10.** Dupla Lua de M.



**Quadro 9.9**

*Análise da Dupla Lua de M.*

#### Elementos Gráficos

**Tipologia dos símbolos:** Símbolos pictográficos convencionais;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Existe homogeneidade na dimensão dos elementos;

**Disposição dos elementos no retângulo:** Utiliza quase na totalidade o interior do interior do retângulo, deixando apenas um reduzido espaço no canto superior esquerdo, tendo representado um número de símbolos qual possa ser considerado elevado, 21 no total. Desenhou-se no canto superior direito, a mãe e o pai ao centro e os avós acima e abaixo dos pais.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Por ordem desenhou a mãe, o pai, um ao lado do outro, seguindo-se a família alargada e por fim amigas/as;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Todos os elementos foram desenhados espontaneamente;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** Desenhou-se distante do centro onde se encontra a mãe e o pai;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Desenhou limites individuais para cada elemento, exceto as amigas que não foram englobadas em nenhum.

#### Representação de Fronteiras

**Fronteira Individual:** A distância interpessoal representada aponta para a presença de diferenciação entre si e a sua família;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** A posição do seu símbolo num nível superior ao dos pais e a dimensão semelhante entre eles sugere uma dificuldade na definição das fronteiras geracionais e hierarquias.

#### Representação das Pertenças

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Não se engloba em nenhum conjunto familiar, logo não há reconhecimento da pertença familiar;

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Representou como elementos da família alargada os avós maternos e paternos e os tios, tias, primos e primas que não conseguimos identificar de qual das estirpes provêm;

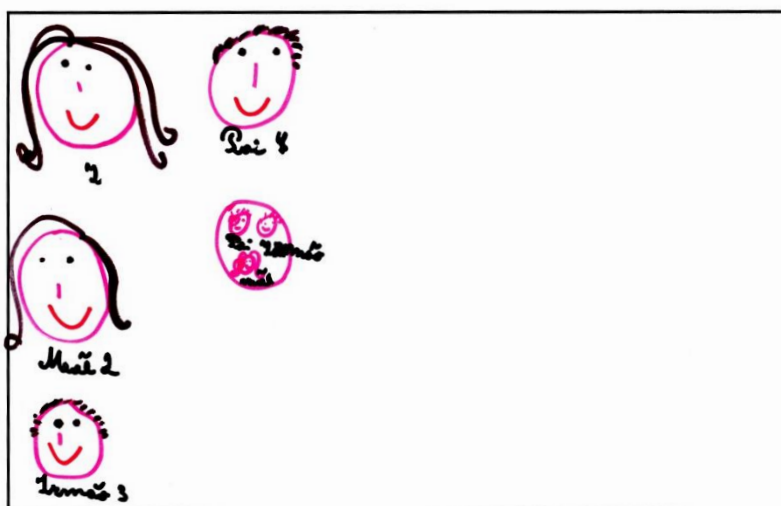
**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** Representou 2 amigas como símbolos de elementos extrafamiliares revelando que as fronteiras intersistémicas permitem a relação com o sistema social.

#### Conflito de pertença

**Presença dos polos de conflito:** Presença de ambos os polos de conflito e do desejo verbalizado da reunião da família;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica Não Integrativa de Uma Família para cada Pessoa.

**Figura 9.11.** Dupla Lua de I.



### **Quadro 9.10**

*Análise da Dupla Lua de I.*

---

#### **Elementos Gráficos**

**Tipologia dos símbolos:** Símbolos pictográficos convencionais;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Existe heterogeneidade porque o irmão aparece representado com um símbolo ligeiramente mais pequeno em relação aos outros. O conjunto familiar é de dimensão inferior ao resto dos símbolos;

**Disposição dos elementos no retângulo:** Uso da margem esquerda do retângulo. Representou-se no canto superior esquerdo, a mãe por baixo, o pai à sua direita e o irmão no canto inferior esquerdo.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Desenha espontaneamente a sua mãe, o irmão e o pai;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Todos os elementos foram desenhados espontaneamente;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** mais próxima da mãe e do pai, desenhando-os em 2º e 4º lugar. Encontra-se mais afastada do irmão;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Traçou um limite e dentro dele desenhou novamente a figura dos pais e do irmão, mas não se incluiu nele.

---

#### **Representação de Fronteiras**

**Fronteira Individual:** A distância interpessoal representada aponta para a presença de diferenciação entre si e a sua família;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** O tamanho e a posição do seu símbolo ao mesmo nível e num nível superior relativamente aos símbolos dos pais, em conjunto com o símbolo do irmão com uma dimensão menor em comparação à dos pais, poderá indicar uma ambiguidade na definição de fronteiras geracionais e hierarquias.

---

#### **Representação das Pertenças**

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Não se engloba em nenhum conjunto familiar, logo não há reconhecimento da pertença familiar;

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Não representou símbolos de elementos da família alargada;

**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** Não representou símbolos de elementos extrafamiliares.

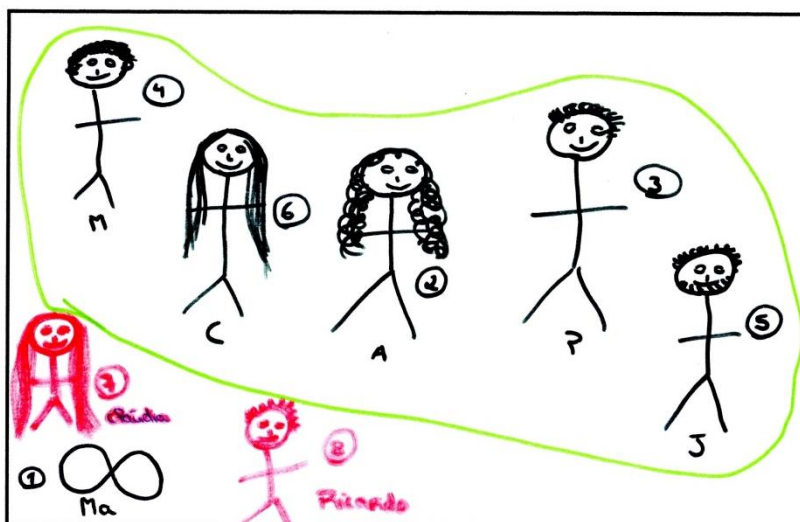
---

#### **Conflito de pertença**

**Presença dos polos de conflito:** Presença de ambos os polos de conflito num só limite;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica Não Integrativa de Isolamento do Sujeito.

Figura 9.12. Dupla Lua de Ma.



### Quadro 9.11

*Análise da Dupla Lua de Ma.*

---

#### Elementos Gráficos

**Tipologia dos símbolos:** Símbolo abstrato não convencional para se representar e símbolos pictográficos convencionais para os restantes símbolos;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Existe heterogeneidade na dimensão dos símbolos, sendo o seu o mais pequeno. O símbolo do pai é o maior, seguindo-se o da mãe, avó, tio e da irmã. Os símbolos dos amigos são mais pequenos.

**Disposição dos elementos no retângulo:** Representou-se no canto inferior esquerdo, a irmã no centro no meio dos pais, a avó acima e o tio no 4º quadrante. O desenho foi todo realizado no interior do retângulo.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Por ordem desenhou a irmã, o pai, a avó, o tio, a mãe, a amiga e o amigo;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Todos os elementos foram desenhados espontaneamente;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** Encontra-se abaixo de todos os símbolos desenhados à exceção de um amigo que está ao lado. A avó (cuidadora: está alinhada acima de si. A participante está mais próxima dos amigos, depois da mãe, depois da avó e da irmã, depois do pai e o elemento mais afastado é o tio;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Desenha um limite onde engloba todos os familiares, exceto a si mesma.

---

#### Representação de Fronteiras

**Fronteira Individual:** A distância interpessoal acentuada entre si e a sua família pode indicar uma separação emocional;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** A posição dos símbolos dos pais, da avó e do tio num nível superior ao seu pode indicar a compreensão da hierarquia de papéis e delimitação de fronteiras geracionais.

---

#### Representação das Pertenças

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Não se engloba em nenhum conjunto familiar, logo não há reconhecimento da pertença familiar;

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Representou a avó e um tio materno como elementos da família alargada;

**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** Representou dois amigos como elementos extrafamiliares revelando que as fronteiras intersistémicas permitem a relação com o sistema social.

---

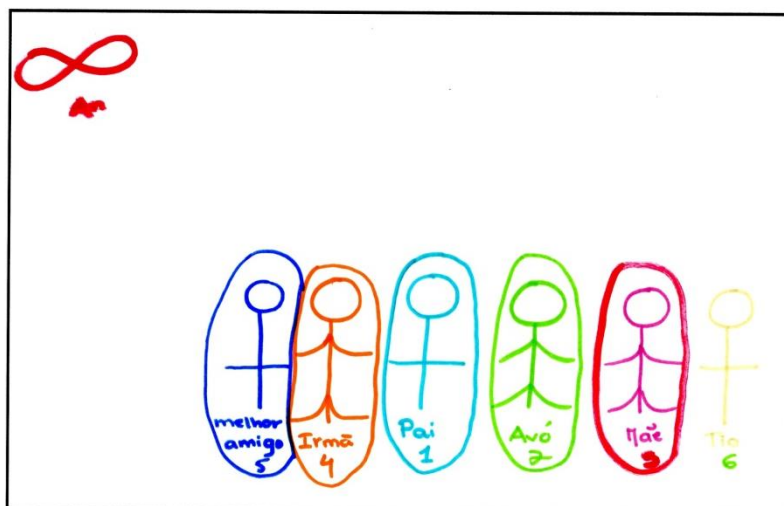
#### Conflito de pertença

**Presença dos polos de conflito:** Representou ambos os polos de conflito;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica Não Integrativa de Isolamento do Sujeito.

---

**Figura 9.13. Dupla Lua de An.**



**Quadro 9.12**

*Análise da Dupla Lua de An.*

---

#### **Elementos Gráficos**

**Tipologia dos símbolos:** Símbolos não convencionais, abstrato para se representar a si, pictográficos incompletos para representar os restantes elementos;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Heterogeneidade entre o tamanho do seu símbolo e os restantes;

**Disposição dos elementos no retângulo:** Coloca o seu símbolo no canto superior esquerdo. Afastados de si, mais abaixo e do centro para a esquerda representa os outros elementos. Todo o desenho está dentro do retângulo.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Desenha a família de origem, dois elementos da família alargada e um melhor amigo. Por ordem desenhou o pai, a avó, a mãe, a irmã, o melhor amigo e o tio;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Todos os elementos foram desenhados espontaneamente;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** Encontra-se distante de todos os elementos sendo a pessoa mais próxima o melhor amigo, depois a irmã, o pai, a avó, a mãe e o tio mais afastado. O seu símbolo encontra-se acima dos restantes;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Desenha um limite para cada um dos elementos, à exceção do seu próprio símbolo e do seu tio.

---

#### **Representação de Fronteiras**

**Fronteira Individual:** A grande distância entre o seu símbolo e os restantes pode indicar separação emocional;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** A posição do seu símbolo num nível acima dos pais, avó, tio e irmã, pode indicar uma dificuldade na definição de fronteiras geracionais, sugerindo eventual inversão das hierarquias.

---

#### **Representação das Pertencas**

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Não se engloba em nenhum conjunto familiar, logo não há reconhecimento da pertença familiar;

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Representou dois símbolos de membros da família alargada, a avó paterna e o tio materno;

**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** Representou um símbolo de um elemento extrafamiliar, o melhor amigo.

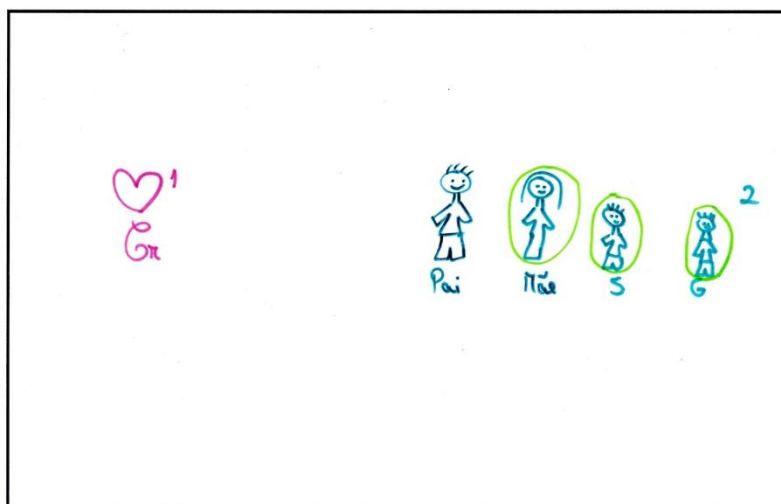
---

#### **Conflito de pertença**

**Presença dos polos de conflito:** Desenha ambos os polos de conflito;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica não integrativa de Isolamento do Sujeito e de Uma Família para Cada Pessoa

**Figura 9.14.** Dupla Lua de Cr.



**Quadro 9.13**

*Análise da Dupla Lua de Cr.*

---

#### Elementos Gráficos

---

**Tipologia dos símbolos:** Símbolos pictográficos convencionais;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Homogeneidade na dimensão dos símbolos;

**Disposição dos elementos no retângulo:** Símbolo próprio representado na esquerda ao centro e os restantes à direita, deixando o centro vazio. O desenho foi realizado na sua totalidade dentro do retângulo

**Elementos desenhados espontaneamente:** Por ordem desenhou o irmão intermédio, o mais novo, a mãe e por fim o pai;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Todos os elementos foram desenhados espontaneamente;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** Representou-se distante dos restantes elementos da família;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Representou um limite à volta da mãe, outro à volta do irmão mais novo, e outro à volta do irmão intermédio. Não incluiu o seu símbolo em nenhum círculo, nem o do seu pai.

---

#### Representação de Fronteiras

---

**Fronteira Individual:** A grande distância entre o seu símbolo e os restantes pode indicar separação emocional;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** O tamanho inferior do símbolo dos irmãos e a representação dos símbolos dos pais sem variação de nível podem indicar uma certa ambivalência na definição de hierarquias.

---

#### Representação das Pertenças

---

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Não se engloba em nenhum conjunto familiar, logo não há reconhecimento da pertença familiar;

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Não representou símbolos de membros da família alargada;

**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** Não representou símbolos de elementos extrafamiliares.

---

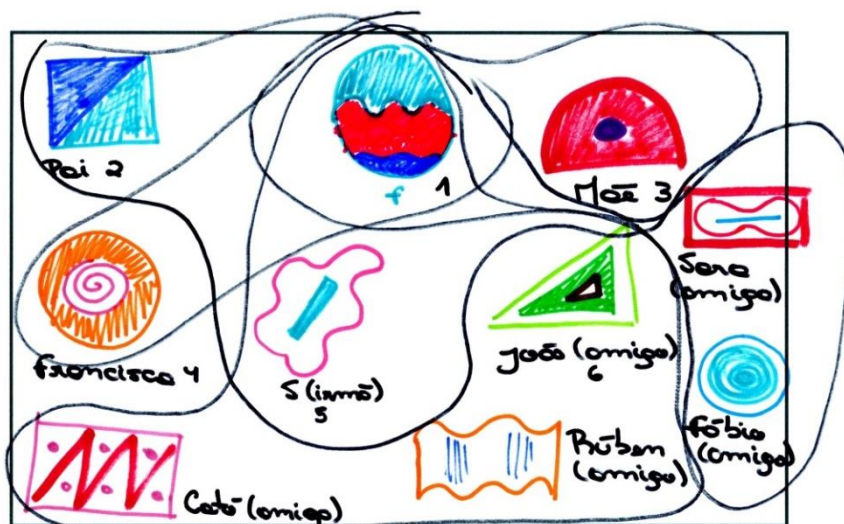
#### Conflito de pertença

---

**Presença dos polos de conflito:** Representou ambos os polos de conflito;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Mod. Gráfica Não Integrativa de Isolamento do Sujeito, com uma Família para cada Pessoa e com a Exclusão do Pai.

**Figura 9.15.** Dupla Lua de F.



**Quadro 9.14**

*Análise da Dupla Lua de F.*

---

### Elementos Gráficos

**Tipologia dos símbolos:** Símbolos abstratos não convencionais;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Heterogeneidade no tamanho do símbolo do pai em relação ao seu, ao da mãe e da meia-irmã, sendo o 1º mais pequeno. Os símbolos dos amigos variam pouco na sua dimensão;

**Disposição dos elementos no retângulo:** Uso de todo o interior do retângulo, populado com 10 símbolos e quase sem espaços em branco. O pai aparece representado no canto superior esquerdo e sendo o 2º símbolo representado, pode ser um dado importante.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Desenhou o pai, a mãe, uma amiga, depois a meia-irmã, e depois outros amigos;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Todos os elementos foram desenhados espontaneamente; Posição e distância em relação aos elementos da família: Desenhou-se na parte superior do retângulo ao centro. O pai foi desenhado no canto esquerdo, e entre ele e o desenho da F. existe um vazio, relevando uma certa distância. A mãe foi representada à sua direita, sendo a distância entre elas igual aquela entre si e a sua meia-irmã;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** desenha 4 limites – (1: consigo, pai, mãe e meia-irmã; (2: com uma amiga e consigo; (3: com 3 amigos rapazes e consigo, colocando a meia-irmã por engano; (4: com um amigo, amiga e consigo.

---

### Representação de Fronteiras

**Fronteira Individual:** A distância interpessoal representada aponta para a presença de diferenciação entre si e a sua família;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** A representação dos símbolos da mãe e do pai no mesmo nível e a menor dimensão do símbolo do pai sugerem uma dificuldade na definição das fronteiras geracionais e das hierarquias.

---

### Representação das Pertenças

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Incluiu-se num conjunto único com o pai, mãe e meia-irmã, apesar desta não ter relação com o pai. Desenha ainda mais 3 conjuntos familiares compostos por amigos, o que nos indica a possibilidade de haver dificuldade na definição das fronteiras familiares;

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Não representou símbolos de elementos da família alargada;

**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** Existe uma forte presença de elementos extra familiares (6 em 10; englobados em conjuntos familiares.

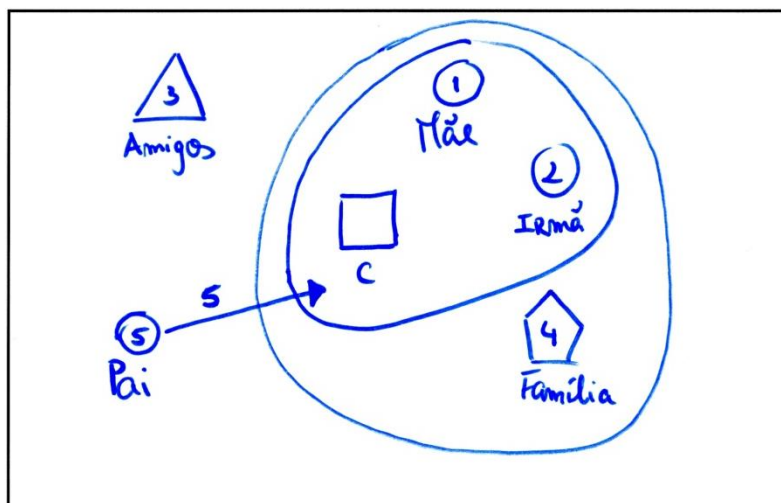
---

### Conflito de pertença

**Presença dos polos de conflito:** Presença de ambos os polos de conflito num só limite;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modelo Gráfico Não Integrativo Com Inclusão de Elementos Extrafamiliares

**Figura 9.16.** Dupla Lua de C.



**Quadro 9.15**

*Análise da Dupla Lua de C.*

---

#### Elementos Gráficos

**Tipologia dos símbolos:** Símbolos geométricos convencionais;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Os símbolos do pai, mãe e irmã são ligeiramente mais pequenos do que os restantes, indicando heterogeneidade no tamanho; Disposição dos elementos no retângulo: Uso do interior do retângulo, colocando o seu símbolo no centro.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Desenhou a mãe, a irmã, amigos, um símbolo para representar a restante família e por fim o pai;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Todos os elementos foram desenhados espontaneamente;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** Encontra-se mais próximo da mãe, depois da irmã, depois da família, depois dos amigos e o pai é quem está mais distante. A progressão crescente das distâncias é ligeira, sendo a variação entre o mais próximo e o mais distante de cerca de 2cm.

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Desenha um limite se engloba o seu símbolo, o da mãe e o da irmã e outro limite que engloba estes e o símbolo da família alargada

---

#### Representação de Fronteiras

**Fronteira Individual:** A distância interpessoal representada aponta para a presença de diferenciação entre si e a sua família;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** A posição do símbolo da mãe acima do seu e dos símbolos do pai e da família alargada abaixo, podem indicar uma certa ambiguidade na definição das hierarquias.

---

#### Representação das Pertenças

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Incluiu-se num conjunto familiar composto pela mãe e irmã e outro com estes e a família alargada, indicando que existe o reconhecimento de pertença familiar;

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Representou um símbolo que faz referência à família alargada sem discriminar os elementos;

**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** Representou um símbolo que faz referência ao conjunto de amigos, sem discriminar os elementos.

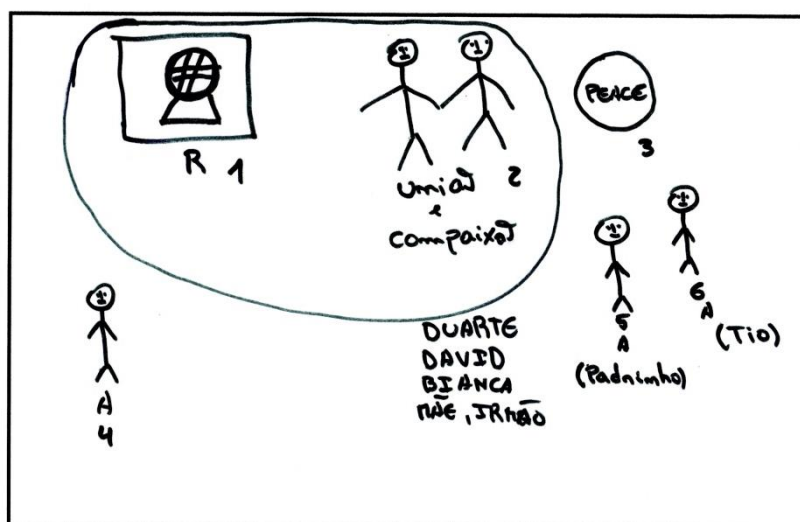
---

#### Conflito de pertença

**Presença dos polos de conflito:** Presença dos dois polos, com manobra de diversão do conflito ao colocar o pai fora do retângulo;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica Não Integrativa de Posicionamento a Favor da Mãe e de Exclusão do Pai.

**Figura 9.17.** Dupla Lua de R.



**Quadro 9.16**

*Análise da Dupla Lua de R.*

#### Elementos Gráficos

**Tipologia dos símbolos:** Desenha-se a si com um símbolo não convencional abstrato. Representou os restantes elementos com símbolos pictográficos convencionais;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Existe heterogeneidade na dimensão sendo o símbolo maior o da união e compaixão, depois o seu, depois o “peace” e por fim o tio, padrinho e o pai;

**Disposição dos elementos no retângulo:** Usou a maior parte do interior do retângulo.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Por ordem, desenhou o símbolo “união e compreensão” que compreende o Duarte, o David, a Bianca, a mãe e o irmão, depois desenhou outro símbolo para representar o conceito de paz, em 4º desenhou o António (que é o pai.; depois o padrinho e o tio;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Todos os elementos foram desenhados espontaneamente;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** Representou próximo e à sua esquerda o conjunto união e compreensão que compreende o irmão, a mãe e os amigos, e abaixo representou o pai, também próximo de si. Mais distante estão o tio e padrinho;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Desenhou apenas um limite que o engloba a si, à mãe, ao irmão e aos amigos. Ficam de fora o padrinho e o tio, e o pai.

#### Representação de Fronteiras

**Fronteira Individual:** A distância interpessoal representada aponta para a presença de diferenciação entre si e a sua família;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** A posição do seu símbolo no mesmo nível do que aquele que representa a sua mãe, e num nível inferior em relação ao do símbolo do pai, pode indicar dificuldade na definição das fronteiras geracionais e hierarquias.

#### Representação das Pertencas

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Incluiu-se num conjunto único que engloba a sua mãe, o irmão e 3 amigos e não inclui o pai nesse limite, podendo indicar uma dificuldade na definição das fronteiras e pertencas familiares.

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Representou o tio e o padrinho da estirpe materna;

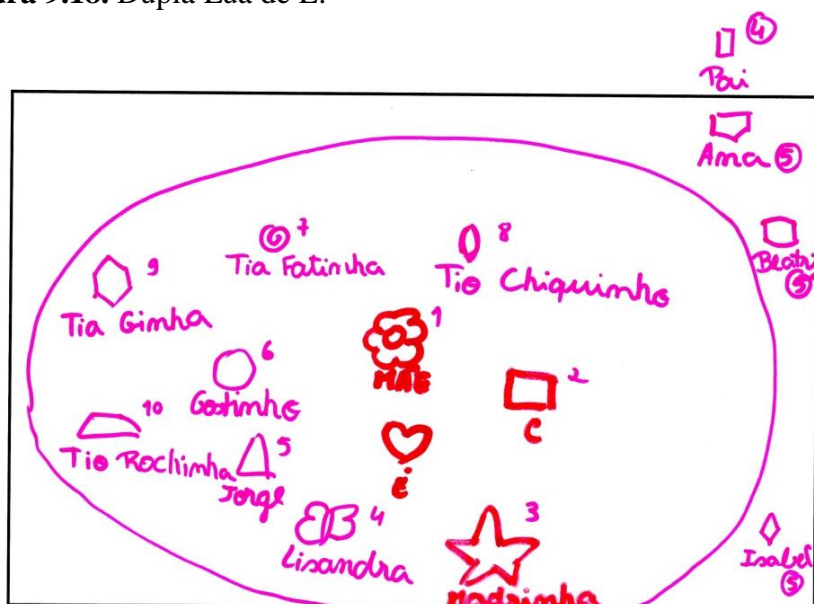
**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** Desenhou um símbolo que representa 3 amigos que discriminou, indicando que as fronteiras intersistémicas permitem a relação com o sistema social

#### Conflito de pertença

**Presença dos polos de conflito:** Representa os polos de conflito;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modelo Não Integrativo de Posicionamento a Favor da Mãe.

**Figura 9.18.** Dupla Lua de E.



**Quadro 9.17**

*Análise da Dupla Lua de E.*

#### Elementos Gráficos

**Tipologia dos símbolos:** Símbolos pictográficos convencionais para se representar a si, à sua mãe e madrinha e uma prima, sendo os restantes símbolos figuras geométricas convencionais;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Os símbolos da mãe, do irmão, da madrinha e o seu são um pouco maiores do que o resto, e escreveu mãe com letras maiúsculas, verificando-se heterogeneidade no tamanho dos símbolos;

**Disposição dos elementos no retângulo:** usou a maior parte do interior do retângulo, e desenhou o pai na parte exterior.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Desenhou a mãe, o irmão, a madrinha, primos e primas, e tios e tias;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Não desenhou o pai e umas amigas que viria a desenhar na 4ª e 5ª instruções respetivamente;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** Desenha a mãe acima do seu símbolo no centro do retângulo, o irmão ligeiramente acima e ao lado de si, a madrinha abaixo do seu símbolo e ligeiramente ao lado e o pai afastado, fora do retângulo. Desenha também diversas pessoas da família alargada, posicionadas sob uma forma que parece aleatória, uns acima, outros abaixo e ao lado;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Envolve todos os familiares à exceção do pai num só conjunto;

#### Representação de Fronteiras

**Fronteira Individual:** A distância interpessoal representada aponta para a presença de diferenciação entre si e a sua família;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** A mãe aparece representada num nível superior e com um símbolo de maior dimensão em relação ao seu, indicando o reconhecimento de hierarquias.

#### Representação das Pertenças

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Incluiu-se num conjunto único que engloba a família alargada, a mãe e o irmão, apontando para o reconhecimento da pertença familiar, ao mesmo tempo que o conjunto único possa indicar dificuldades na diferenciação dos limites da família nuclear e alargada;

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Representou símbolos de primos, tios e madrinha que fazem referência à família alargada materna;

**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** Representou 3 símbolos de amigas suas na instrução 5, revelando que as fronteiras intersistémicas permitem a relação com o sistema social.

#### Conflito de pertença

**Presença dos polos de conflito:** Apenas desenhou espontaneamente um dos polos. O outro foi representado por sugestão na instrução 4 no exterior do retângulo distante do símbolo do participante, podendo sugerir que ainda não foi realizada a reorganização das fronteiras e papéis familiares, causando a exclusão do pai da pertença familiar;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica Não Integrativa de Posicionamento a Favor da Mãe e de Exclusão do Pai.

Figura 9.19. Dupla Lua de T.



Quadro 9.18

*Análise da Dupla Lua de T.*

#### Elementos Gráficos

**Tipologia dos símbolos:** Símbolos pictográficos convencionais;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** O seu símbolo é o maior, seguido pelo da sua mãe, pai, avó, tio, tia e avô;

**Disposição dos elementos no retângulo:** Colocou o seu símbolo no centro, a mãe à esquerda acima, e a avó à direita. Usou também o exterior do retângulo para representar o pai

**Elementos desenhados espontaneamente:** Desenhou a mãe, a avó, o pai, o tio e uma tia;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Desenhou o avô falecido na 5ª instrução;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** Encontra-se mais próximo do avô, depois do tio e tia, depois da mãe, da avó e por fim do pai, que está mais distante, fora do retângulo;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Envolve todos os elementos num só limite

#### Representação de Fronteiras

**Fronteira Individual:** A distância interpessoal representada aponta para a presença de diferenciação entre si e a sua família;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** A posição do símbolo da mãe e da avó num nível acima do seu pode indicar uma boa definição das fronteiras geracionais e da hierarquia de papéis.

#### Representação das Pertencas

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Incluiu-se no conjunto único que engloba os seus familiares, havendo reconhecimento da pertença familiar;

**Fronteiras intra-sistêmicas e estruturas triangulares:** Representa a avó, o tio, a tia e o avô como elementos da família alargada;

**Fronteiras inter-sistêmicas e relação com o estranho:** Não há referência a elementos extrafamiliares

#### Conflito de pertença

**Presença dos polos de conflito:** Representou os polos de conflito;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica Não Integrativa de Exclusão do Pai.

Figura 9.20. Dupla Lua de Ri.



Quadro 9.19

Análise da Dupla Lua de Ri.

#### Elementos Gráficos

**Tipologia dos símbolos:** Uso de símbolos pictográficos não convencionais para se representar a si, à mãe, irmã, prima, avô, tio, pai e avô, de um símbolo abstrato para representar uma tia, e um símbolo pictográfico convencional para representar a namorada;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Existe homogeneidade na dimensão dos símbolos;

**Disposição dos elementos no retângulo:** Uso da parte superior interior do retângulo, e da parte exterior direita.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Desenhou por ordem a namorada, a mãe, a irmã, um tio e tia fora do retângulo e uma prima;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Desenhou o pai na 4ª instrução. Desenhou na 5ª instrução o avô, dentro do retângulo e a avó fora, dizendo que gosta dela e ela dele, mas que deseja que esta fosse mais amiga da sua mãe;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** Encontra-se mais perto da namorada, depois da mãe e irmã. O pai encontra-se do lado oposto da folha, fora do retângulo;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Desenha um limite para cada um, em si, na namorada, na mãe, irmã, prima, avô, avó, e tio.

#### Representação de Fronteiras

**Fronteira Individual:** A distância interpessoal representada aponta para a presença de diferenciação entre si e a sua família;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** A posição do seu símbolo no mesmo nível em que se encontra o da mãe pode indicar dificuldade na definição das fronteiras geracionais e da hierarquia de papéis

#### Representação das Pertencas

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Não se engloba em nenhum conjunto familiar, logo não há reconhecimento da pertença familiar;

**Fronteiras intra-sistêmicas e estruturas triangulares:** Representa a avó, o avô, a tia, o tio e a prima maternos;

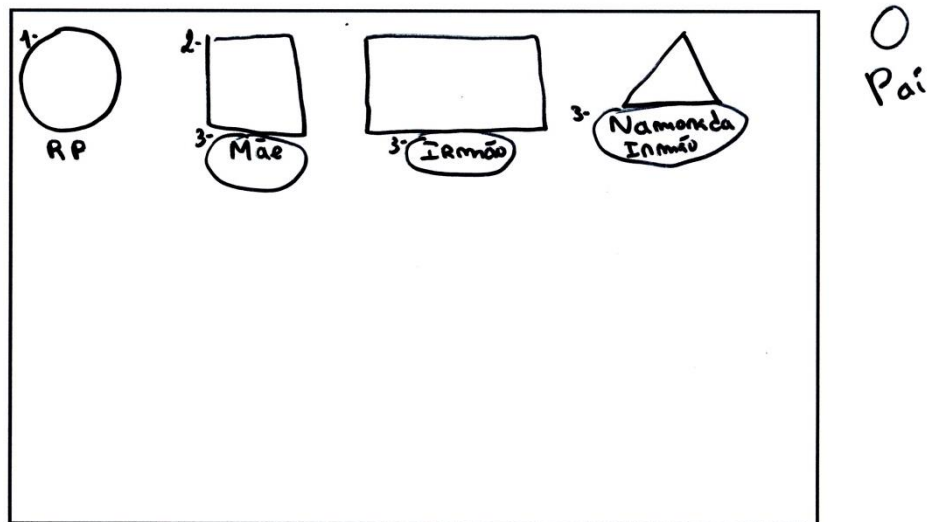
**Fronteiras inter-sistêmicas e relação com o estranho:** Representa a namorada como elemento de relações extrafamiliares.

#### Conflito de pertença

**Presença dos polos de conflito:** Estão representados ambos os polos de conflito;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica Não Integrativa de Uma Família para Cada pessoa

**Figura 9.21.** Dupla Lua de R.P.



### Quadro 9.20

*Análise da Dupla Lua de R.P.*

#### Elementos Gráficos

**Tipologia dos símbolos:** Símbolos representados por formas geométricas convencionais;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Homogeneidade na dimensão dos símbolos, à exceção do símbolo do pai mais tarde desenhado com menor dimensão;

**Disposição dos elementos no retângulo:** Representação dos símbolos iniciada no canto superior esquerdo, prosseguindo da esquerda para a direita, ocupando apenas a parte de cima. Desenhou mais tarde o pai na parte exterior ao retângulo.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Desenhou por ordem a mãe, o irmão, e a namorada do irmão.

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Desenhou o pai apenas na instrução 4;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** Encontra-se à esquerda de todos os elementos, mais próximo da mãe e mais afastado do pai;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Desenhou uma família para cada um, menos para si e para o pai.

#### Representação de Fronteiras

**Fronteira Individual:** A distância interpessoal representada aponta para a presença de diferenciação entre si e a sua família;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** A posição do seu símbolo no mesmo nível que o da mãe pode indicar dificuldade na definição de fronteiras e hierarquias familiares.

#### Representação das Pertencas

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Não se engloba em nenhum conjunto familiar, logo não há reconhecimento da pertença familiar;

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Não representou elementos das estirpes familiares;

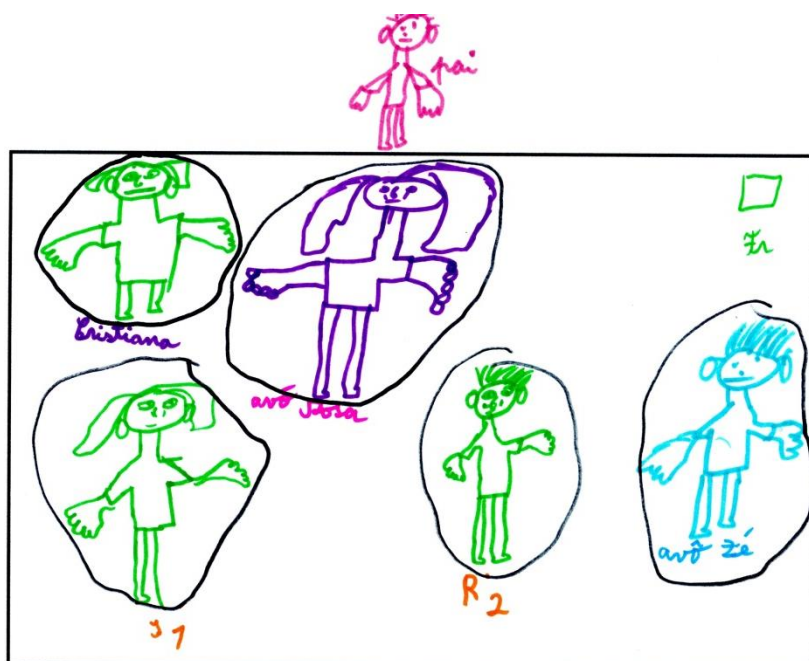
**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** Representou a namorada do irmão como elemento de relacionamento extrafamiliar.

#### Conflito de pertença

**Presença dos polos de conflito:** Representou ambos os polos do conflito;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica Não Integrativa de Isolamento do Sujeito.

Figura 9.22. Dupla Lua de Fr.



Quadro 9.21

Análise da Dupla Lua de Fr.

---

#### Elementos Gráficos

**Tipologia dos símbolos:** Desenha-se com uma figura geométrica, e restantes símbolos são pictográficos convencionais;

**Homogeneidade /heterogeneidade na dimensão:** Heterogeneidade na dimensão sendo o seu símbolo o mais pequeno de todos, seguindo-se o do seu pai. O símbolo da avó e da mãe são os maiores;

**Disposição dos elementos no retângulo:** Uso da maior parte do interior do retângulo e do exterior para representar o pai. O seu símbolo foi representado no canto superior direito.

**Elementos desenhados espontaneamente:** Desenhou a mãe, o irmão, a tia, a avó e o avô;

**Elementos desenhados não espontaneamente:** Não desenhou o pai, tendo-o feito na 4ª instrução;

**Posição e distância em relação aos elementos da família:** Desenhou-se no canto superior direito e tem a mãe como elemento mais distante, sendo representada próxima do canto inferior esquerdo. O elemento mais próximo é o seu avô e o seu irmão que está no limiar do 4º quadrante e é o 2º mais próximo. O pai foi representado fora do retângulo, em cima no centro;

**Representação dos limites familiares e elementos neles incluídos:** Desenhou um limite para cada pessoa, mas não se incluiu em nenhum, nem ao seu pai.

---

#### Representação de Fronteiras

**Fronteira Individual:** A grande distância entre o seu símbolo e os restantes pode indicar separação emocional;

**Fronteiras geracionais e hierarquia de papéis:** O tamanho inferior do seu símbolo e do símbolo do irmão, em conjunto com a representação dos símbolos dos avós e da mãe num nível inferior ao seu podem indicar uma certa ambivalência na definição das fronteiras geracionais e das hierarquias.

---

#### Representação das Pertenças

**Fronteiras familiares e pertença familiar:** Não se engloba em nenhum conjunto familiar, logo não há reconhecimento da pertença familiar;

**Fronteiras intra-sistémicas e estruturas triangulares:** Representou os avós e uma tia como elementos da família alargada maternos;

**Fronteiras inter-sistémicas e relação com o estranho:** Não representou símbolos de elementos extrafamiliares

---

#### Conflito de pertença

---

**Presença dos polos de conflito:** Apenas desenhou espontaneamente um dos polos. O outro foi representado por sugestão na instrução 4 no exterior do retângulo distante do símbolo do participante, podendo sugerir que ainda não foi realizada a reorganização das fronteiras e papéis familiares, causando a exclusão do pai da pertença familiar;

**Tipo de Modalidade Gráfica:** Modalidade Gráfica Não Integrativa de Isolamento do Sujeito, de Uma Família para cada Pessoa e de Exclusão do Pai

## 10. Referências Bibliográficas

- Achenbach, T. M. (1991). *Integrative Guide for the 1991 CBCL/4-18, YSR, and TRF Profiles*. Burlington, VT: University of Vermont, Department of Psychiatry. Obtido de Searchable Inventory of Instruments: Assessing Violent Behavior and Related Constructs in Children and Adolescents. Violence Institute of New Jersey at UMDNJ.: <http://vinst.umdj.edu/VAID/TestReport.asp?Code=CBCA>
- Almeida, A. M. (1994). *A Representação Materna, Paterna e Filial de Crianças Normais e Deprimidas*. (Tese de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada) Retirado de <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/287>.
- Almeida, L. S., & Freire, T. (2003). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilibrios.
- Almeida, L. S., Diniz, A. M., Pais, L. G., & Guisande, M. A. (2006). A Avaliação Psicológica na Prática dos Psicólogos: As Provas Psicológicas Usadas em Portugal. In C. Machado, L. S. Almeida, M. A. Guisande, M. Gonçalves, & V. Ramalho, *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (pp. 1091-1097). Braga: Psiquilibrios.
- Amato, P. R. (2000). The Consequences of Divorce for Adults and Children. *Journal of Marriage and the Family*, (62), 1269-1287. Retirado de [http://www.pgepsychiatry.com/images/d/d0/Consequences\\_of\\_Divorce\\_for\\_Adults\\_and\\_Children.pdf](http://www.pgepsychiatry.com/images/d/d0/Consequences_of_Divorce_for_Adults_and_Children.pdf).
- Ambert, A. (2009). *Divorce: Facts, Causes and Consequences*. Obtido de <http://thefamilywatch.org/doc/doc-0073-es.pdf>.
- American Psychiatric Association. (2000). *DSM-IV-TR: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders Text Revision*. Washington DC: American Psychiatric Association.
- Anastasi, A., & Urbina, S. (1997). *Psychological Testing*. Upper Saddle River, New Jersey: Prentice-Hall.
- Azevedo, J. P. (2011). *O Divórcio como Dinâmica Intergeracional: Estudo Teórico-Prático numa Amostra de Casados e Divorciados*. (Tese de Mestrado apresentada à Universidade Fernando Pessoa). Retirado de <http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/2259>.
- Bateson, G., Jackson, D., Haley, J., & Weakland, J. (1956). Toward a Theory of Schizophrenia. *Behavioral Science*, 251-254. Retirado de

<http://www.psychodyssey.net/wp-content/uploads/2012/05/TOWARD-A-THEORY-OF-SCHIZOPHRENIA-2.pdf>.

- Carneiro, F. C. (1986). A Simbolização no Teste do Desenho da Família. *Jornal de Psicologia*, (5)1, 13-17. Retirado de <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/25293/2/68869.pdf>.
- Carneiro, F. C. (1988). O Desenho da Família de Adolescentes Psicóticos. *Jornal de Psicologia*, (7)4, 8-12. Retirado de [https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDoQFjAB&url=http%3A%2F%2Fsigarra.up.pt%2Ffpeup%2Fpt%2Fpubls\\_pesquisa.show\\_publ\\_file%3Fpct\\_gdoc\\_id%3D5152&ei=LaMDUvskxYztBsTDgOgP&usg=AFQjCNEgL3riTvPrZ8ZOIYCGTLGnLz24UQ](https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDoQFjAB&url=http%3A%2F%2Fsigarra.up.pt%2Ffpeup%2Fpt%2Fpubls_pesquisa.show_publ_file%3Fpct_gdoc_id%3D5152&ei=LaMDUvskxYztBsTDgOgP&usg=AFQjCNEgL3riTvPrZ8ZOIYCGTLGnLz24UQ).
- Carter, B., & McGolrick, M. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura para a Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artemed.
- Cigoli, V. (2004). Presentazione: Il Test de "La Doppia Luna", Il Metodo e la Cornice. In O. Greco, *La Doppia Luna: Test dei Confini e delle Appartenenze Familiari* (pp. 7-14). Milano: Vita e Pensiero.
- Cigoli, V., & Scabini, E. (2000). *Il Familiare*. Torino: Raffaello Cortina Editore.
- Cigoli, V., & Scabini, E. (2013). Sul Paradosso dell'Omogenitorialità. *Vita & Pensiero*, 51(3), Obtido de <http://www.rassegnastampatotustuus.it/modules.php?name=News&file=article&sid=5655>.
- Cigoli, V., & Tamanza, G. (2009). *L'Intervista Clinica Generazionale*. Milão: Raffaello Cortina.
- Clarke-Stewart, A., & Brentano, C. (2006). *Divorce: Causes and Consequences*. New Haven: Yale University Press.
- Código Civil*. (s.d.).
- Coelho, C. D. (2005). *Small Voices in the Midst of Change: Children of Stepfamilies and the Family Relations Button Sort*. (Tese de Mestrado apresentada à Trinity Western University). Retirado de <http://www2.twu.ca/cpsy/theses/coelhocarissma.pdf>.
- Constituição da República Portuguesa*. (s.d.).
- Corman, L. (2003). *O Teste do Desenho da Família*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Crijnen, A. A., Achenbach, T. M., & Verhulst, F. C. (1999). Problems Reported by Parents of Children in Multiple Cultures: the Child Behavior Checklist

- Syndrome Constructs. *The American Journal of Psychiatry*, 156(4), 569-574.  
Retirado de <http://ajp.psychiatryonline.org/article.aspx?articleid=173367>.
- Cunha, S. (2005). *Todos Juntos para Sempre: Representações e Expectativas sobre a Família e a Adopção em Crianças e Jovens Institucionalizados*. Obtido de <http://maracujah.net/files/doc/tjps.pdf>
- DeHaan, L. G., Hawley, D. R., & Deal, J. E. (2013). Operationalizing Family Resilience as Process: Proposed Methodological Strategies. In D. S. Becvar, *Handbook of Family Resilience* (pp. 17-29). DOI 10.1007/978-1-4614-3917-2\_2.
- Equipo EIF. (2008). *Manual de Instrumentos de Avaliação Familiar*. Madrid: Editorial CSS.
- Fensterseifer, L. (2008). *Teste de Apercepção Familiar: Sistema de Categorização das Respostas e Fidedignidade entre Avaliadores*. (Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil). Retirado de [http://tede.pucrs.br/tde\\_arquivos/20/TDE-2009-01-12T122113Z-1657/Publico/408226.pdf](http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/20/TDE-2009-01-12T122113Z-1657/Publico/408226.pdf). Obtido de [http://tede.pucrs.br/tde\\_arquivos/20/TDE-2009-01-12T122113Z-1657/Publico/408226.pdf](http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/20/TDE-2009-01-12T122113Z-1657/Publico/408226.pdf)
- Fensterseifer, L., Lima, G. Q., Paranhos, M. E., & Werlang, B. S. (2009). Fidedignidade Entre Avaliadores no Teste de Apercepção Familiar (FAT). *Psico*, 40(3), 287-293.
- Fernandes, E., & Almeida, L. (2001). *Métodos e Técnicas de Análise: Contributos para a Prática e Investigação Psicológica*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Fonseca, A. R., & Capitão, C. G. (2005). Abuso Sexual na Infância: um Estudo de Validade de Instrumentos Projetivos. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 6(1), 27-34.
- Formiga, N. S., & Mello, I. (2000). Testes Psicológicos e Técnicas Projetivas: Uma Integração para um Desenvolvimento da Interação Interpretativa Indivíduo-Psicólogo. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 20(2), 12-19.
- Fortin, M.-F. (1999). *O Processo da Investigação: da Concepção à Realização*. Loures: Lusociência.

- Fuster, E. G., & Ochoa, G. M. (2000). *Psicología Social de la familia*. Barcelona: Paidós.
- Gough, K. (1971). The Origin of the Family. *Journal of Marriage and Family*, 33(4), 760-771.
- Gozzoli, C., & Tamanza, G. (1998). *Family Life Space. L'analisi Metrica del Disegno*. Milão: FrancoAngeli.
- Grassano, E. (1996). *Indicadores Psicopatológicos nas Técnicas Projectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Greco, O. (2004). *La Doppia Luna: Test dei Confini e delle Appartenenze Familiari*. Milano: Vita e Pensiero.
- Groth-Marmat, G. (2003). *Assessment, Handbook of Psychological*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Haynes, S. N., Nelson, K., & Blaine, D. (1999). Psychometric Issues in Assessment Research. In J. N. Kendall, G. N. Butcher, & H. G. N., *Research Methods in Clinical Psychology* (pp. 125-154). New York: John Wiley & Sons.
- Instituto Nacional de Estatística. (2012). *Censos 2011 Resultados Definitivos - Portugal*. Obtido de [http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2).
- Instituto Nacional de Estatística. (2013). *Estatísticas Demográficas 2011*. Obtido de [https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDYQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.ine.pt%2Fngt\\_server%2Fattachfileu.jsp%3Flook\\_parentBoui%3D156066969%26att\\_display%3Dn%26att\\_download%3Dy&ei=ljv2UZH1I-i47Ab0Kw&usg=AFQjCNGfA0MvIWVf](https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDYQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.ine.pt%2Fngt_server%2Fattachfileu.jsp%3Flook_parentBoui%3D156066969%26att_display%3Dn%26att_download%3Dy&ei=ljv2UZH1I-i47Ab0Kw&usg=AFQjCNGfA0MvIWVf).
- Iraurgi, I. C. (2008). Procedimientos Metodológicos para a Elaboración, Adaptación y Validación de Instrumentos de Medida en Psicología. In E. EIF, *Manual de Instrumentos de Avaliação Familiar* (pp. 15-57). Madrid: Editorial CCS.
- Juri, L. J. (1979). *Teste de la Pareja in Interacción: Técnicas Projectivas Grupales*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Lello, J., & Lello, E. (1988). *Lello Universal: Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro em 2 Volumes*. Porto: Lello e Irmão Editores.

- Leung, A. K., & Robson, L. M. (1990). Children of Divorce. *The Journal of the Royal Society for the Promotion of Health*, 110, 161-163. DOI: 10.1177/146642409011000505.
- Martins, A. I. (2010). *Factores que Contribuem para uma Melhor Adaptação. Implicações Médico-Legais*. (Tese de Mestrado apresentada à Universidade do Porto). Retirado de <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26364/2/Tese%20de%20Mestrado%20Ana%20Martins.pdf>.
- Minuchin, S. (1982). *Família, Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Moreira, R. A. (2001). *As Crianças, Quando os Pais Bebem: Estudo em Crianças do Ensino Básico*. (Tese de Mestrado). Retirado de [http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9544/3/4915\\_TM\\_01\\_P.pdf](http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9544/3/4915_TM_01_P.pdf).
- Morval, M. (1974). A Propos d'Interprétation du Dessin De Famille. *Revue de Psychologie et des Sciences de l'Education*, 457-473.
- Murdock, G. P. (1949). *Social Structure*. Nova Iorque: The Macmillan Company.
- Neves, M. P. (2012). *A Depressão na Criança: Percepção das Relações Familiares na Criança, na Mãe e no Pai - 5 Estudos de Caso*. (Tese de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada). Retirado de <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2271/1/14543.pdf>.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2004). Structural Family Therapy: The Underlying Organization of Family Life. In *Family Therapy: Concepts and Methods* (pp. 176-203). Retirado de [https://moodle.umons.ac.be/pluginfile.php/40922/mod\\_resource/content/1/Minuchin%20-%20compl%C3%A9ment.pdf](https://moodle.umons.ac.be/pluginfile.php/40922/mod_resource/content/1/Minuchin%20-%20compl%C3%A9ment.pdf).
- Noronha, A. P., & Vendramini, C. M. (2003). Parâmetros Psicométricos: Estudo Comparativo entre Testes de Inteligência e de Personalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 177-182.
- Ortega, A. C. (1985). *O Desenho da Família como Técnica de Investigação Psicológica: Influências da Idade, Sexo e Ordem de Nascimento*. (Tese de Doutorado, Instituto de Seleção e Orientação Profissional, Rio de Janeiro, Brasil). Retirado de

- <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/9630/000042416.pdf?sequence=1>.
- Pasquali, L. (Org.). (2009). *Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Práticas*. Porto Alegre: Artmed.
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos Psicológicos: Manual Prático de Elaboração*. Brasília: LabPAM / IBAPP.
- Pimentel, M. J. (2006). *A Dinâmica da Relação nas Fratrias de Crianças com Doença Rara – Estudo Comparativo entre a Síndrome Cornélica de Lange e a Síndrome Prader-Willi*. (Tese de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada) Retirado de <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/797>.
- Psiquilibrios Edições. (2013). *Sistema de Avaliação Empiricamente Validado (ASEBA): Um Sistema Integrado de Avaliação com Múltiplos Informadores*. Retirado de <http://www.psiquilibrios.pt/cat-EdPsig-ASEBA.html>.
- Ramires, V. R. (2004). As Transições Familiares: a Perspetiva de Crianças e Pré-Adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 9(2), 183-193.
- Rapoport, R., & Rapoport, R. N. (1982). British Families in Transition. In R. N. Rapoport, M. Fogarty, & R. Rapoport, *Families in Britan*. Londres: Routledge & Kegan Paul.
- Rego, C. F. (2008). *A Mãe e o Pai vão Separar-se: Falar com os Filhos sobre a Separação Conjugal*. (Tese de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa). Retirado de [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/713/1/17474\\_Dissertacao\\_de\\_Mestrado.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/713/1/17474_Dissertacao_de_Mestrado.pdf).
- Ribeiro, M. S., Sampaio, D., & Amaral, J. A. (1991). *Que divórcio? Aspectos Psicológicos, Sociais e Jurídicos*. Lisboa: Edições 70.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em Desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- Sani, A. I. (2006). Avaliação de Crianças Expostas à Violência Interparental em Processos de Separação e Divórcio. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 3, 289-296. Retirado de <http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/630>.
- Saraceno, C., & Naldini, M. (2003). *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Scabini, E. (2006). Famiglia e Famiglie: Affetti e Legami. *Liberalizzazioni e Libertà. Se bastasse abolire...*, 7(3), 61-67.

- Searchable Inventory of Instruments. (2013). *Child Behavior Checklist*. Obtido de Searchable Inventory of Instruments: Assessing Violent Behavior and Related Constructs in Children and Adolescents: Retirado de <http://vinst.umdj.edu/VAID/TestReport.asp?Code=CBCA>
- Segalen, M. (1999). *Sociologia da Família*. Lisboa: Terramar.
- Simón, C. (2011). *Types of Families*. Retirado de <http://vwordpress.stmarys-ca.edu/ces10/files/2012/08/Types-of-Families-np9dwb.pdf>.
- Tavares, M. (2003). Validade Clínica. *Psico-USF*, 8(2), 125-136.
- Thiessen, S. E. (2002). *The Family Relations Button Sort: Towards its Validation Among Children of Divorce*. (Tese de Mestrado apresentada à Trinity Western University). Retirado de <http://www2.twu.ca/cpsy/theses/thiessenshannon.pdf>.
- Torres, A. C. (1996). *Divórcio em Portugal, Ditos e Interditos: uma Análise Sociológica*. Oeiras: Celta Editora.
- Villemor-Amaral, A. E. (2008). A Validação Teórica em Avaliação Psicológica. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 28(1), 98-109.
- Villemor-Amaral, A. E., & Pasqualini-Casado, L. (2006). A Cientificidade das Técnicas Projetivas em Debate. *Psico-USF*, 11(2), 185-193.
- Vogel, A. (2011). Um breve histórico da Terapia Familiar Sistêmica. *Revista IGT na Rede*, 116-129. Retirado de <http://www.igt.psc.br/ojs/>.
- Von Staabs, G. (1991). *The Scenotest Manual: A Practical Technique for Understanding Unconscious Problems and Personality Structure*. Seattle: Hogrefe & Huber Publishers, Incorporated.
- Werlang, V. S., Fensterseifer, L., & Lima, G. Q. (2006). Teste Aperciativo Familiar (FAT): Técnica Projetiva de Avaliação Psicológica. *Avaliação Psicológica*, 5(2), 255-260.
- Westen, D., Feit, A., & Zittel, C. (1999). Methodological Issues in Research Using Projective Techniques. In P. C. Kendall, J. N. Butcher, & G. Holmbeck, *Handbook of Research Methods in Clinical Psychology* (pp. 224-240). New York: Wiley.
- Wielewicki, A., Gallo, A. E., & Grossi, R. (2011). Instrumentos na Prática Clínica: CBCL como Facilitador da Análise Funcional e do Planejamento da Intervenção. *Temas em Psicologia*, (19)2, 513-523. Retirado de <http://www.sbponline.org.br/revista2/vol19n2/PDF/v19n2a14.pdf>.

- Zonabend, F. (1988). De la Familia. Una Visión Etnológica del Parentesco y la Familia. In A. Burguière, C. Klapisch-Zuber, M. Segalen, & F. Zonabend, *Historia de la Familia* (pp. 15-75). Madrid: Alianza.
- Zuma, C. E. (1997). Terapia de Família Sistémico-Construtivista. *Revista IGT na Rede*, 116-129. Retirado de <http://www.noos.org.br/userfiles/file/Terapia%20de%20Fam%C3%ADlia%20Sist%C3%AAmico-Construtivista.pdf>.